

Ana Paula Meura

***Relação entre o ensino formal e o ensino não
formal: reflexões sobre o Projeto Educativo
da Fundação Vera Chaves Barcellos***

Porto Alegre

2011

Ana Paula Meura

Relação entre o ensino formal e o ensino não formal: reflexões sobre o Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora:
Umbelina Maria Duarte Barreto

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Porto Alegre

2011

Trabalho de Conclusão de Curso sob o título "*Relação entre o ensino formal e o ensino não formal: reflexões sobre o Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos*", defendido por Ana Paula Meura e aprovado em 13 de dezembro de 2011, em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, pela banca examinadora constituída por:

Prof^a. Dr^a. Umbelina Maria Duarte Barreto
Orientadora

Prof. Ms. Rodrigo Nuñez
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul

Prof. Dr. Paulo Silveira
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul

Agradecimentos

Mais importante do que agradecer a contribuição direta a esta etapa, faz-se necessário agradecer pessoas especiais que estiveram diretamente ligadas para que este trabalho fosse realizado e concluído.

Agradeço, em primeiro lugar, a minha família, pela educação inicial e formação moral e em especial ao meu pai, José Augusto, e a minha mãe, Edineia, pelo apoio, incentivo, dedicação e paciência na finalização dessa etapa.

Ao Victor Gonçalves por todo apoio, companheirismo, carinho, paciência e ajuda, fundamentais para a finalização desse projeto.

À Gabriela Costa e sua família pelo companheirismo e amizade durante todos esses anos.

Às colegas e amigas, Camila Göttems e Marina Knapp, pela parceria e amizade em todos os momentos.

À minha orientadora, Umbelina Barreto, por toda atenção, dedicação e orientação prestada desde o início.

Ao professor Rodrigo Nuñez por todas as etapas da graduação em que esteve presente.

Ao professor Paulo Silveira pela participação no início do trabalho de conclusão.

À professora Paola Zordan pela motivação e apoio durante o Estágio.

Aos demais professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais que contribuíram de certa forma para que esse caminho fosse traçado durante a graduação.

Aos entrevistados, Marina Almeida, Laura Dalla Zen e Vera Chaves Barcellos, que participaram da pesquisa.

Aos professores que participaram do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos que prontamente participaram e colaboraram através dos questionários e de alguns relatos.

E a todas as outras pessoas não citadas nominalmente que, de uma forma ou outra, estiveram presentes me apoiando e incentivando para que tudo desse certo nessa caminhada.

"O objetivo maior não é propiciar contato para que todos os aprendizes conheçam este ou aquele artista, mas sim que eles e elas possam perceber como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e de seus desejos, de sua cultura, de sua realidade, da natureza à sua volta e de suas esperanças e desesperanças, de seu modo particular de pesquisar a materialidade através da linguagem da arte."

Mirian Celeste Martins

Resumo

Este trabalho trata de fazer uma reflexão sobre questões que perpassam a educação formal e a educação não formal no ensino da arte. Inicia focalizando a importância da interlocução entre ambas, através de um breve histórico sobre o ensino da arte e passa a abordar a educação formal e a educação não formal contextualizando a abordagem nas mudanças operadas em sala de aula em estreito contato com a arte contemporânea. O estudo segue apontando as transformações ocorridas através das instituições culturais emergentes, focalizando a Fundação Vera Chaves Barcellos, contextualizando-a no texto através de uma análise que a coloca lado a lado com o Museu Lasar Segall e com a Fundação Iberê Camargo, traçando um quadro comparativo entre as ações educativas das três instituições que apresentam semelhanças, entretanto com tempos de existência distintos. Finaliza em um estudo sobre a implementação do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos, enfatizando a importância do Projeto para a comunidade local, enfatizando algumas propostas de ações educativas que possam vir a contribuir com a ampliação e desenvolvimento para a continuidade do Projeto Educativo da Instituição. Trazendo o pensamento de Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque ao articular o ensino formal e o ensino não formal, além da visão de Alice Bemvenuti relacionada ao ensino não formal e a visão de Ana Mae Barbosa relacionada ao ensino formal através da metodologia triangular, no desenvolvimento do texto são enfatizadas as mudanças que aproximam a arte e a cultura, sem esquecer-se da importância das definições políticas com os Parâmetros Curriculares Nacionais em que se aproximam também instituições educacionais de instituições culturais e gera mudanças positivas na formação e na formação continuada do professor de arte levando-o a se aproximar da arte e do pensamento contemporâneo.

Palavras-chave: formação do professor de arte, ensino da arte, instituição cultural, educação formal, educação não formal.

Abstract

This coursework deals with a reflection on issues that cut across formal education and non-formal education on the teaching of arts. It starts focusing on the importance of dialogue on both, through a brief history on art education, and begins to address the formal and non formal educational contexts to approach changes in classrooms in close contact to contemporary art. This study points out the changes occurred through emerging cultural institutions, focusing on Fundação Vera Chaves Barcellos, contextualizing it in the text through an analysis that places it side by side to Museu Lasar Sergall and to Fundação Iberê Camargo, drawing a comparison chart between the Educational Project of the three institutions, that have similarities, although with times of separate existence. It ends with a study on the implementation of Fundação Vera Chaves Barcellos Educational Project, emphasizing the importance of the project to the local community, emphasizing some proposals for educational activities that may contribute to the expansion and development of the continuity of the Institution's Educational Project. Presenting the ideas of Miriam Celeste Martins and Gisa Picosque to articulate the formal and the non-formal teaching, besides the thought of Alice Benvenuti related to the non-formal teaching and the thought of Ana Mae Barbosa related to the formal teaching through the triangular methodology, on the development of the text are emphasized the changes that bring together art and culture, without forgetting the importance of the political definitions on Parâmetros Curriculares Nacionais in which educational institutions are approximated to cultural institutions and generate positive changes to the continuing education of art teachers, leading them to be approximated to art and to contemporary thought.

Keywords: teacher training art, art education, cultural institution, formal education, informal education, contemporary art.

Sumário

Lista de Figuras

Apresentação	p. 13
Encontrando um caminho	p. 13
Introdução	p. 15
Projeto Educativo: uma ferramenta para a Educação em Arte	p. 15
1 Breve contexto histórico dos caminhos do Ensino da Arte na relação com a cultura.	p. 21
1.1 Arte e o ensino formal	p. 29
1.2 Arte e o Ensino não formal	p. 40
2 Mudanças Culturais: a emergência das instituições culturais na atualidade	p. 49
2.1 Museu Lasar Segall	p. 53
2.1.1 Ação Educativa do Museu Lasar Segall	p. 57
2.2 Fundação Iberê Camargo	p. 70
2.2.1 Programa Educativo da Fundação Iberê Camargo	p. 75
2.3 Fundação Vera Chaves Barcellos	p. 82
2.3.1 Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos	p. 86
2.4 Quadro comparativo entre as três instituições abordando os principais aspectos das suas ações educativas	p. 91
3 Primeiro semestre do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves	

Barcellos	p. 97
3.1 Reflexões sobre a participação dos professores na implementação do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos.	p. 109
3.2 Quadro de resultados do questionário avaliativo da repercussão do Projeto	p. 114
3.3 Conjunto propositivo de ações para o desenvolvimento do Projeto da Fundação Vera Chaves Barcellos	p. 119
3.3.1 Quadro com os principais pontos abordados para o desenvolvimento e ampliação do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos	p. 123
Considerações Finais	p. 125
Referências	p. 130
Anexos	p. 135

Lista de Figuras

1.1	Estágio	p. 36
1.2	Visita à Bienal	p. 37
1.3	Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha	p. 38
1.4	Sala de Artes	p. 38
1.5	8ª Bienal do Mercosul	p. 45
2.1	Fachada do Museu Lasar Segall, 2011	p. 54
2.2	Parte interna do museu, espaço de exposição dedicado a Jenny Klabin	p. 55
2.3	Pátio interno do museu	p. 55
2.4	Espaços do museu	p. 56
2.5	Entrada da Biblioteca Jenny Klabin	p. 56
2.6	Biblioteca	p. 57
2.7	Entrada do espaço expositivo reservado a exposições temporárias . .	p. 59
2.8	Espaço expositivo	p. 60
2.9	Entrada do espaço expositivo da exposição de acervo	p. 60
2.10	Espaço expositivo	p. 61
2.11	Espaço educativo	p. 61
2.12	Ação Educativa em ação	p. 62
2.13	Indicação para o áudio guia	p. 64
2.14	Jogos	p. 67
2.15	Material Didático de 1998	p. 68
2.16	Material Didático 2005	p. 68
2.17	Material Didático de 2002 com Lasar Segall e Otto Dix	p. 69

2.18	Fundação Iberê Camargo	p. 73
2.19	Entrada da Fundação Iberê Camargo	p. 73
2.20	Espaço expositivo da Fundação Iberê Camargo	p. 74
2.21	Capacitação de Professores (Foto: Luciano Laner)	p. 77
2.22	Material Didático Iberê Camargo de 2008	p. 78
2.23	Material Didático específico da exposição temporária	p. 78
2.24	Espaço Educativo para as oficinas	p. 80
2.25	Centro de Documentação e Pesquisa	p. 84
2.26	Acervo e Reserva Técnica	p. 84
2.27	Entrada da Fundação em Viamão	p. 85
2.28	Sala dos Pomares	p. 85
2.29	1º encontro com os professores na Sala dos Pomares	p. 88
2.30	Um dos encontros com artistas do Projeto Educativo	p. 88
2.31	Encerramento do educativo com apresentação dos trabalhos dos professores	p. 89
2.32	Material entregue aos professores	p. 90
3.1	Exposição Pintura	p. 98
3.2	Espaço Expositivo (Foto: Juliana Lima)	p. 99
3.3	Primeiro encontro do Projeto Educativo (com as obras, levantando questões)	p. 100
3.4	Primeiro encontro do Projeto Educativo (reflexões finais)	p. 100
3.5	2º encontro do projeto educativo	p. 102
3.6	3º Encontro: com a artista Marilene Burtet Pietá	p. 102
3.7	4º encontro do projeto educativo	p. 103
3.8	5º Encontro: apresentação dos trabalhos realizados em sala de aula	p. 104
3.9	5º Encontro: apresentação dos trabalhos dos professores	p. 104

3.10 <i>Epidermic Scapes</i> , 1977 Impressões da pele ampliadas fotograficamente Vera Chaves Barcellos, Viamão – RS	p. 105
3.11 Apresentado no 5º encontro: trabalhos dos alunos baseado na obra da artista Vera Chaves Barcellos	p. 105
3.12 <i>Relicário de cera e melancolia</i> , da série <i>Meu Nome é Ninguém</i> - Odisseia /Homero, 2009 Acrílico emborrachado, cera de abelha, carvão, bastidor de MDF e peças de transformados, 138 x 197cm, Lenir de Miranda, Pelotas - RS	p. 106
3.13 Trabalho de um dos alunos	p. 107
3.14 Trabalho dos alunos a partir dos mitos apresentados pela professora.	p. 107
3.15 Visita dos alunos da EMEF Paulo Freire EMEF Paulo Freire de Viamão	p. 108
3.16 Cartaz com o nome da exposição escolhido pelos alunos.	p. 109

Apresentação

Encontrando um caminho

Em 2008 iniciei o curso de Artes Visuais sem saber bem que caminho realmente começaria a percorrer. Hoje sei que o percurso que me levou para educação sempre foi essa vontade de passar o pouco do que sei para outras pessoas, dividir o conhecimento e compartilhar as conquistas. Isso eu tenho realizado até mesmo antes de entrar para a faculdade de artes, ao atuar como catequista e professora de artesanato para adultos atuando na educação não formal, entretanto ainda longe da arte.

A partir dos primeiros contatos dentro do Curso com disciplinas e práticas direcionadas exclusivamente para educação percebi qual era realmente o caminho que poderia seguir. Nessas disciplinas iniciou-se o entendimento do que é ser professor, compreendendo a importância do professor em sala de aula e também atuante na escola. Ultrapassando o papel do professor passei a compreender a importância do ensino da arte e do profissional em arte, não somente na escola, mas em instituições culturais que se envolvem diretamente com a educação.

Nesse momento percebi o quanto foi falho o ensino da arte que ainda existia em minha memória, aquele que eu me lembrava de meus tempos de escola, pois, foi somente na faculdade que comecei a estreitar meus contatos com as diversas instituições de arte, onde busquei um aprimoramento da minha formação através de palestras, discussões, e formações direcionadas à preparação de professores. Essas instituições tem o objetivo de fazer os professores se aproximar da instituição e, simultaneamente, aproximar seus alunos da arte. Verifiquei que, desta maneira, a arte poderia realmente fazer parte da escola.

No ano de 2009, mais ou menos na metade do curso de graduação, iniciei um estágio não obrigatório no Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Vera Chaves Barcellos, lugar onde pude me aproximar mais ainda da arte contemporânea através de um centro de documentação, em contato direto com documentos artísticos, e, principalmente, pude me aproximar de uma instituição emergente no cenário da arte

do Estado do Rio Grande do Sul.

O interesse pela educação não formal foi crescendo e levando a uma busca pelo modo como seria feita essa ponte com a comunidade e como se construiria o acesso a Fundação e à arte contemporânea, essa arte que eu estava aprendendo a conhecer, além de reconhecer a importância do valor cultural da mesma para a comunidade.

O marco que me fez definir o atual projeto de graduação foi a exposição, *Silêncios e Sussurros* na Sala dos Pomares da Fundação, em maio de 2010, e desde esta data venho acompanhando as tentativas de se implementar um Projeto Educativo na Instituição.

Este ano, 2011, a Fundação esteve com a sua segunda exposição, denominada *Pintura: da matéria à representação*, e, finalmente, conseguiu iniciar, ainda em março, o Projeto Educativo.

Dessa forma, pude perceber e acompanhar as dificuldades e as precariedades também apontadas pelos professores do ensino da arte na escola, pois passei a ter contato com diversas realidades escolares através de observações, conversas e entrevistas. Entretanto também notei alguns aspectos bons, pois no contato com os professores verifiquei que são empolgados e com vontade de ampliar seus horizontes, e aprender mais para poder ajudar a construir o desenvolvimento de seus alunos, provocando um crescimento em sua própria sala de aula.

Acredito que essa ponte entre instituições como a Fundação Vera Chaves Barcellos com a escola e a comunidade da qual ela faz parte seja fundamental e necessária para o acesso da escola à arte contemporânea, provocando a ampliação do ensino da arte na interlocução com a cultura atual, e, partindo dessa crença é que iniciei este Trabalho de Conclusão de minha formação como Licenciada em Artes Visuais.

Introdução

Projeto Educativo: uma ferramenta para a Educação em Arte

O presente trabalho se desenvolve a partir de um percurso que vem sendo alinhado agregando as atividades complementares constitutivas da formação em Licenciatura em Artes Visuais e define em especificidade um perfil de professor de arte em que se articulam a educação formal e a educação não formal, enfocando a relação da Educação Básica com Ações Educativas em Instituições Culturais.

Durante o período da graduação, através da participação de formação de professores em estágio curricular realizado em Instituições Culturais tem-se constatado a pouca procura e o pouco acesso que a comunidade em geral possui das instituições de arte. Com isso verificou-se que a situação atual pode ser mudada a partir da educação, pois ainda é muito recente no Brasil a relação das Instituições Culturais, especificamente artísticas, envolvendo Ações Educativas em estreito diálogo com a Educação Formal.

As instituições culturais existentes no Brasil, em sua maioria, oferecem ingresso gratuito e elas estão sempre abertas para receber o público que as procura, principalmente, para a visitação. E, ainda, como afirma Alice Bemvenuti¹:

não basta que os museus estejam abertos a todos,   preciso possibilitar o acesso aos bens culturais e provocar, primeiramente, uma aproxima o e uma rela o mais ótima com este espaço, envolvendo atividades de media o dos objetos (BEMVENUTI, 2007, p.619).

O que confirma, de certa forma, a constata o anterior sobre a falta de hábito das pessoas de frequentar esses lugares e verifica-se que, em parte, essa situa o se

¹Alice Bemvenuti   mestre em Artes Visuais (História, Teoria e Crítica de Arte) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Diretora do Museu do Trem e de Patrim nio Cultural em São Leopoldo (RS).   pesquisadora na área de patrimônio cultural, museu, ensino da arte, média-educa o e aprendizagem com jogos educativos. Atua em forma es de professores com enfoque nas aprendizagens possíveis na contemporaneidade.

deve à educação, que não prioriza o ensino da arte, mas também, talvez ainda não se possua as ferramentas adequadas para que esse contato seja possível.

Por outro lado, encontra-se no Plano Nacional da Educação² a articulação da melhoria de ensino e o compromisso com a cidadania através da valorização do magistério:

A melhoria da qualidade do ensino, indispensável para assegurar à população brasileira o acesso pleno à cidadania e a inserção nas atividades produtivas que permita a elevação constante do nível de vida, constitui um compromisso da Nação. Este compromisso, entretanto, não poderá ser cumprido sem a valorização do magistério, uma vez que os docentes exercem um papel decisivo no processo educacional (BRASIL, PNE, 2010).

Dessa forma, aliando o cumprimento desse compromisso fixado pelo PNE à situação atual da falta de acesso à cultura pela comunidade, tem-se o que se considera como o ponto chave e fundamental para que essa comunidade chegue às instituições culturais: a formação inicial do professor de arte em diálogo com a educação não formal e a continuidade da formação, que possibilita a esse profissional a troca de experiências e discussões acerca da arte, levando-o a abertura para a pesquisa e requalificando as ações na escola, curriculares e culturais.

A partir desse interesse em ações educativas e da visão da necessidade de aproximar a instituição cultural da escola e vice-versa, tenta-se entender realmente como acontece essa ponte entre as instituições culturais e a comunidade escolar e também como se pode contribuir para a sua efetivação. A preocupação se volta, principalmente, para o incentivo à formação continuada do professor de arte, e em como esses espaços e os agentes que neles atuam poderão constituir projetos que ampliem o trabalho do professor em sala de aula, oportunizando discussões, reflexões e debates acerca da área do conhecimento, tanto no sentido de responder perguntas como na possibilidade de se levantar muitas outras questões que ainda não tenham sido sequer pensadas.

Com um trabalho na Fundação Vera Chaves Barcellos e o acompanhamento por um período significativo de tempo de algumas ações da instituição, fortaleceu-se esse interesse pela área da educação em espaços não formais de aprendizagem. Nesse

²Plano Nacional de Educação (PNE): o novo plano irá vigorar de 2011 a 2020. O PNE possui dez diretrizes objetivas e vinte metas, entre elas estão algumas como: universalizar o atendimento aos estudantes com deficiência, oferecer ensino em tempo integral em 50% da rede pública, atingir média 6 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) nas séries iniciais e 5,5 nas finais, etc. (BRASIL, PNE, 2010)

sentido, chama-se a atenção para a inserção da instituição na comunidade da qual faz parte e a sua relação com o professor de arte em uma proposta de um aprendizado mutuo e enriquecedor.

A Fundação Vera Chaves Barcellos é uma instituição emergente no cenário das instituições culturais do Brasil. Fundada em 2004 pela própria artista que dá nome a instituição, ela tem como um de seus objetivos a preservação e a pesquisa do conjunto da obra de Vera Chaves Barcellos, assim como o incentivo à criação artística, além de centrar-se na pesquisa e discussão da arte contemporânea. Tem constituído um Centro de Documentação e Pesquisa com um grande acervo de documentos referentes à arte contemporânea, além de um acervo de obras de arte contemporânea de artistas consagrados, incluindo uma produção emergente.

Em maio de 2010, foi inaugurada a Sala dos Pomares, novo local destinado a abrigar as exposições promovidas pela instituição. Desde a inauguração com a abertura da primeira exposição, denominada Silêncios e Sussurros, foram realizadas diversas tentativas de iniciar um Projeto Educativo que fizesse com que o público frequentador do local fosse mais variado, em que se buscava atingir a comunidade da região em que a Fundação está inserida, a cidade de Viamão, que se localiza na continuidade da região metropolitana de Porto Alegre. Mas, foi somente na segunda mostra da instituição que o educativo realmente começou a tomar forma. Já nessa segunda mostra da Sala dos Pomares intitulada Pintura: da matéria à representação, a instituição abriu muitas portas para os professores repensarem suas práticas em sala de aula.

Buscando elementos que possibilitassem fazer uma reflexão sobre as questões que perpassam a educação formal e a educação não formal, tentando entender como ocorre a interação entre essas duas instituições, a Escola Básica e a Instituição de Arte, foi realizada uma investigação sobre os caminhos que os professores de arte das escolas municipais e estaduais, que participaram do Projeto, optaram por constituir em suas salas de aula a partir do contato com as obras originais e das palestras com três dos treze artistas presentes na exposição, além de conversas com a arte-educadora Mauren de Leon, que foi a coordenadora dessa primeira fase do Projeto.

Foi aplicado um questionário aos professores em que eles foram motivados a refletir sobre a sua prática em sala de aula, e pensar no que mudou em sua visão de arte e em suas ações com seus alunos após a participação no Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos. É importante ressaltar que a maior parte desses professores não possui formação em arte. Eles são formados principalmente em le-

tras e história, o que resultou em trabalhos interdisciplinares após a participação no Projeto.

É a partir disso que se está iniciando a discussão. Diante desse entendimento da função social de uma instituição cultural como “mediadora de conceitos e tendências”, (BEMVENUTI, 2007) e da detecção do que esses espaços mostram e como constituem o acesso ao que mostram e em como cada indivíduo lida com as suas experiências nesses espaços, ou seja, o que o indivíduo faz com o que acessa.

Nesse sentido, vai-se pensar nas ações educativas como porta para a inclusão cultural e social tentando atuar para a redução da exclusão, provocando a aproximação da comunidade. E para que isso aconteça é necessária uma série de questões que perpassam a realidade de onde a instituição faz parte, e(,) a investigação sobre se tudo o que está ali para ser visto, tocado, sentido e experienciado vai realmente tocar o novo espectador.

Alice Bemvenuti, citando Canclini em sua dissertação intitulada *Museus e Educação em Museus - História, Metodologias e Projetos, com análises de caso: Museus de Arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul*, ressalta que o autor:

[...] defende que é preciso incluir outros aspectos, como a própria experiência diária, onde está concentrado o uso da linguagem e do conhecimento naquela concepção de mundo (BEMVENUTI, 2007, p.619).

Isso significa que não basta apenas as instituições estarem abertas para as pessoas a quem se deseja atingir, mas que as pessoas precisam estabelecer um sentido com as suas vidas e para isso é necessário ter a consciência de onde vão estar e o que vão ver. A partir de então, em suas experiências anteriores e na experiência do momento vão ocorrer mudanças, articuladas às novas percepções, possibilitando assim entender o que antes era desconhecido.

Pretende-se também entender melhor o funcionamento, as ações e programações e os resultados obtidos com os projetos, os encontros, as palestras e as oficinas oferecidas aos professores e pessoas ligadas a arte-educação articulando o estudo da Fundação Vera Chaves Barcellos a outras duas instituições semelhantes, a Fundação Iberê Camargo, que abriga a obra de Iberê Camargo e o Museu Lasar Segall, que igualmente abriga a obra de Lasar Segall.

Com o Museu Lasar Segall, que possui uma Ação Educativa legitimada, por ser um dos pioneiros no Brasil com esse tipo de ação, pretende-se investigar como era a educação em museus no seu início, em 1985, e, hoje, o que mudou na instituição,

o que evoluiu na Ação Educativa até então. O Museu Lasar Segall desenvolve programas para as escolas, para as famílias e para a comunidade com a finalidade de educar o olhar dos visitantes a fim de fazê-los ver e analisar a obra de arte em seus diversos contextos. Além disso, possui uma programação de cursos e palestras para seu público.

Com a Fundação Iberê Camargo busca-se perceber aspectos de uma instituição que surgiu em torno de um artista que deixou um legado importante para arte no Brasil e que possui ações permanentes, e em como isso hoje já se tornou uma realidade. A instituição atua através de um Programa Educativo composto de ações de Formação de Mediadores, Orientação de Professores e publicação de Material Didático, e é assim que amplia a sua rede de relacionamento com o público, atendendo o público escolar e a comunidade em geral através de visitas mediadas e oficinas. Aproxima o público da arte moderna e contemporânea promovendo a pesquisa e a obra do artista Iberê Camargo.

Com estas três instituições pretende-se apontar em um quadro comparativo as fortalezas e as deficiências/fraquezas de cada Projeto, Ação e/ou Programa Educativo. Buscando-se o que caracteriza cada uma das ações e como cada Projeto, Ação e/ou Programa Educativo impulsiona professores, alunos e público em geral para a experiência com arte.

Tomando como base o levantamento das instituições, pretende-se, a partir disso, se definir uma proposta de ações que contribuam contínua e efetivamente para a ampliação e desenvolvimento do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos. Essa contribuição demonstra como se está sensibilizada pelo modo como tem ocorrido a primeira etapa do Projeto da Fundação ao ser reduzido, pela falta de financiamento, a uma parcela muito pequena do que estava proposto desde o início. Entretanto, percebe-se que ainda assim obteve resultados satisfatórios e que serão apontados ao longo do desenvolvimento do texto.

Acreditando que a primeira etapa do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos tenha sido uma rica experiência para os participantes, vislumbra-se como uma próxima etapa a possibilidade de os alunos serem focados propondo o contato dos mesmos com a sala de exposições, com o ambiente que é exclusivamente projetado para este fim. Sabe-se que os professores ficaram surpreendidos com os encontros e com os resultados que obtiveram em sala de aula, assim como seus alunos se mostraram mais interessados e motivados. Por isso, acredita-se que os alunos, se

tiverem a oportunidade desse contato, também passarão por uma experiência tão significativa com a obra de arte e com a arte contemporânea, assim como foi com muitos de seus professores.

1 Breve contexto histórico dos caminhos do Ensino da Arte na relação com a cultura.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno que desenvolve a sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, PCN¹, 1997).

A arte sempre esteve presente na história da humanidade. A citação acima, retirada dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, enfatiza a importância da arte no ensino institucionalizado relacionando-o à experiência humana, o que ele proporciona às pessoas que, na atualidade, tem essa oportunidade já na sala de aula.

O ensino da arte já percorria histórias de vida muito antes de ser obrigatória a sua presença no currículo escolar. Antes de existir a escola institucionalizada já existia a transmissão de conhecimentos artísticos através da tradição, do conhecimento passado de pais para filhos através das mais diversas atividades que estavam presentes nas comunidades (PONTES², 2005). O que poderia levar a afirmar não somente a arte, mas também certa forma de ensino e transmissão da arte como presente na história da humanidade.

Em relação ao ensino da arte, sabe-se de relatos em que ele foi usado como

¹Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)são referências para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país. O objetivo dos PCN é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. (http://www.educacional.com.br/legislacao/leg_vi.asp).

²Gilvânia Maurício Dias de Pontes: “Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS; Mestre em Educação pela UFRN. [...] Experiência na área de Educação, com ênfase em Arte e Educação Física na infância, atuando principalmente nos seguintes temas: educação infantil, ensino de arte, educação física, formação de professores, currículo.” (<http://www.gearte.ufrgs.br/equipe.html>).

recurso de memorização e ilustração de outras áreas de conhecimento. Diversas disciplinas se utilizavam e ainda utilizam a arte como instrumento de ensino.

O ensino da arte, ao se tornar obrigatório, se resumiu inicialmente ao ensino do desenho, com a função de comunicar, tal como a escrita, uma idéia ou pensamento. Nesse início da história do ensino da arte, o desenho era tomado também como indispensável para muitas profissões, como, por exemplo, a engenharia (BARBOSA, 1978).

Conforme Ana Mae Barbosa (2003) a arte passou a ser usada como forma de fixar ou complementar um determinado assunto abordado em outras disciplinas. E esse tipo de ação ainda vem sendo utilizada no Brasil, fixando a idéia de que a arte pode ajudar na compreensão de determinados conteúdos (Barbosa, 2003)³.

Ao iniciar essa prática no espaço institucionalizado, o ensino da arte realizou-se de acordo com as especificidades de cada época, definindo uma dimensão sociocultural relacionada diretamente ao educacional. Essa consciência está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais onde se fala de

Uma função importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relação entre os indivíduos na sociedade (BRASIL, PCN, 1997).

Entretanto, apesar disso, o ensino da arte no cotidiano escolar tem uma história basicamente recente e vem sofrendo modificações desde, principalmente, o início século XX (BRASIL, PNC, 1997). Algo importante a ser mencionado é que a organização do ensino de arte iniciou-se primeiro no ensino superior, no Brasil, e somente depois se passou a ter uma preocupação com o ensino da arte na educação básica (BARBOSA, 1978).

Quando o ensino passou a ser institucionalizado o que predominou foi o ensino tradicional, permanecendo dessa forma por muitos anos. E um ensino focado na transmissão de conteúdos, se caracteriza, segundo Maria da Graça Nicoletti Mizukami⁴, como um ensino que

Tem a pretensão de conduzir o aluno até o contacto com as grandes realizações da humanidade: obras-primas da literatura e arte, raciocínios e demonstrações plenamente elaborados, aquisições científicas

³Artigo publicado em: Revista Digital Art &.

⁴Pedagoga. Mestre em Educação pela PUC- RJ. Doutora em Ciências Humanas também pela PUC-RJ. Dedicar-se a docência e a pesquisa.

atingidas pelos métodos mais seguros. Dá-se ênfase aos modelos, em todos os campos do saber. Privilegiam-se o especialista, os modelos e o professor, elemento imprescindível na transmissão de conteúdos (MIZUKAMI, 1986, p.8).

No ensino tradicional, deixam-se de lado os interesses e necessidades dos alunos mostrando um foco no professor, que é visto como o detentor do saber, como aquele que apenas transmite o conhecimento sem se preocupar com a opinião do educando. Pode-se aqui relacionar com o que disse Paulo Freire em relação à Educação Bancária.

Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é 'encher' os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação (FREIRE, 2005).

Dessa forma, percebe-se um ensino que pretende apenas que o educando se acomode no mundo em que vive, sem estar atento ao que acontece até mesmo ao seu redor, deixando de lado o seu poder contestador, passando apenas a ser receptor de informações, que, apesar de interessantes, são vazias e que em um todo não fazem sentido para ele.

Essa concepção de educação ainda está presente atualmente de diferentes formas, seja ela enraizada nos modelos atuais com algumas ou muitas modificações.

Com as mudanças ocorridas na escola no século XX, houve também uma mudança nas idéias citadas anteriormente. O foco, antes no professor, passa a se dar no aluno, priorizando as suas necessidades e interesses, focando no seu processo de aprendizagem (PONTES, 2005). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais esse dado está presente como um período em que se passou a dar importância ao "desenvolvimento da criança" (BRASIL, PCN, 1997).

Tais princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto-expressiva: valorizavam a livre expressão e a sensibilização para a experimentação artística como orientações que visavam o desenvolvimento do potencial criador, ou seja, eram propostas centradas na questão do desenvolvimento do aluno (BRASIL, PNC, 1997).

Ainda trazendo as ideias presentes no documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem-se também a contribuição desse interesse no aluno no que diz respeito a valorização das suas produções, visto que isso não era uma das preocupações do

ensino tradicional. Porém o que também ocorreu com essa mudança foi o papel do professor de arte e a relação com os objetos artísticos.

A ele não cabia ensinar nada e a arte adulta deveria ser mantida fora dos muros da escola, pelo perigo da influencia que poderia macular a 'genuína e espontânea expressão infantil' (BRASIL, PCN, 1997).

A idéia da livre expressão começou a espalhar-se pelo território nacional, o que teve como resultado a disponibilização de idéias vazias aos alunos. Combinado com isso manifestava-se outro fator interessante, que foi o caráter da arte também passar a "compor outras disciplinas do currículo (BRASIL, PNC, 1997).

A centralização das intenções para a presença da arte na escola, enquanto um 'fazer' que possibilitava a expressão de sentimentos, geralmente conduzia os professores a não se preocupar com intervenções no sentido de propiciar avanços no conhecimento da Arte. A educação não tinha como objetivo o acesso aos códigos de Arte não disponíveis no cotidiano dos alunos. Dessa maneira, o aluno não era intencionalmente, levado a pensar sobre sua produção em relação ao repertório cultural da Arte; nem era desafiado a construir novas relações para seu processo de criação e/ou de conhecimento da arte (PONTES, 2005).

Verifica-se na citação acima, ainda muito do que ocorre hoje nas escolas, um fazer vazio de estratégias que possibilitem ao aluno refletir e se posicionar diante do que é trabalhado em aula, quando se tem algo a ser trabalhado.

Na década de 1930 surgem as escolas especializadas em arte para crianças e adolescentes (BARBOSA, 2003), onde elas tinham a oportunidade de estudar arte, música, dança, etc.

Com os modernistas a arte estava centrada nas crianças. Foi com Anita Mafaltti que a "orientação baseada na livre expressão e no espontaneísmo se iniciaria nas aulas para crianças" fornecidas pela artista em seu ateliê. "A criatividade pura, livre das convenções, que era a meta dos modernistas, acabou também por ser a meta para muitos professores progressistas"(PONTES, 2005).

O movimento da Escola Nova⁵, em que se queria o ensino centrado no aluno, nas suas necessidades e experiências, aparece com Dewey⁶, e entre outros autores,

⁵"A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. [...] O escolanovismo acredita que a educação é o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade Então de acordo com alguns educadores, a educação escolarizada deveria ser sustentada no indivíduo integrado à democracia, o cidadão atuante e democrático." (HAMZE, 2011)

⁶Filósofo e pedagogo norte americano.

com Anísio Teixeira no Brasil. Mas as ideias de Dewey chegam ao Brasil de forma equivocada, sendo implementadas, em muitos casos, como a livre expressão (algo que já vinha acontecendo).

A atividade artística, transformada em técnica para a expressão de emoções e conflitos, acaba por distanciar os alunos do contato refletido com os elementos que compõem as linguagens artísticas, bem como da construção cultural que há em torno da arte. Arte na escola tornou-se, principalmente, um fazer movido pela emoção (PONTES, 2005).

A citação acima nos mostra mais claramente em que o ensino da arte se transformou. Antes o aluno não tinha autonomia em sala de aula, não se tinha a preocupação com seu processo de trabalho. Agora, se tem o contrário, a atenção passa a ser do aluno, mas sem dar a devida importância ao seu processo e o que o leva aos resultados finais.

Na década de 1960, começa-se a pensar em novos caminhos para o ensino da arte, principalmente por parte dos americanos, “questionando a ideia do desenvolvimento espontâneo” (PNC, 1997). Pensou-se então, na arte como um conteúdo escolar. Já na década de 1970 autores afirmam que

[...] é tarefa do professor propiciar essa aprendizagem por meio da instrução. Segundo esses autores, as habilidades artísticas se desenvolvem por meio de questões que se apresentam à criança no decorrer de suas experiências de buscar meios para transformar ideias, sentimentos e imagens num objeto material (BRASIL, PCN, 1997).

Isso significa que o desenvolvimento expressivo da criança depende sim de uma orientação que pode ser possibilitada pelo professor. E, ao contrário do que se pensava antes, que se deveria manter longe das crianças “a arte dos adultos”, agora isso passa também a ser uma possibilidade.

É também na década de 1970 (em 1971) que a arte foi incluída pela primeira vez no currículo com o nome de Educação Artística. Esse fato é considerado como um avanço no ensino da arte. Entretanto, essa resolução também trouxe alguns problemas. Os professores deveriam ensinar arte nas diversas atividades artísticas, e não estavam preparados para assumir esse papel, sendo que eles deveriam ter a compreensão de várias linguagens presentes nas atividades artísticas, tal como o teatro e a música, além das artes plásticas (BRASIL, PNC, 1997). Dessa forma, os professores viram como única saída para a sua situação aderir ao uso dos livros didáticos.

Nos anos seguintes (já pulando para a década de 1980), os professores oriundos das mais diversas formações e transformações ocorridas no ensino da arte são

“responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino médio) em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente⁷ em Arte.” (BRASIL, PCN, 1997). Professores despreparados e sobrecarregados de conteúdos a serem passados para seus alunos resultam na diminuição da qualidade desse ensino.

A partir desse momento, começam a surgir grupos de professores interessados em abrir discussões acerca de tudo que envolve o seu trabalho: sua formação, valorização, reconhecendo que o seu espaço nas escolas era pouco assim como a sua atuação era limitada. Esse movimento foi chamado de movimento Arte – Educação e foi através dele que muitos eventos aconteceram no país com o objetivo de pensar em novas propostas educativas em arte “em um momento em que a educação nacional passava por uma grande crise” (RICHTER⁸, 2008). É importante ressaltar também que não foram apenas representantes do ensino formal que participaram desse movimento, educadores que atuavam no ensino não formal também estavam presentes nesse momento importante para a educação. Um dos acontecimentos importantes referentes a esse movimento ocorreu na cidade de São Paulo, organizado por Ana Mae Barbosa, no ano de 1980, a Semana de Arte e Ensino, que contou com a participação de cerca de três mil professores (RICHTER, 2008).

A partir desse momento, muitos outros encontros foram realizados e associações de arte educadores começaram a surgir pelo Brasil. Com isso foi criada a FAEB (Federação de Arte Educadores do Brasil) em 1987.

A FAEB nasceu, portanto, com a finalidade de representar a luta pelo direito de acesso à arte e à cultura para todos os cidadãos brasileiros, e o fortalecimento e valorização do ensino da arte, em busca de uma educação comprometida com a identidade social e cultural brasileira (RICHTER, 2008).

A FAEB também lutou pela Lei de Diretrizes e Bases após a constituição de 1988. Lei que foi aprovada apenas em 1996. Foi com protestos e manifestações que educadores conseguiram que o ensino de arte permanecesse e, dessa vez, como obrigatório no currículo escolar. Antes, a lei

[...] além de tratar a arte como mera atividade na escola, ainda interferia desastrosamente na formação do professor de arte, através de licenciaturas curtas em educação artística (RICHTER, 2008).

Está presente na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, Art. 26 parágrafo 2o, que

⁷Professor polivalente em artes era o que deveria abranger em sala de aula a área da música, do teatro e das artes plásticas.

⁸Professora e pesquisadora da UFMS. Foi presidente da Faeb.

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (BRASIL, LDB, 1996).

Com isso chega-se aos fins da década de 1990, com grandes avanços no que diz respeito à arte e à educação. Iniciam-se novas ações, estudos e discussões que só tem a acrescentar positivamente ao ensino da arte. Conforme Gilvânia Mauricio Dias de Pontes,

A partir das últimas décadas do século XX, no Brasil os arte-educadores empreenderam um movimento de resgate da sua valorização profissional e da valorização da área de Arte como um conhecimento que deve estar presente nos currículos em todos os níveis de ensino (PONTES, 2007).

Esse resgate do ensino da arte vem sendo uma luta de muitos professores que realmente se preocupam com o ensino da arte,

[...] faz-se necessário educar os indivíduos para que possam estabelecer o diálogo entre vivências e experiências estéticas e os objetos artísticos, para isso os saberes e fazeres da arte devem ser abordados em todos os níveis da educação formal no sentido da formação do leitor-apreciador da arte (PONTES, 2007).

Nesse sentido, um novo olhar surge também a partir da proposta triangular, criada por Ana Mae Barbosa, e a arte, como um fazer passou a necessitar de uma reflexão a ser realizada pelos alunos, além de poder estar na sala de aula e articular diversas questões fazendo sentido tanto para o aluno quanto para o professor.

No Brasil, a Proposta Triangular de Ensino da Arte propõe que para se olhar a Arte enquanto conhecimento é necessário articular o fazer artístico, a contextualização e a leitura de obras (PONTES, 2007).

Verifica-se que a proposta triangular é uma forma de se trabalhar em sala de aula e pode aproximar não só os alunos, como o professor e o restante da comunidade escolar tanto da arte quanto dos artistas aproximar não só os alunos, como o professor e o restante da comunidade escolar e ainda através da arte contemporânea que “retoma a presença e a influencia de imagens no ato criador” (PONTES, 2005).

Assim, aprender com sentido e prazer está associado a compreensão mais clara daquilo que é ensinado. Para tanto, os conteúdos da arte não podem ser banalizados, mas devem ser ensinados por meio de situações e/ou propostas que alcancem os modos de aprender do

aluno e garantam a participação de cada um dentro da sala de aula. Tais orientações favorecem o emergir de formulações de formulações pessoais de idéias, hipóteses, teorias e formas artísticas. Progressivamente e por meio de trabalhos contínuos essas formulações tendem a se aproximar de modos mais elaborados de fazer e pensar sobre arte (BRASIL, PCN, 1997).

Como explicitado nos PCNs de 1997 é importante fazer com que o aluno tenha consciência do que lhe está sendo passado para que assim ele possa contribuir e o professor aprender também com seus alunos. Pensar juntos, fazer relações, conhecer obras e artistas, assim como repensar o seu olhar sobre o próprio cotidiano, tornando uma experiência em que o resultado vai ser de aprendizado e os alunos não irão apenas decorar conteúdos.

Verifica-se os dois fragmentos abaixo extraídos dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do texto Arte-educação em instituições culturais – O ensino não formal em museus de arte, que mostram os dois lados do ensino da arte: a sua importância para o indivíduo e o quão é gratificante a presença dos professores e, conseqüentemente, dos seus alunos nas instituições culturais.

A união do ensino formal e do ensino não formal se mostra eficiente (não apenas na teoria, mas também em experiências pessoais ocorridas durante esse ano), sendo importante tanto para os alunos que podem ter o contato com obras de arte originais quanto para os professores que tem a oportunidade de realizar um trabalho realmente significativo, e isso converge com o que está sendo afirmado nos PCN:

As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior (BRASIL, PCN, 1997).

Principalmente de forma que as experiências façam sentido para seus alunos aproximando-os da arte local, de exposições e até mesmo de artistas, desmistificando tanto o objeto artístico quanto a figura do artista, como se vê também na afirmação de Pinto e Coutinho:

[...] é também imprescindível contemporaneamente que o arte-educador esteja presente dentro do espaço cultural e é de grande importância que a escola vá ao museu, porque assim o estudante pode ter o contato direto com a obra de arte (PINTO; COUTINHO, 2011).

E, tal como está presente no texto, é fundamental que o professor esteja atento aos acontecimentos culturais da sua cidade, pois dessa forma ele pode aproximar

seus alunos da arte, deixá-los participar para que se sintam como agentes e não mais aquele aluno que apenas recebe as informações e as aceita facilmente (o que ainda acontece muito hoje em dia). Da mesma forma que nos Parâmetros Curriculares Nacionais está presente a importância da articulação da aprendizagem tanto dentro quanto fora do ambiente escolar institucionalizado, o que proporciona uma série de vivências e experiências importantes para a formação do indivíduo.

Percebe-se nesse breve contexto do histórico do ensino da arte que uma proposta não elimina a outra. Em termos gerais, percebe-se no ensino da arte atual uma mescla das diversas situações que a arte e a educação passaram ao longo desses anos. Hoje, temos um ensino em que o professor não é o detentor do saber, assim como não se tem o foco apenas no aluno e sim uma troca das duas partes, um diálogo, uma troca de experiências e realidades. Não se pode generalizar, mas felizmente a nova geração de professores tem muito a contribuir com o ensino da arte não só nas escolas, mas também nas instituições culturais, onde cada vez mais percebemos ações educativas consolidadas e que dão bons frutos quando se tem essa parceria com a sua comunidade.

1.1 Arte e o ensino formal

Entende-se por ensino formal, aquele que acontece dentro da escola, dentro de um espaço institucionalizado. Nesse espaço, as turmas são divididas por etapas de desenvolvimento em que se articulam os alunos aproximando-os por faixa etária o que, supostamente, facilita o trabalho do professor.

Com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a Educação Artística, praticada até então como mera atividade, passa a ser chamada de Ensino de Arte, agora como componente curricular obrigatório. Entretanto, esta mudança não foi determinante para que muitos aspectos da educação praticada até então ficasse no passado.

Os professores, antes polivalentes, não deixaram alguns vícios do passado de realizar uma espécie de sobrevôo pelas diversas áreas artísticas, e isso ainda continua presente nas escolas através de contextualizações superficiais em focos indefinidos.

Outro fator importante que se observa ainda hoje é a desvalorização do ensino da arte dentro da escola, pois também a escola ainda separa a arte classificando-a como da ordem do fazer e não da ordem do pensar, principalmente quando comparado a

outras disciplinas do currículo escolar, supondo-se que essas sejam mais importantes, pois além de trabalhar com o pensar, tratam de desenvolver o raciocínio lógico e matemático.

A este respeito tem-se a afirmação de Ana Magalhães⁹ sobre a relação do campo do conhecimento específico da área e o campo de conhecimento da pedagogia na formação do professor de arte e que o ajuda a se apropriar do ensino-aprendizagem de sua própria área:

Não se compreende o conhecimento artístico-estético como um campo propício para a inserção do aluno no universo artístico-cultural. As várias tendências pedagógicas revelam a compreensão do ensino-aprendizagem de cada época e estão presentes na formação do professor de Arte e nas práticas educativas correntes (MAGALHÃES, 2008, p.163).

Conforme Ana Magalhães, verifica-se que se considera o conhecimento da arte não apropriado para o aluno ser inserido no universo artístico-cultural, talvez a visão que se tenha ainda corresponda apenas à visão da arte como um passatempo e não como uma oportunidade de troca, reflexão e aprendizagem como as outras disciplinas consideradas mais importantes como matemática e língua portuguesa.

A partir dessa afirmação de Ana Magalhães aliada a uma série de experiências vividas durante esse ano, além de observações realizadas na escola pública, confirmase que essa ainda é uma realidade, e que esse preconceito e falta de espaço na instituição (escola), está presente também no pensamento dos próprios professores de arte, que derrotados aceitam esse fato como um caso perdido, confirmando isso como a sua realidade, e aceitando suas condições de trabalho e, infelizmente, concordando com o descaso manifestado pela maior parte dos alunos.

Observa-se também uma nova geração de professores que está presente na reformulação do ensino superior da área de artes e que estão dispostos a por em prática novas formas de ensinar arte na escola.

Esses professores, apesar de saberem da realidade de muitas escolas – de todos os fatores já relatados acima – se propõem a agir de forma diferenciada. Aproveitam os espaços da escola, trabalham com o apoio dos colegas de outras disciplinas e, principalmente, preparam-se, ampliando a sua formação, com o objetivo de estar cada vez mais capacitados, com estratégias para levar a arte e a cultura para a vida dos alunos.

⁹Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães é mestre em Educação pela UNAMA e coordenadora do Curso de Artes Visuais e Tecnologia da Imagem da UNAMA.

Esses professores, apesar de saber da realidade de muitas escolas – de todos os fatores já relatados acima – se propõem a agir de forma diferenciada. Aproveitam os espaços da escola, trabalham com o apoio dos colegas de outras disciplinas e, principalmente, preparam-se, ampliando a sua formação, com o objetivo de estar cada vez mais preparados, com estratégias para levar a arte e a cultura para a vida dos alunos.

Essas mudanças que precisam ocorrer nas escolas e no pensamento das pessoas, que continuam com um olhar preconceituoso em relação ao ensino de arte e a própria arte, precisam acontecer no professor, em que ele, sabendo das barreiras que precisará enfrentar para poder fazer com seu trabalho realmente faça sentido para seus alunos, se proponha a seguir em frente e transforme a realidade encontrada.

Esse professor que entra em sala de aula precisa estar interessado no que ensina, e estar ciente de que a arte é uma área de conhecimento dinâmica e muda o tempo todo, com novas informações que chegam a todo o momento e ressignificam as informações anteriores. Desse modo o professor de arte passa a ser também um pesquisador. E estar atento a tudo o que acontece no cenário da arte e no que diz respeito a sua profissão é fundamental para que haja melhorias constantes no seu trabalho, na sua atuação, além de ter uma motivação a mais para lutar pelo seu espaço.

Vê-se na escola um espaço onde se pode, com a arte, abranger um público novo e interessado. O ensino da arte na escola abre muitos caminhos para os alunos através da reflexão, do conhecer através da arte o seu mundo, e através de outras culturas poder se inserir em sua própria, além de estar atento e aberto ao questionamento relacionado ao que acontece no nosso dia a dia.

O aluno que tem esse contato com a arte desenvolve, através do fazer, do pensar e refletir sobre e através da arte, a sua própria cultura conhecendo as produções locais ou dos mais diversos lugares o mundo.

Outro ponto importante é a possibilidade de o aluno ter a sua produção, seus trabalhos fazerem parte do seu desenvolvimento pessoal, através do trabalho individual, e também grupal, através de trabalhos em grupos; ambos expostos uns aos outros ou em ambientes da escola provocando novos olhares, tendo novas ideias, produzindo novas sensações e ampliando a percepção do mundo.

Ao ter essa experiência o aluno vai se transformando como pessoa e modificando o seu espaço, entendendo a diversidade de pensamentos e valores que estão presen-

tes na sociedade dos mais diversos lugares do mundo, começando pelo seu próprio pensamento e constituição de valores.

Para isso é importante que o professor esteja preparado, atualizado, que ele tenha materiais e condições adequadas de trabalho. Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque enfatizam a importância desse professor que realmente está interessado e está sempre buscando, pesquisando, andando por novos caminhos e levando para seus alunos o melhor que pode fazer para que eles entrem em contato com a arte, e possam estreitar esse contato com o passar do tempo, ao invés de simplesmente se distanciar de algo que não entendem e que acabam por não gostar, mas simplesmente por não entender.

Um dos meios de se fazer aproximar da arte, para Martins e Picosque, é o levantamento de questionamentos, atizando a curiosidade dos alunos, tal como está afirmado abaixo:

Um professor que mantém viva a curiosidade, que gosta de estudar, investigar imagens para sua prática na sala de aula e levar seus alunos ao encontro com a linguagem da arte sem forçar uma construção de sentido “correto” ou único, veste sandálias de professor-pesquisador, envolvendo com a mais fina atenção sua pele pedagógica, dando sustentação para pisar em terras ainda desconhecidas. Não lida com as certezas e com reducionismos simplistas, mas com a compreensão e a articulação da complexidade. Por isso mesmo, seu caminhar se dá no presente, no lugar da pergunta, da questão, da dúvida, movido por passos de andar sinuoso que evitam os caminhos retos porque assim pode traçar a sua própria trilha. Nesse modo de caminhar, encontrando trilhas acessíveis e outras não, o professor-pesquisador é mais afeito a formulação de perguntas do que a elaboração de respostas diante de cada imagem que encontrar. Afinal, a arte não responde; pergunta! (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.133).

Concorda-se com o que foi dito acima, pois é certo que o que se quer em sala de aula é a empolgação do professor em poder dialogar com seus alunos e a possibilidade desse professor de manter o interesse dos alunos naquilo que traz para eles, não sendo mais apenas um fazer por fazer, além do período destinado a arte não mais ser visto como um período livre.

Desmistificar a arte no espaço escolar faz parte de um longo processo que ainda se tem que percorrer, mas que não é impossível. O professor de arte atingir significativamente os seus alunos e com isso conseguir um espaço equivalente ao das demais áreas na escola é um grande passo.

O ensino de arte não é apenas teoria, textos, história e, muito menos, apenas

o exercício do desenho livre ou do desenho ilustrativo do que foi feito nas férias, ou ainda um fazer aplicado à elaboração de cartões de natal, dia das mães, etc. O ensino de arte é muito mais que isso: é diálogo, reflexão, troca. É estar disponível e aberto para experimentar materiais e técnicas, e realizar a mistura daquilo que se aprendeu, e perceber que aprender dá-se através do fazer, explorar, e conhecer a produção de artistas, quer sejam artistas contemporâneos ou os que constituem a História da Arte. Além de estar aberto diante do estranhamento, da descoberta de um processo, de uma cultura, de uma história, e fazer através da arte contemporânea relações com o passado, estabelecendo links diretos com um desenvolvimento próprio, e, desse modo, ampliar o conhecimento sobre a arte e da arte.

Está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais a importância da escola proporcionar experiências aos seus alunos em relação à importância do ensino arte. Dessa forma, não é somente responsabilidade do professor e sim, de toda comunidade escolar que se amplie esse conhecimento através de discussões e exposições no ambiente escolar.

De certa maneira, a citação abaixo reflete o que foi dito acima sobre o que realmente se pensa que é o ensino da arte e o papel da escola nesse processo.

A educação em artes visuais requer um trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e as formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal (BRASIL, PCN, 1997).

A escola também pertence ao aluno, assim como ao professor que se reúnem em um objetivo comum: o ensino-aprendizagem. Por isso é fundamental que todos tenham seu espaço para poder, da melhor forma, desenvolver a aprendizagem ampliando as experiências e desenvolvendo novas formas de ensino-aprendizagem.

É difícil chegar a uma escola com ideias para trabalhar com os alunos e ser podado pela falta de estrutura mínima para o ensino-aprendizagem da arte: uma sala com mesas grandes, locais para guardar materiais e outros lugares para que se possam colocar os trabalhos dos alunos para secar, entre muitos outros aspectos também importantes, mas que sem os primeiros nada adiantariam.

A formação do professor de arte também é um aspecto que precisa ser discutido, pois atualmente o que se encontra em muitas escolas são professores de outras áreas

atuando como professores de artes. Isso não significa que aquele professor não tenha nenhuma competência para atuar na área, mas não tem a formação na área de conhecimento. E, certamente, o mesmo não aconteceria se fosse ao contrário: por exemplo, um professor de artes atuando como professor de matemática.

A área das artes visuais é ampla e complexa, apesar de seus conteúdos bem definidos, e isso tem que ser levado em consideração, pois ela envolve informações históricas, relações culturais, sociais, experiências de apreciação e leitura da imagem, produção formal, técnica e conceitual, reflexão crítica e descritiva de obras e períodos, entre muitos outros aspectos que estão longe de estar presente em um currículo de língua portuguesa, por exemplo. E é impossível de se concretizar um currículo de artes e tornar presente a arte quando não se tem o mínimo de conhecimento.

Entretanto, todo este caráter de presença da arte e do ensino-aprendizagem da arte na escola não significa que não se possa ter um ótimo resultado quando duas disciplinas diferentes trabalham juntas. Considerando a realidade das escolas e do ensino da arte, observa-se também que os professores vindos de outras áreas de conhecimento podem contribuir com a arte, e se articular muito bem com o professor de artes levando o aluno a uma aprendizagem diferenciada e ampliando a aprendizagem realizada somente com um profissional da área.

Fernando Hernandez fala sobre a importância das diversas áreas de conhecimento estar trabalhando juntas para a construção do conhecimento dos alunos. Através desse trabalho conjunto podem-se explorar as diversas possibilidades de ensino-aprendizagem em sala de aula. Hernandez diz que trabalhar a arte em sala de aula é aprender a conhecer e conhecer criticamente as diferentes manifestações artísticas, e que se equivale a propor e resolver problemas na matemática, tal como está colocado a seguir:

Não se trata, pois, de aprender a ler uma imagem (como identificação de elementos visuais isolados), mas sim de conhecer criticamente as diferentes manifestações artísticas de cada cultura (e não só as obras de arte definidas como tais pela cultura ocidental e recolhidas em seus museus e enciclopédias). E, se o conhecer é o primeiro passo, a reflexão sobre o visual como forma de interpretação da própria cultura seria o outro. Trata-se de aprender a conhecer, como em matemática, a propor e resolver problemas (não só a aplicar algoritmos); em língua, a compreender e a comunicar-se (não só identificar morfemas, grafemas, sintagmas, etc.), ou, em história, a compreender e explicar as mudanças no tempo (e não só a identificar fatos e nomes) (HERNANDEZ, 2000, p. 78).

A partir da afirmação do autor, ressalta-se a importância da interdisciplinaridade entre os professores, que advêm das mais diversas áreas do conhecimento, e que articulam a sua própria formação enriquecendo-a e também enriquecendo as aulas de artes ao explorar seus conhecimentos articulando com os conhecimentos da área em que estão trabalhando.

O ensino de arte na escola precisa ser revisto e repensado de maneira que o aprendizado não seja vazio, que parcerias possam ser feitas, que os alunos realmente se interessem pela arte e que o conteúdo faça sentido para eles.

O ensino da arte na escola não precisa e nem deve acontecer sempre de forma isolada. O professor de arte que realmente está interessado e empenhado, pesquisa, procura, vasculha e leva para seus alunos as mais preciosas informações para que possam ser amadurecidas em conjunto, para que se amplie a visão e o conhecimento de arte.

Em recente experiência em sala de aula proporcionada pelo estágio obrigatório supervisionado, realizado em uma escola pública, como componente curricular obrigatório para a formação em Licenciatura em Artes Visuais, todas as questões que estão sendo descritas e discutidas no texto também foram observadas de fato, constatadas e, principalmente, vivenciadas.

O estágio foi realizado com alunos do quinto ano do ensino fundamental (mencionados no texto como grupo um) e do primeiro ano do ensino médio (mencionados no texto como grupo dois). Foi uma experiência realmente importante e que teve bons resultados diante do que foi trabalhado e do retorno dos alunos.

No estágio, tentou-se articular os conteúdos que seriam trabalhados em sala de aula com aspectos ligados a identidade de cada um dos alunos da turma (grupo um) e com a questão dos lugares onde cada indivíduo busca se encontrar, ou o lugar que o representa (grupo dois). Todo o trabalho realizado buscou estabelecer relações com a 8ª Bienal do Mercosul, evento de artes visuais que ocorre a cada dois anos na cidade e que nesta ocasião estava acontecendo na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, permitindo que essa articulação fosse possível, já que também na Bienal estavam sendo tratadas as questões de territorialidade, evidenciando aspectos do espaço de cada comunidade, em que os artistas realizaram propostas de diferentes maneiras de definição de um território, envolvendo o geográfico, a política e a cultura.

Para a prática em sala de aula foram elaborados dois projetos que partiram de

um levantamento realizado através de um questionário (anexo 1) dirigido aos alunos, em que se buscou conhecê-los melhor a partir de suas preferências, gostos e conhecimentos prévios em relação à arte. Partindo das respostas dos alunos, para cada turma foi definido um fio condutor, e, a partir de articulações com aspectos da história da arte, da exposição de imagens, atividades de reflexão e prática em sala aula, foram sendo construídas estratégias para que os alunos buscassem em seus conhecimentos prévios - seus gostos, preferências, o que (re)conhecem dos lugares que frequentam/passam todos os dias – referenciais para a construção de uma identidade refletida na criação de um personagem – grupo um – e referenciais para a criação de um novo território – grupo dois. (anexo 2)

Todas as articulações feitas em sala de aula foram se encaminhando para uma aproximação gradual com duas mostras da Bienal: a do artista homenageado que estava em exposição no Espaço Cultural Santander (Eugenio Dittborn) e a maior mostra, articulando diversos artistas, intitulada Geopoéticas, em exposição em uma série de armazéns localizados no cais do porto da cidade.



(a) Grupo 1



(b) Grupo 2

Figura 1.1: Estágio

Foi possível programar e levar os alunos até as obras de arte originais e contemporâneas e para isso a ajuda dos professores regentes das duas turmas trabalhadas foi essencial. Também foi uma experiência importante para os alunos, que foram despidos da antiga armadura que os prendia na escola não possibilitando a eles esse contato com uma mostra de arte, onde se pode ter essa experiência com a própria obra e não apenas com a imagem reproduzida e a descrição do professor.



(a) Grupo 1



(b) Grupo 2

Figura 1.2: Visita à Bienal

Com um trajeto construído em sala de aula os alunos chegaram à exposição já com alguma referência, o que não tornou o lugar e as obras completamente estranhos. Depois retornaram à escola com muitas ideias, novas referências, histórias e experiências ricas relacionadas à arte, para, aí sim, dar continuidade e finalizar os projetos solicitados - criação do personagem e criação de um novo território.

Foi uma experiência que, de certa forma comprovou que, apesar dos preconceitos e da dificuldade de se trabalhar artes em uma escola pública é possível fazer com que surja o interesse dos alunos pela arte e o contato realizado acabou trazendo bons resultados, principalmente no que diz respeito a desmistificação da obra de arte e da própria arte, mostrando que o que está ao seu redor, também pode ser transformado em arte e que para isso basta olharmos atentamente, mudando nosso ângulo de visão ou mudando o lugar de onde se está olhando.

Essa experiência foi realizada no Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, uma escola pública estadual da cidade de Porto Alegre, muito bem situada dentro da cidade e muito próxima da universidade, dessa forma ali eu não tive contato situações extremas dentro do que foi levantado inicialmente. É uma escola grande, que abriga alunos vindos dos mais diversos lugares de Porto Alegre e até de cidades vizinhas, e isso define a diversidade em sala de aula. O que facilita e, às vezes, também atrapalha o trabalho do professor em sala, principalmente em função de alguns alunos repetentes, que já não se sentem encaixados na etapa de desenvolvimento.



(a) Vista lateral



(b) Vista frontal

Figura 1.3: Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha

O Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha possui uma sala de artes que é utilizada e dividida entre três dos quatro professores de artes que atuam na instituição. Uma das professoras, por trabalhar com os alunos menores, não utiliza a sala de artes, primeiro por não ter disponibilidade de horários, e segundo, por recentemente os alunos terem começado as disciplinas separadamente (grupo um). Apesar do grande acúmulo de materiais e da grande quantidade de turmas que passam pela sala diariamente, ela ainda suporta, timidamente, o uso de materiais diferentes, desde que os trabalhos (quando realizados) não sejam deixados lá por muito tempo.



(a) Vista 1



(b) Vista 2

Figura 1.4: Sala de Artes

Um aspecto já relatado acima, que é preocupante, é o descaso dos alunos com a disciplina. Tem-se a sala de artes na escola, tem-se um espaço, por mais precário que seja e, na maioria das vezes, não é aproveitado, pois os alunos não levam os materiais solicitados para realizar os trabalhos, e a escola não disponibiliza esses materiais, o

que resulta em aulas práticas planejadas pelos professores da escola, com o mínimo de articulação de materiais e técnicas diversificadas, e trabalhos cada vez menores, em função do pouco espaço para o trabalho. Consta-se que modificar o espaço e o trabalho para que a arte seja aceita também pelas outras disciplinas, para que seja uma prática valorizada e reconhecida dentro do espaço formal de ensino, não é uma tarefa fácil. Mas tem-se nos alunos, tal como foi afirmado anteriormente, um público novo que pode ser atingido, pode ser questionado e instigado.

Resta ainda mencionar algo importante que também aconteceu nessa experiência, que foi a percepção do interesse dos demais professores que tiveram que liberar os alunos para a visita a Bienal, sendo que alguns, inclusive, acompanharam o grupo, e, como resultado, fizeram uma parceria com os professores de artes para que as demais turmas, e não somente as do estágio, pudessem ter a mesma oportunidade.

Nesse breve relato procurou-se apontar a partir de uma reflexão sobre uma experiência concreta vivida no ensino formal os aspectos positivos e negativos que estão presentes no ensino de arte atualmente. Mesmo sendo o período curto de um estágio e não uma experiência de um professor do quadro efetivo da escola percebeu-se a dificuldade do professor de estar em sala de aula, e atingir os alunos e dialogar com os demais profissionais que fazem parte da escola. Mas revela-se, acima de tudo, que é possível fazer sentido, articulando questões que estão presente com outras que partem da experiência dos alunos, assim como produzir, com pouco, trabalhos que partam da reflexão, do pensamento e articulação das vivências dos educandos.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais tem-se presente essa questão relacionada às experiências de cada indivíduo ao atuar na aprendizagem.

As pessoas vivem as transformações que ocorrem nas relações entre tempo e espaço na contemporaneidade. Por exemplo, é possível ter contato com a produção visual de diferentes culturas e diferentes épocas, por meio da internet. O papel da escola é organizar essas ações de modo que as consolide como experiência de aprendizagem. Em Artes Visuais, a escola não pode separar as experiências do cotidiano do aprender individual e coletivo (BRASIL, PCN, 1997).

Como está enfatizado na citação acima, as experiências e transformações fazem parte do cotidiano, da vida das pessoas. E se isso não for levado em consideração já na escola, tem-se um trabalho incompleto, com informações vazias que não interessam aos alunos que não veem significado e não conseguem estabelecer relação alguma com suas próprias vidas, e não uma ampliação de conhecimentos que possi-

bilite a todos conhecer primeiro a si próprio para, a partir daí, refletir e transformar ao seu redor.

Por fim, vê-se no relato e na reflexão apresentada a articulação do ensino formal com o ensino não formal, provocando um enriquecimento de referenciais para os alunos, que são apresentados a artistas, jovens como eles, brasileiros, gaúchos ou estrangeiros, que participam de redes sociais e estão dispostos e abertos para conhecer o seu público e trocar idéias a partir do seu trabalho. E, desse modo, vê-se o interesse do aluno crescer, a curiosidade aflorar e voltar para sala de aula querendo realizar mais, conhecer mais, saber mais.

Embora muitos digam que a escola "não tem mais solução", verifica-se que esta negação se refere apenas as ações que não deram certo em determinada aula, em que não se conseguiu realizar o que havia sido planejado, enfatizando os aspectos negativos no todo. Sabe-se que não se chegará à solução alguma se a única opção for continuar a reclamar de uma situação que vem se estabelecendo há muitos anos. Entretanto, ao se parar para fazer uma reflexão sobre o que é possível fazer e prestar atenção aos alunos que se atinge de um modo significativo, e nos novos colegas que são conquistados e que passam a atuar de um modo também significativo, verifica-se que se pode sim, reverter o quadro do ensino de arte na escola.

1.2 Arte e o Ensino não formal

Entende-se por ensino não formal o ensino que acontece de forma estruturada, sendo planejado e organizado fora dos locais formais de ensino, ou seja, o que acontece fora do ambiente escolar institucionalizado, tal como tradicionalmente tem ocorrido no processo da educação.

Na atualidade, as instituições culturais, ao promover um espaço educativo relacionado à sua missão, evidenciam a relação entre o ensino formal e o ensino não formal, focalizando o patrimônio cultural material ou o patrimônio cultural imaterial.

Para isso, existem ações que auxiliam de forma positiva no contato e aproximação cada vez mais efetivo de um público alvo que privilegia a relação com a educação em instituições culturais, tendo uma ação essencialmente voltada para o futuro como visão institucional, que mostra a vinculação e a diferença histórica na relação com o público, manifestada na ampliação e diversidade intencionalmente construída em

relação às coleções artísticas.

A relação com o público possui um vínculo histórico importante com a ação educativa. As coleções, nos séculos XV e XVI, exprimiam o status e poder daquele que as possuía. A relação mantida entre os proprietários de coleções de objetos de arte e objetos científicos, nessa época, além de imprimir poder e prestígio também mantinha e privilegiava a transmissão de tais conhecimentos somente aqueles que pertenciam a determinado grupo social. Restringindo-lhes tal acesso e conhecimento a um público restrito (FRONZA-MARTINS, 2006).

Conforme Fronza – Martins por muito tempo a arte, presente em coleções particulares, permaneceu escondida e isolada, atingindo uma pequena parcela da população com algum conhecimento na área. O acesso à arte significava poder e prestígio, e os colecionadores eram pessoas da alta sociedade que restringiam a sua propriedade a um grupo semelhante e restrito.

Houve uma mudança após a Revolução Francesa¹⁰ no que diz respeito a arte-educação quando os lugares que abrigavam algum tipo de coleção passaram a ser considerados como instituições públicas, com o acesso para todos. Começara-se a dissolver a idéia de ser um local mágico onde as obras eram consideradas como relíquias, passando a ser sedutor, também com suas inúmeras possibilidades de proporcionar o ensino. Foi uma época em que gerou-se um entendimento do que era o patrimônio histórico através da valorização de objetos tidos como algo que representava uma identidade individual ou coletiva. A partir do momento em que surge uma função expositiva esses locais antes destinados a apenas coletar, conservar e guardar teve que se reorganizar podendo tornar os objetos que estavam presentes nas coleções um interesse coletivo. (PINTO; COUTINHO, 2011)

Desde então, a educação em espaços não formais começou a se estruturar, se intensificando a partir do momento em que o interesse por um público mais diversificado passou a crescer. Diante disso, o número desses locais antes destinados apenas a abrigar arte começou a aumentar. Mas somente a partir do século XX é que a figura do arte-educador começou a aparecer e se tornar importante nesses locais, sendo incorporada às equipes e “ a função educacional do museu começa a ser colocada no mesmo grau de importância que sua função de preservação e exibição das obras de arte.” (BARBOSA, 1999, p. 85)

No Brasil, hoje, existem leis que regulamentam o acesso aos bens culturais. Está na Constituição Brasileira de 1988, Art. 259, a afirmação de garantia e acesso a todos,

¹⁰Ocorreu no século XVII e significou o fim do sistema absolutista e dos privilégios da nobreza.

conforme o que segue:

[...] o estado garantirá a todos pleno exercício dos direitos culturais e o acesso a fontes a cultura, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão de suas manifestações.

Verifica-se que isso também pode ser uma forma de adquirir novos conhecimentos, antes restritos a pequenos grupos da sociedade. Entretanto, conforme Bemvenuti há outros fatores que precisam ser considerados e pensados em relação ao acesso a esses bens culturais para que ocorra uma real aproximação da arte.

É preciso considerar que o medo, e o mito da distância da obra de arte ultrapassam o cenário de classes baixas ou grupos de excluídos, pois é crescente o afastamento das instituições. Não basta que os museus estejam abertos a todos, é preciso possibilitar o acesso aos bens culturais e provocar, primeiramente, uma aproximação e uma relação mais íntima com este espaço, envolvendo atividades de mediação de objetos (BEMVENUTI, 2007).

Atualmente, tendo as manifestações artísticas se afastado do público não iniciado na área, tornando a própria obra de difícil acesso, a busca pela mediação da obra é um dos focos de várias instituições, assim como a busca por diversos mecanismos para que o público adquira o hábito de frequentar os espaços culturais constituindo-os como patrimônios públicos.

O ensino da arte no Brasil iniciado com a Missão Artística Francesa (por volta de 1816), também marca o início de uma coleção de obras de arte, pois D. João VI encomendava inúmeras obras, tanto para a coleção que iria para o acervo da Pinacoteca¹¹, quanto para serem utilizadas como recurso didático nas aulas da Academia Imperial de Belas Artes criada pelo próprio rei, em 1826.

É na década de 1930, com o movimento brasileiro da Escola Nova, que a arte começa ter delineado o seu papel junto à educação. É nessa época que o foco das ações educativas volta-se para os alunos com a idéia de que a aprendizagem deve acontecer em ambientes que possuam materiais diversos e que sejam motivadores.

Dessa forma, o trabalho do arte-educador começou de maneira singela na década de 1950, em “uma tentativa de formar os primeiros serviços educativos no Rio de Janeiro” (PINTO; COUTINHO, 2011).

No entanto, somente nos anos 80 que o papel da educação nesses espaços não-formais começou a ter realmente importância, sendo colocados os saberes e experi-

¹¹Pinacoteca da Academia Imperial de Belas Artes.

ências dos visitantes como uma das prioridades, juntamente com as informações já presentes e acumuladas nos espaços. Um exemplo é o Museu Lasar Segall que iniciou suas atividades educativas em 1985 com a intenção de preservação da obra do artista, mas também com iniciativas de divulgação da gravura, técnica desenvolvida por Segall e que perpassa grande parte de sua obra.

Fortalecem-se as ações educativas. Ações (geralmente ligadas ao seu acervo ou exposições) que passam a formular meios de atender o público emergente. Instituições culturais buscam tornar a arte acessível aos mais diversos públicos. Segundo Aglay Fronza-Martins, professora da Faculdade Comunitária de Campinas, a:

Ação Educativa realizada dentro do novo processo educativo não-formal que ressalva o envolvimento das pessoas no e pelo processo ensino-aprendizagem enquanto uma relação prazerosa com o aprender (FRONZA-MARTINS, 2006).

Com essa afirmação da professora, potencializa-se a importância do ensino não-formal como outra forma de construção de conhecimento, que passa a se dar através da troca, do diálogo, das diferentes disposições do grupo no espaço, além de uma abordagem dos mais diversos conteúdos relacionados também àquele grupo, podendo proporcionar uma mistura de diferentes idades e gerações.

Porém, quando se fala em ensino não-formal não se está querendo dizer que estamos livres de um espaço formal ou que esse aspecto da educação não esteja presente. A organização se estrutura na interrelação com os espaços formais. Em um espaço cultural (que hoje abrange as mais diversas instituições como museus galerias, fundações, institutos, pinacotecas, etc.) o que acontece são novas formas de se trabalhar os saberes, de uma maneira diferenciada da escola (FRONZA-MARTINS, 2006). Quem está em um desses locais, geralmente, deixa-se levar pelo espaço diferenciado entregando-se as suas novas descobertas sem as cobranças imediatas de resultados que, muitas vezes, existem nos espaços formais. Um lugar onde se pode ter experiências, efetivar trocas. Alice Bemvenuti cita Gilberto Velho em um de seus textos quando se fala dos espaços não formais de ensino como um lugar em que

[...] o indivíduo, ao se deslocar, potencializa experiências individuais, [...], que no seu deslocamento entre distintos níveis de cultura, desenvolve e mantém um canal de comunicação entre dois mundos completamente estranhos, ampliando a consciência e as informações diante dos dois locais, adquirindo formas particulares de interpretação [...] (BEMVENUTI, 2007).

É importante enfatizar que para atingir a potencialização descrita acima, as instituições utilizam os mais diversos mecanismos para alcançar seus objetivos e possibilitar o desenvolvimento de seu público. Um desses mecanismos, por exemplo, são as visitas guiadas oferecidas às escolas, famílias ou qualquer outro grupo que tenha interesse. Essas visitas guiadas, quando agendadas com antecedência, são realizadas com o acompanhamento de um mediador, especificamente preparado para a função, que segue pelo espaço com o grupo dialogando acerca das mais diversas questões que surgem a partir das obras.

A função do mediador, para Mirian Celeste Martins, constitui-se em uma troca que gera um enriquecimento de ambos os lados:

A mediação se enriquece na troca de pontos de vista de cada um no seu grupo, acrescidos de outros trazidos por teóricos e estudiosos, que podemos apresentar, rompendo com preconceitos estereotipados, ampliando conhecimentos e partindo para novas problematizações. A socialização destes pontos de vista é, portanto, imprescindível para a ampliação de compreensão da arte, ultrapassando o perigo de colocar na voz do mediador (monitor, professor ou teórico) a interpretação que poderia ser colocada como única correta (MARTINS, 2005, p.17).

Verifica-se que a obra de arte é o ponto de partida do mediador, que, a partir dela, vai buscando conexões com os conhecimentos prévios do seu grupo. É a partir dela que cada um vai ter a sua leitura e o grupo vai caminhando e construindo esse conhecimento na busca de um sentido comum. Pode-se afirmar que essa construção de conhecimento acontece através das trocas de experiências, enriquecidas pelo diálogo referente ao que aquele grupo ou pessoa já traz em sua própria bagagem.

Em recente experiência, na 8ª Bienal do Mercosul, em que atuei como mediadora, as questões referidas acima foram observadas e mais uma vez confirmadas. Na atuação como mediadora destaco a importância de construir percepções distintas ao conhecer pessoas diferentes, com as mais distintas culturas e dos mais diversos lugares, do Brasil e do mundo, além da diversidade das idades, crianças, adolescentes e adultos que chegam ao espaço expositivo com sua bagagem pessoal, com suas narrativas e o mediador, com conhecimentos prévios sobre a mostra, passa a interagir com essa diversidade de público constituindo uma constante troca de saberes.



(a) Atividade de mediação



(b) Grupo de alunos interagindo com uma das obras

Figura 1.5: 8ª Bienal do Mercosul

Da mesma maneira, ou, talvez mais intensamente, essa troca ocorre na mediação dos grupos escolares e/ou grupos agendados que chegam já com uma expectativa do que vão encontrar ou do que vai acontecer dentro do espaço no período da visitação.

Com a mediação, evidencia-se e reafirma-se a ideia de que o saber constitui-se prioritariamente nas trocas, confirmando a ideia de coletivo, mostrando que não estamos sozinhos e, desse modo, não sabemos tudo, tornando a experiência conjunta ainda mais gratificante.

Para Julia Rocha Pinto e Rejane Galvão Coutinho, ambas atuantes na Universidade Estadual Paulista, “o mediador não está disponível para conceder informações, mas para provocar”, definindo uma coparticipação entre mediador/observador, para junto com o visitante estar aberto a novas leituras.

Para Bemvenuti, a responsabilidade da significação da experiência compartilha ainda do espaço museal, pois nesses locais,

É sabido, que a permanência do visitante no espaço museal possibilita uma experiência desencadeadora de múltiplas reações, idéias, associações, pensamentos e gestos. A dificuldade talvez não esteja em apenas concordar ou mesmo gostar, o mais importante é pensar reflexivamente chegando a novas associações, conversas, leituras e finalmente a interpretações que produzam saberes e relações culturais divergentes. Por outro lado, àquele visitante tímido, que foge assustado com a suntuosidade do museu, encontrará na mediação uma possibilidade de aproximação (BEMVENUTI, 2007).

Um aspecto importante e inquietante, tanto para pessoas que tem um contato maior com a arte quanto para os leigos é a própria arte contemporânea. Verifica-se uma resistência que para Pinto e Coutinho é persistente e prejudicial, gerando inicialmente uma contraposição negativa:

[...] resistência à arte contemporânea ainda persiste e prejudica a ação mediadora, visto que o público se mostra incisivamente contra a produção de pós-modernismo. O que prepondera é a relação que Cocchi-
arale (2006) estabelece de que concebemos melhor aquilo que já há mais tempo foi registrado artístico-históricamente. O que esta resistência provoca é uma retaliação e uma incompreensão de que a arte contemporânea é muito mais próxima do público do que este pode notar. É na arte contemporânea que está a maior riqueza de aberturas e desdobramentos que o mediador pode provocar no pensamento coletivo e individual do grupo (PINTO; COUTINHO, 2011).

É importante pensar em como contornar as questões citadas acima, e, nesse sentido, evidencia-se o que diz Cocchi-
arale, citado por Pinto e Coutinho, “concebemos melhor aquilo que já há mais tempo foi registrado artístico-históricamente”, pois se pensa que a resistência está também em não querer, ou em simplesmente estar disposto a parar e refletir, ou olhar mais atentamente o que ocorre e está colocado ao redor.

Para esta disposição de ver o mundo de uma nova maneira, concorre o artista, que coloca em sua obra uma nova maneira de olhar o mundo, apresentada na própria obra. Nesse sentido deve-se pensar que se poderia também tentar ser como o artista, que observa atentamente a si próprio e ao mundo.

Outro ponto importante a ser abordado em relação ao ensino não formal, são as orientações de professores oferecidas também pelas ações educativas. As orientações de professores têm-se tornando um dos aspectos centrais das ações educativas e está abrangendo cada vez mais instituições culturais, inclusive tendo retornos muito significativos para as instituições, contribuindo com os indicadores de seu quadro avaliativo.

Com esses encontros, os professores são auxiliados e orientados a partir de uma qualificação centrada na presença da própria arte, reinserindo-a no ensino da arte na sala de aula. Nesses encontros ampliam-se as possibilidades de discussão, abrem-se portas para atividades relacionando a arte com o cotidiano. A qualificação tem o objetivo de ajudá-los a constituir uma reflexão com os seus alunos, elaborando um pensamento sobre as obras, sobre os artistas, sobre os motivos pertinentes a obra

e que levaram o artista a construí-la. Dessa forma constroem-se relações fazendo com que o aluno se perceba como agente, como alguém que pode e deve contribuir para a significação da obra de arte, ou seja, evidencia o sujeito como um sujeito do conhecimento constituído como participante ativo da sociedade.

Para esta tarefa, além das visitas guiadas e da mediação também são desenvolvidos materiais didáticos. O material didático é rico em informações. Ele aborda diversos assuntos relacionados às obras e aos artistas presentes na mostra, assim como proporciona atividades que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula, ou adaptadas de acordo com a necessidade e a vontade do professor em conjunto ou não com seus alunos.

Esses materiais geralmente tem uma abrangência definida desde os aspectos da história da arte, biografia dos artistas, até questões atuais nas diversas linguagens da arte contemporânea, focalizando o que está mais próximo da vivência dos alunos.

Martins e Picosque, como já enfatizado anteriormente, falam do professor que está interessado e sempre pesquisando. Norberto Stori¹² e Antonio Andrade Filho¹³ falam desta questão em seu texto, *O Ensino da Arte no Império e na República do Brasil*, enfatizando que

[...] o percurso da arte educação com qualidade, começa pelo professor reflexivo e sensível para dialogar com as linguagens, a história da arte e do ensino. Este profissional deve ter segurança ao escolher conteúdos e objetivos artísticos bem definidos em suas propostas, afinados com as realidades das diferentes comunidades (STORI; ANDRADE, 2011, p.14)

Constata-se a importância de o professor estar interessado no que ensina e também na construção do que pretende realizar com seus alunos.

Com isso, para que se possa ir delineando esse perfil de professor, percebe-se a importância das instituições, que permitem e constituem o acesso a um novo olhar de cada sujeito, para que possam saber onde estão indo e com o que vão se deparar.

A pesquisa mostra que os resultados obtidos pelo trabalho realizado pelos professores em sala de aula, após terem contato com as obras de arte originais e com o diálogo realizado com os artistas, além da reflexão elaborada em conjunto com os

¹²Professor do Programa de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

¹³Aluno do Curso de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

mediadores, atingiu aos alunos que passaram também a se mostrar interessados no trabalho de arte.

Na atualidade, as ações educativas se desenvolvem e são mais valorizadas e cada vez constituindo-se indissociadamente ao lado da preservação e difusão da arte, sendo que as instituições estão aderindo a essa prática também como uma forma de cultura, aumentando o acesso dos mais diversos grupos a esses espaços. A Fundação Vera Chaves Barcellos tem iniciado o seu projeto fundacional através desse tripé em que se constitui uma educação que é para a cultura sem deixar de ser cultura. Com um Projeto Educativo iniciado em 2011, a instituição abriu as portas para a comunidade na qual está inserida através de um Projeto voltado para os professores da rede municipal e estadual da cidade de Viamão.

Afirma-se com Bemvenuti a possibilidade da instituição de agenciar transformações da visão de mundo através do encontro do sujeito com o objeto que é dado em experiências, relações e aprendizagem, aproximando o que anteriormente pareceria distante:

Através deste grande processo de mobilizar o museu como um espaço mediador de conceitos e valores é possível transformar o encontro do sujeito com o objeto em um encontro de experiências, relações, saberes e aprendizagens. Como possibilidade de construção de relação com o patrimônio acolhido pelo museu de arte, cabe considerar que situações organizadas facilitam a aproximação e o acesso daquilo que poderiam permanecer distantes (BEMVENUTI, 2007).

Com frequência a ação educativa tem como objetivo um efeito multiplicador entre alunos, professores e comunidade contribuindo para um olhar crítico, questionador e consciente do seu papel na sociedade, com isso, os vínculos entre o ensino formal e o ensino não formal através da arte vão sendo consolidados de forma organizada. Acredita-se que ações organizadas junto com abordagens que aproximem a instituição do público e o público da arte, só tendem a acrescentar na educação e no ensino, que passa a ser prazeroso, sendo construído através do diálogo, de associações e de trocas.

Verifica-se que é dessa forma que a simples transmissão de conteúdos fixos pode ser substituída pela construção de conhecimento que se dá pelo coletivo enfatizando as diferenças através da aliança entre o ensino formal e o ensino não formal, como duas formas complementares articulando a educação e a cultura tendo a arte como fio condutor.

2 *Mudanças Culturais: a emergência das instituições culturais na atualidade*

Atualmente no Brasil existe uma diversidade de instituições culturais que se ocupam em abrigar e difundir a arte. Encontra-se entre estas instituições algumas que se ocupam diretamente da arte contemporânea, gerando uma preocupação com a preservação das obras que vem crescendo, inclusive em relação aos acervos de arte contemporânea em coleções mais amplas (BEMVENUTI, 2004). Entretanto, amplia-se também o número de instituições voltadas especificamente para a arte contemporânea, e surgem instituições com acervo exclusivo, como é o caso da Fundação Vera Chaves Barcellos.

O aumento do número de instituições culturais, principalmente no que se refere à diversificação de seu perfil – museus de arte sacra, museus com acervo com obras de um único artista, galerias com as mais diversas obras e artistas, institutos, pinacotecas, fundações de arte, etc – e o crescimento do interesse em aumentar o público visitante utilizando a exposição de arte e as obras de arte como recurso educativo, passou a ampliar a demanda das visitas, ao atingir um público bem diversificado.

Nos museus de arte, lugares destinados a abrigar obras de arte, todos os objetos sempre foram cultuados como objetos exóticos ou raros (BEMVENUTI, 2004), e mantidos longe dos olhos da maior parte da população. Com o tempo, com muitos intelectuais e estudiosos tendo acesso a esses locais, esses objetos tornaram-se também objetos de estudo, passando a ter uma importância de acordo com tudo o que poderiam revelar. Segundo Alice Bemvenuti, foi no século XVIII que, juntamente com movimentos pela abertura desses locais que abrigavam esses objetos ao público, que iniciava uma preocupação em se criar, dentro desse espaço, um espaço destinado à educação.

Entretanto, é somente no século XIX que os museus apareceram e se multiplicaram. E no fim desse século já se pensava no museu como recurso para educação. Com isso, começava-se também a estudar novas possibilidades de ação dentro da instituição e já se iniciava algum tipo de ação educativa. É nessa época que começaram a aparecer roteiros de visitas para o público que começava a frequentar essas instituições. Dessa forma, as instituições culturais (até então somente museus) chegam ao século XX com um pensamento de renovação, propondo a ampliação de ações educativas como forma de modificar e ampliar o público já frequentador.

Com o passar do tempo surgiram outras instituições, diferentes dos museus, para abrigar obras de arte. Instituições com propósitos parecidos, ou seja, o de difundir a arte em uma maior extensão territorial, assim como eventos que mobilizavam artistas de vários lugares através de seleções para a exposição de seus trabalhos em lugares inusitados. Dentro deste novo quadro, surgem também as mega exposições, como as bienais.

No Brasil, a Bienal de São Paulo, que teve a sua primeira edição em 1951, foi a primeira megaexposição internacional, inspirada na Bienal de Veneza, sendo considerada a “segunda mega exposição internacional de arte contemporânea do mundo”. Evidencia-se que essa exposição, que acontece no Parque do Ibirapuera, São Paulo, Brasil, também teve um papel importante e fundador no que diz respeito à área da educação¹.

Anos mais tarde, tal como a Bienal de São Paulo, aconteceu a primeira edição da Bienal do Mercosul, em 1997, em Porto Alegre, RS, Brasil. Confirma-se que esse evento também mobiliza e transforma a cidade nos anos em que ocorre, mobilizando tanto o público em geral, quanto os grupos que se formam para realizar a visita, entretanto, grande parte desse público é formado por estudantes.

Com a missão de promover projetos curatoriais e educativos, a Fundação Bienal do Mercosul coloca o Brasil como referencia no campo da arte. Mais recente do que a Bienal do Mercosul tem-se também a Bienal Ventosul, na cidade de Curitiba, estado do Paraná, Brasil, já em sua sexta edição. A exposição desta bienal, em 2011, abriga obras de mais de setenta artistas dos cinco continentes. Com uma programação extensa, é um evento que vem se fortalecendo no cenário da Arte no Brasil.

Os eventos bienais acontecem através de parcerias entre instituições, e para o de-

¹Fundação Bienal de São Paulo: <http://www.bienal.org.br/FBSP/pt/FundacaoBienal/Paginas/Carta-do-Presidente.aspx>

envolvimento do educativo estabelecem parcerias com as Secretarias de Educação, em que buscam desenvolver projetos que alcancem o público já existente e formem novos públicos através de ações educativas e uma programação que coloca a disposição do público, entre outros, seminários, encontros e oficinas.

Atualmente, também existem outros locais destinados a abrigar e mostrar a produção artística além dos museus e das mega exposições. Instituições financeiras passam a contribuir para a valorização da cultura através de ações que envolvem artes visuais, música, dança, teatro, cinema, etc. Um exemplo é o Santander Cultural, com instituições em várias cidades brasileiras, como em Porto Alegre e em Recife, que atuam na área da cultura, com parcerias que potencializam e contribuem para a transformação social. Ou o Itaú Cultural, na cidade de São Paulo, com a missão de “desenvolver e organizar processos e gerar conhecimento sobre as artes brasileiras; compreender as práticas culturais e, com base nessas práticas, ampliar o acesso à cultura e promover a participação social.”².

Essas duas instituições usadas como exemplo acabaram assumindo um papel importante na arte e na sociedade, pois suas ações contribuem para o acesso a cultura, além de trabalharem não apenas com as artes visuais e sim abrindo espaço interdisciplinar para as demais áreas artísticas.

Em 1991 começaram a surgir no Brasil leis estaduais de incentivo a cultura, tendo como base a renúncia fiscal. Uma dessas leis é a Lei Rouanet, que tem como um dos objetivos facilitar o acesso à cultura, permitindo que pessoas e empresas utilizem parte de seu imposto de renda em ações culturais, e contribuindo em iniciativas culturais através da renúncia fiscal. Muitas instituições utilizam esse meio para criar fundações ou promover eventos culturais.

Na atual pesquisa, buscam-se abordar, além da instituição que é o foco da pesquisa – Fundação Vera Chaves Barcellos - outras duas instituições que possuem características semelhantes: ter como principal missão preservar, pesquisar e difundir a obra do artista que dá nome à instituição. São instituições que abrigam obras de artistas de grande importância internacional e que desenvolveram projetos para a captação de recursos para realizar suas ações, que vão desde concepção de exposição, até a promoção de seminários, encontros com artistas, palestras, cursos e ações educativas, etc.

Em relação às ações educativas, é através delas que se dá o atendimento do maior

²Itaú Cultural: http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2676

público das instituições. E através dessas ações, são oportunizadas experiências para pessoas que, em sua maioria, nunca tiveram contato com a arte.

Nesse trabalho apresentam-se ações educativas de três instituições que tem o objetivo de preservar, pesquisar e difundir a obra dos artistas que as determinam e lhes dão seu nome: Fundação Vera Chaves Barcellos, Fundação Iberê Camargo e Museu Lasar Segall. Dessa forma, buscou-se analisar que caminhos e escolhas foram realizados para legitimar essa ação dentro da instituição.

Constatou-se que as instituições utilizam nomes diferentes para o setor responsável pela área educativa. Na Fundação Vera Chaves Barcellos denomina-se Projeto Educativo, na Fundação Iberê Camargo Programa Educativo e no Museu Lasar Segall, Ação Educativa. Para facilitar o entendimento ao longo do texto optou-se por uma única denominação, a que mais aparece entre os referenciais teóricos: Ação Educativa. Entretanto, sempre quando se mencionar Ação Educativa, não citando diretamente uma das instituições, essa se referirá as três denominações: Ação Educativa, Programa Educativo e Projeto Educativo.

Entretanto, não é só no nome que se encontram essas diferenças. Em relação às programações e atividades, tudo varia de acordo com as especificidades de cada instituição, assim como a maneira de conduzir o público também é diferente.

Uma dessas diferenças se refere a equipe de pessoas responsável por esse setor dentro da instituição. Enquanto em uma tem-se uma grande equipe, em outra o quadro de funcionários conta com poucos integrantes e que são responsáveis por tudo que diz respeito à ação educativa, não se restringindo a uma especialidade.

Todos esses aspectos serão, comentados separadamente, procurando ultrapassar a semelhança entre as instituições escolhidas juntamente com a Fundação Vera Chaves Barcellos, enfocando as diferenças e particularidades de cada ação educativa.

Para que isso se tornasse concreto foi-se buscar nas próprias instituições informações que pudessem ir além do aspecto prático e da pesquisa nos sites. Cada uma delas traz uma riqueza de informações que são fundamentais para que a pesquisa sobre as mesmas tenha um bom resultado e que seja possível a realização de um quadro comparativo. Em todo o processo buscou-se informações e materiais que pudessem acrescentar à pesquisa. Nas visitas aos locais foi possível ver o entorno e abordar a relação da instituição com as pessoas, as escolas e o público espontâneo.

Com os dados em mãos, é possível perceber, no histórico de cada instituição,

o momento em que se começa a ter uma preocupação com a parte educativa, que mecanismos foram utilizados para chegar ao público e as mudanças que precisaram ocorrer para que o trabalho fosse realizado de maneira satisfatória, e não se tornasse algo vazio, como um mero entretenimento, sendo tratado apenas como um passeio pelos alunos e professores, os quais constituem o maior público atualmente atingido pelas ações educativas em geral.

2.1 Museu Lasar Segall

O Museu Lasar Segall é uma instituição federal com a missão de preservar, estudar e divulgar a obra de Lasar Segall, estimular a vivência, reflexão e experimentação no campo das artes, contribuindo para ampliar o acesso às manifestações culturais e para a formação da cidadania no contexto brasileiro³.

Lasar Segall nasceu na comunidade judaica da cidade de Vilna, capital da Lituânia em 1891. Com quinze anos iniciou os estudos de artes na Academia de Belas Artes de Berlim e, posteriormente, estudou na Academia de Belas Artes de Dresden. Em 1913 chegou ao Brasil pela primeira vez, onde permaneceu por um breve período tendo realizado exposições e ministrado aulas.

Nesse período, Segall foi professor de desenho de Jenny Klabin, que viria a se tornar sua esposa após o retorno definitivo ao Brasil. Regressando a Europa, o artista deixa uma série de trabalhos em coleções espalhadas pelo Brasil. Já na Europa, ao juntar-se com outros artistas, entre eles Otto Dix, funda, em Dresden, o Dresden Sezession – Gruppe 1919⁴. E em 1923 retorna ao Brasil, fixando-se definitivamente.

No Brasil, Segall é reconhecido e considerado um destaque da arte moderna⁵ e das vanguardas européias⁶. As pinturas do artista explodem no cenário nacional, influenciadas por todo o contexto do país: suas paisagens e seus habitantes. No ano de 1925, Segall casa-se com Jenny Klabin tendo dois filhos, Mauricio e Oscar. Lasar Segall morre em 1957, na sua residência, no bairro Vila Mariana, em São Paulo, Brasil.

³Museu Lasar Segall: <http://www.museusegall.org.br/mlsTexto.asp?sSume=34>

⁴Grupo “formado por jovens artistas revolucionários [...] que promovem exposições e publicações.” (SCHWARTZ; MONZANI E D’HORTA, 2010, p. 59)

⁵Para Fernando Cicchiarale, a Arte moderna é a que “a intervenção do artista é voltada, tal como na arte do passado para a produção de objetos (obras) portadores de propriedades intrínsecas a serem contempladas pelo público.” (COCCHIARALE, 2006, p. 8)

⁶Entende-se por vanguardas européias movimentos culturais que iniciaram no começo do século XX na Europa. Esses movimentos, chamados de cubismo, dadaísmo, futurismo, entre outros, são englobados pela arte moderna e são vistos como uma ruptura com as estéticas anteriores.

Dez anos após a morte do artista, em 1967, inaugura-se o Museu Lasar Segall na antiga residência do casal. Jeny Klabin Segall, viúva de Lasar Segall, vinha trabalhando com a ajuda dos filhos para a criação do museu, cuidando especialmente das obras deixadas pelo artista.



Figura 2.1: Fachada do Museu Lasar Segall, 2011

O Museu Lasar Segall, idealizado por Jenny Klabin Segall foi criado como uma associação civil sem fins lucrativos, em 1967, por seus filhos Mauricio Segall e Oscar Klabin Segall. Desde então está instalado na antiga residência e ateliê do artista, projetados em 1932, por seu cunhado, o arquiteto de origem russa Gregori Warchavchik.

Em 1985, o Museu foi incorporado à Fundação Nacional Pró-Memória, integrando hoje o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN do Ministério da Cultura, como unidade especial. A partir de 2009 converte-se em uma das unidades do Instituto Brasileiro de Museus.

Apesar de o museu ter sido constituído na antiga residência do artista, o espaço não é um local onde se apresenta a casa de Lasar Segall com os objetos pessoais, evidenciando a vida dos habitantes do local. O que permanece da casa de Segall é a estrutura, principalmente a externa. Mesmo sendo um patrimônio tombado, os espaços foram adaptados e abrigam exposições do acervo de obras do artista, que conta com 3.008 exemplares originais, além de possuir outro espaço destinado a exposições temporárias organizadas pela instituição.



Figura 2.2: Parte interna do museu, espaço de exposição dedicado a Jenny Klabin



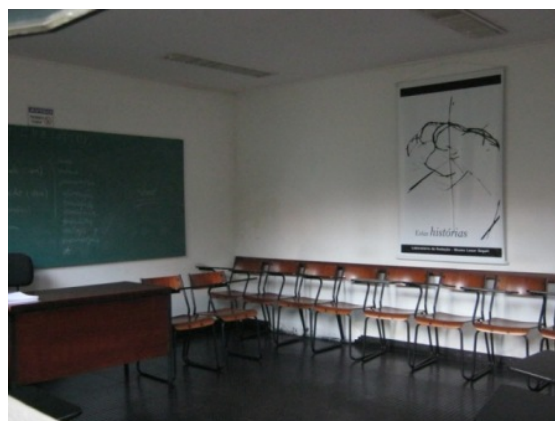
Figura 2.3: Pátio interno do museu

Além das exposições do acervo do artista, acompanhadas de visitas guiadas de escolas e também do público em geral, o museu promove diversas atividades direcionadas aos mais diversos públicos frequentadores do museu: cursos de gravura, cursos de fotografia e sessões de cinema. O espaço também abriga uma biblioteca com um acervo diversificado, possuindo diversos exemplares sobre arte, fotografia, material audiovisual, além de uma completa documentação sobre Lasar Segall.

No museu, ocorrem três tipos de atividades oferecidas à comunidade: criação literária, oficinas no ateliê de gravura e oficinas e cursos de fotografia. Os cursos e oficinas são subdivididos por suas características e peculiaridades explorando as potencialidades ou ampliando as habilidades de quem participa das atividades, atendendo a um público iniciante e/ou a um público experiente.



(a) Laboratório de Criação Literária



(b) Ateliê de Gravura

Figura 2.4: Espaços do museu

O cinema existe desde 2009. É aberto ao público, sendo cobrado ingresso para as sessões programadas duas vezes por dia (umas às 17h e outra as 19h15min).

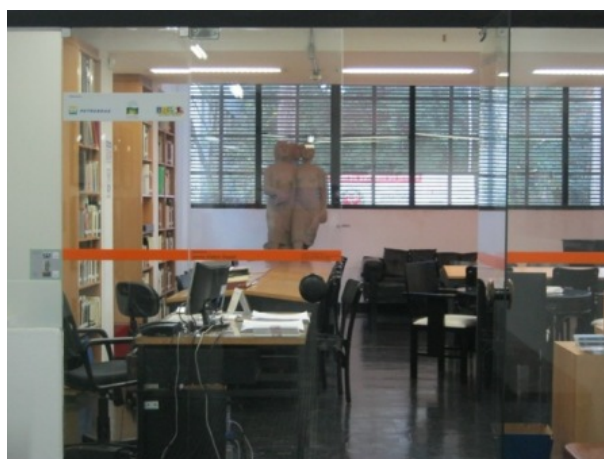
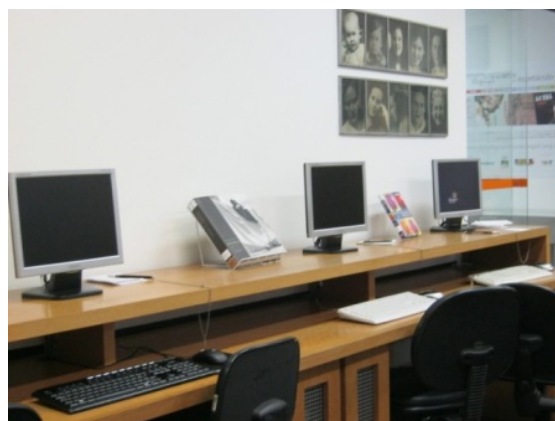


Figura 2.5: Entrada da Biblioteca Jenny Klabin

A Biblioteca Jenny Klabin funciona desde 1973. Seu nome foi dado em homenagem à esposa de Lasar Segall, que foi escritora e tradutora. Possui um rico acervo formado por uma ampla documentação sobre a vida de Lasar Segall (cerca de 8.000 documentos, dentre correspondências, textos do artista, fotos, anotações sobre arte e outros assuntos, cadernos, recortes, entre tantos outros), fotografias (aproximadamente 5.000 fotografias pessoais que registram a sua vida, sua família, amigos, colegas e aspectos do seu cotidiano), um acervo digital das artes do espetáculo, artes cênicas, e audiovisual (cinema, televisão e rádio).



(a) Acesso à internet



(b) Acesso ao acervo

Figura 2.6: Biblioteca

A biblioteca é aberta ao público, mas não é permitida a retirada de exemplares⁷. Entretanto, possui um serviço de cópias xerográficas, respeitando os limites da legislação de direito autoral. O catálogo pode ser também acessado online assim como a Biblioteca das Artes do espetáculo⁸.

2.1.1 Ação Educativa do Museu Lasar Segall

A Ação Educativa do Museu Lasar Segall iniciou em 1985, com a preocupação do seu diretor na época, o arquiteto Mario Lasar Segall, filho de Lasar Segall, com o público e com o museu, para que ele não se tornasse apenas um templo de culto as obras de seu pai e sim que contribuísse culturalmente na sua comunidade. A partir desta data, pensou-se inicialmente em levar o museu para as escolas e trazer as escolas para o museu.

E, para que esse desejo se tornasse realidade precisava-se de um projeto educativo. Para coordenar esse setor emergente da instituição foi chamada Denise Grinspum⁹ como Coordenadora da Divisão de Ação Educativo-Cultural, com o objetivo de elaborar estratégias para dar início a Ação Educativa.

De 1985 a 2011, muitos aspectos foram modificados na Ação Educativa. No início

⁷Em visita a instituição, realizada em setembro deste ano, pude observar e vivenciar todos os espaços do museu relatados acima. E em uma entrevista realizada com uma das responsáveis pela Ação Educativa, tive a oportunidade de saber detalhes sobre as atividades, o público, os espaços e, principalmente, sobre a dinâmica de funcionamento da Ação Educativa no Museu Lasar Segall.

⁸Catálogo online e Biblioteca Digital das Artes do Espetáculo disponíveis nos seguintes endereços: www.museulasarsegall.org.br/bjks/catalogoonline e www.bjksdigital.museusegall.org.br

⁹Arte Educadora. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo.

as visitas funcionavam de maneira bem esquemática. Segundo Marina Almeida, uma das atuais responsáveis pela Ação Educativa do museu, quando as escolas visitavam o museu, os alunos e professores recebiam uma biografia completa sobre o artista. Depois disso, o grupo era encaminhado para exposição onde se detinham em uma ou duas obras, indo, logo após, para o ateliê finalizar a sua visita, sendo orientados na realização de uma obra prática. Grinspum tinha como eixo educativo a metodologia triangular, formulada por Ana Mae Barbosa. E, a partir de então foi assim que passou a ser realizada a visita guiada ao Museu Lasar Segall até 2008.

Segundo Marina Almeida, o projeto já estava totalmente estruturado, não sendo nem um pouco maleável, os roteiros das visitas eram sempre os mesmos, o que mudava era o público. A partir de 2008, começou-se a pensar em novas estratégias de abordagem do público frequentador do museu. Uma longa pesquisa, em relação a público e ações educativas, foi realizada entre 2007 e 2008, contando com assessoria externa. Dessa forma, a equipe foi ampliando o projeto para que se tornasse algo mais instigante, tanto para quem trabalhava no museu, quanto para os alunos e grupos que seriam recebidos.

A pesquisa incluiu um estudo sobre os níveis de desenvolvimento estético do observador. Através de Abigail Housen¹⁰, Grinspum traz esse conhecimento para dentro do museu, definindo-o como temática pelo qual o mediador irá conhecer o seu público conseguindo instigá-lo a partir do que ele já traz como bagagem de experiências.

Denise Grinspum acaba por assumir a direção do museu, tendo, a partir daí, mais liberdade para a pesquisa, possibilitando a toda a equipe a realização de visitas a outras instituições, vivenciando-as também como público, e percebendo assim, o que poderia vir a ser realizado em sua própria instituição.

Nessa nova fase da Ação Educativa na instituição começou-se a questionar a importância de apresentar, no início da visita toda a vida do artista, desde sua infância até sua morte. Passou-se a pensar no que seria mais importante para um grupo de alunos do 3º ano do ensino fundamental em uma visita ao museu. Levantou-se se a coerência do roteiro, com os alunos saindo da sala de aula, tomando o ônibus e chegando à instituição e sentando novamente para ver uma apresentação da vida de uma pessoa. Segundo Mariana Almeida “A biografia era interessante para a criança porque era no cinema/auditório, com projeção, no escuro, ou seja, a questão que se colocou é se era mesmo interessante a biografia ou o ambiente?”.

¹⁰Doutora em Educação pela Universidade de Harvard, EUA.

Esse tipo de questionamento relacionado ao conteúdo da visita guiada apareceu na equipe responsável e percebeu-se que se podia ter uma dinâmica diferenciada para tudo o que estava sendo mostrado para os visitantes, para que realmente se torne importante para ele e que passasse a fazer algum sentido. Até mesmo os ateliês, onde eram realizadas as oficinas, onde os alunos pintavam ou desenhavam, foram repensados e os roteiros também foram alterados. Atualmente o funcionamento da Ação Educativa já está mudado e diversificado.

Apesar dos contratempos e dificuldades o Museu Lasar Segall possui uma Ação Educativa bastante forte e bem estruturada atingindo os mais diversos públicos. Na entrada do museu está presente uma catraca que ajuda no controle do fluxo de pessoas, gerando um indicador do público que frequenta o museu. A entrada é gratuita, mas a contagem é um aspecto importante, que ajuda a instituição a conhecer cada vez mais o seu público, podendo, assim, estar preparado para a demanda.



Figura 2.7: Entrada do espaço expositivo reservado a exposições temporárias

O museu possui dois espaços expositivos. Um deles abriga a obra de Lasar Segall, com exposições de longa duração, que podem ser temáticas, e que podem ir se modificando com o passar do tempo. E o outro espaço está aberto a outras exposições que são de curta duração.

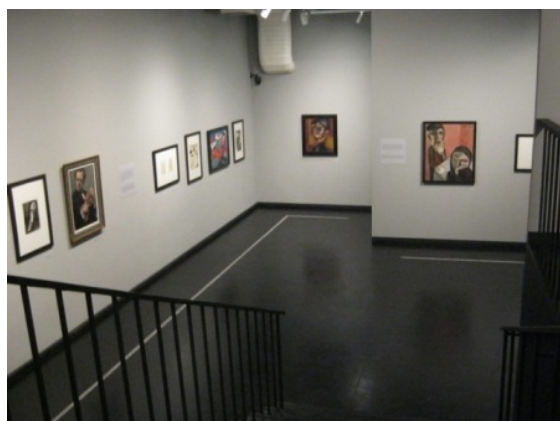


Figura 2.8: Espaço expositivo



Figura 2.9: Entrada do espaço expositivo da exposição de acervo

Para cada uma das exposições são montados roteiros que podem ser escolhidos pelo grupo que deseja visitar o museu. Para pensar nesses roteiros, a mesma equipe da Ação Educativa formou um grupo que se reúne todas as segundas feiras para discutir novas propostas, para sugerir e compartilhar ideias e para que a dinâmica mude e não fique sempre nas mesmas atividades, além de buscar alternativas ao fazer parcerias com outras instituições.



(a) Vista 1



(b) Vista 2

Figura 2.10: Espaço expositivo

Além das salas de exposições e dos demais espaços já citados anteriormente, o museu possui um espaço para abrigar o projeto educativo. Este espaço é bem equipado e lá são realizadas as oficinas após a visita pela exposição.



Figura 2.11: Espaço educativo

Atualmente, a instituição possui três programas de atendimento ao público, cada um com suas especificidades.

O Programa Museu Escola, que atende as escolas (educação formal), o Programa Museu Família, que atende as famílias (público espontâneo) e o Programa Museu Comunidade, que atende instituições sociais e socioculturais, tais como ONGs, abrigos, asilos, fundações, em que se pensa em um público diferente do escolar.



Figura 2.12: Ação Educativa em ação (Foto: <http://www.museusegall.org.br/mlsTexto.asp?sSume=25>)

O público mais frequente é o escolar. Para eles são oferecidas as visitas educativas. Para que elas ocorram, os professores começam o seu contato com o museu com um mês de antecedência. Nesse primeiro contato, o professor ou responsável pelo grupo recebe um documento com informações básicas do funcionamento do museu (anexo 3). Juntamente com essas informações, ele recebe uma de atividades, uma lista de roteiros (anexo 4) e uma ficha para ser preenchida com as informações referentes ao grupo (anexo 5): a exposição escolhida (a de Lasar Segall ou a exposição temporária), as atividades práticas escolhidas, informações do grupo, com a quantidade de alunos (máximo 40) a faixa etária do grupo (a partir dos três anos), e algumas perguntas mais específicas, como se tem algum aluno com mobilidade reduzida, necessidade especial, se esse grupo já fez alguma visita em outra instituição cultural, etc. Depois dessa etapa é o museu que entra em contato com o professor para saber mais informações sobre a turma.

Dessa forma é possível definir com antecedência o perfil do grupo que se vai receber, podendo assim, pensar em estratégias de mediação para aquele determinado grupo. Quando termina a visita o professor e o educador do museu que atendeu ao grupo fazem a avaliação da visita informando às atividades que foram realizadas e um breve comentário de como foi realizada (anexos 6 e 7).

A dinâmica muda de grupo para grupo, por isso a importância desse retorno das duas partes através dessa avaliação. Dessa forma, podem-se repensar algumas questões e ampliar outras que talvez tenham funcionado muito bem. Ainda em relação ao transporte, o museu conta com uma parceria feita com a Secretaria de Educação que fornece ônibus para que as escolas da rede possam realizar a visita na instituição. O

mesmo não acontece com as escolas particulares, e, nesse caso, a própria escola arca com todos os custos do transporte.

Existem algumas escolas localizadas no entorno do museu, mas as visitas não são frequentes e não há parcerias firmadas. Perto do museu existem duas escolas, uma chama-se Escola Lasar Segall. Além das escolas existe também um abrigo social com o qual o museu já realizou um trabalho, em que foi feita uma visita ao museu e, posteriormente a equipe do museu também visitou o abrigo realizando atividades culturais.

Na entrevista realizada no museu, foi afirmado que o Museu Lasar Segall não é muito divulgado e as escolas estão indo mais ao Museu Ipiranga ou ao de Arte Moderna, ambos em São Paulo, deixando o museu que está no seu próprio bairro de lado. Também na entrevista foi definido que atualmente já se pensa em projetos para o próximo ano, e que então se irão buscar algumas estratégias de aproximação com esses locais e um possível estreitamento de contatos.

Algo importante a ser observado é em relação ao público com necessidades especiais. O museu não está aparelhado com a acessibilidade desse público. Conforme foi relatado por Marina Almeida, o museu não possui rampas, têm escadas, e tudo isso já é conversado com o grupo no momento do agendamento. Mas, apesar desses obstáculos, a instituição, através da Ação Educativa, tenta integrar ao máximo esse público. Quando é apenas um aluno ou integrante do grupo com algum tipo de deficiência física, por exemplo, todo o grupo se adequa a ele. Caso tenha-se que subir em algum lugar, ou torna-se possível o acesso ou o grupo inteiro não irá até o local. Para o público com deficiência visual existe o áudio guia que pode ser solicitado já na recepção. Ele é por numeração e o visitante escolhe o que quer ouvir. O áudio guia não é apenas utilizado por pessoas com deficiência visual. O público espontâneo também pode solicitar, pois o museu oferece as visitas guiadas apenas para o público agendado. Não existem mediadores disponíveis nos espaços para atender a esse público então o áudio guia pode ser utilizado para substituir o mediador. Eles possuem um guia para surdos também. É um aparelho com tela onde passa um vídeo com um interprete de libras, além de ser legendado. Esse também é por numeração. Os dois aparelhos descrevem todos os locais do Museu, o jardim, o ateliê e os espaços expositivos, por exemplo.



Figura 2.13: Indicação para o áudio guia

Ainda em relação ao público especial a equipe da Ação Educativa já produziu diversos materiais que, na verdade, foram sendo produzidos para adequar às necessidades do público que começou a frequentar a instituição. A equipe produziu artesanalmente esses materiais.

Marina Almeida descreveu na entrevista alguns desses projetos da equipe como soluções simples, desde o

[...] uso de quebra-cabeças de obras com figuras humanas, com contorno para ele sentir; foi feito material manualmente com alto-relevo, na atividade de atelier, temos uma espécie de lousa, onde não tem o fundo verde, mas é uma redinha, onde se coloca um papel em baixo e pinta-se com giz de cera e o desenho fica com alto-relevo (ALMEIDA, 2011).

E além de serem soluções simples encontradas pela equipe, que não conta com ajuda de custo para poder mandar fazer esses materiais fora, a equipe mesma trabalha com o que possui da melhor forma possível para tornar o museu um pouco mais acessível a esse público.

Outro programa oferecido pelo educativo do museu é o Programa Arte-Família. Nesse programa direcionado a grupos de famílias ou amigos, as atividades têm dias específicos para acontecer e são divididas em duas: Oficina de Arte e Arte em Família. As Oficinas de Arte consistem em

[...] uma dinâmica de ateliê com a utilização de materiais e técnicas diferentes. Ocorre sempre no primeiro domingo de cada mês, às 15h00, com uma hora e meia de duração¹¹.

¹¹Museu Lasar Segall: <http://www.museusegall.org.br/mlsTexto.asp?sSume=24>

E a atividade Arte em Família ocorre no terceiro domingo do mês, sendo oferecidas oficinas, jogos e brincadeiras como uma forma diferente de conhecer a vida e a obra de Lasar Segall. São atividades gratuitas e que são agendadas no mesmo dia em que acontecem no próprio museu.

As atividades do museu-família acontecem nessa instituição que está localizada em um bairro residencial da cidade de São Paulo. E esse certamente é um fator importante a ser considerado. Pois, justamente por estar inserida em um bairro residencial é significativo ter esse tipo de ação que contribua para que as pessoas que residem próximo ao museu o visitem e que tornem essa visita um hábito, desmistificando os espaços expositivos, as obras de arte e todo o contexto negativo e preconceito que afasta as pessoas desses locais.

No Brasil, essa relação da cultura tão próxima à residência não é muito frequente, em alguns casos, principalmente, pela localização das instituições. Algumas instituições, como nos outros dois casos abordados na presente pesquisa, ficam em lugares isolados e de difícil acesso, e isso acaba por contribuir ainda mais para que haja o afastamento do público ao invés de aproximação.

O Programa Museu-comunidade busca, através de parcerias e/ou agendamentos de outras instituições, viabilizar as visitas ao museu. Dessa forma ampliam-se as trocas e as experiências de quem participa das visitas. Além de atingir um público diferente das escolas, tendo desafios de se trabalhar com grupos heterogêneos.

Todos esses aspectos e atividades da Ação Educativa do Museu Lasar Segall que estão sendo apresentados são pensados, realizados e postos em prática no museu por uma pequena equipe. A última coordenadora saiu da instituição em julho deste ano. Diante disso a equipe ficou menor, mas continua com as atividades normais.

A instituição, por ser uma instituição federal, os funcionários deveriam ser todos concursados. Entretanto, isso não acontece no Museu Lasar Segall. Atualmente apenas uma educadora é concursada e conta com dois estagiários que são contratados pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Mineração). Os outros integrantes da Ação Educativa são funcionários terceirizados, tal como Marina Almeida que gentilmente nos atendeu na entrevista e que atua na instituição desde 2004, além de mais outra pessoa que também atua na Ação Educativa. Os demais estagiários da instituição também são contratados externos.

A equipe educativa do Museu Lasar Segall conta com uma educadora concur-

sada, três educadoras contratadas e mais três estagiários. Os membros desta equipe assumem diversos papéis dentro da instituição, têm o papel de educadores, mediadores (nas visitas agendadas), pesquisadores, funcionários administrativos, oficineiros e todas as demais funções que a Ação Educativa vier a exigir.

Como se constata, existem muitas funções a serem realizadas não só nas atividades educativas como em todo o museu. Além das funções do coordenador, que no momento é inexistente, todas as funções são divididas, ou seja, todos fazem também a operacionalização para o educativo vir a ocorrer como agendar as visitas, responder os e-mails, atender ao telefone, ajudar na indicação de roteiros para as escolas. E, as outras atividades como a escrita de textos, o pensar em novos roteiros, elaborar materiais didáticos, aperfeiçoar o que já se tem, entre outras funções se dividem a partir da característica de cada um, utilizando as competências dos componentes do grupo. Quando as tarefas são divididas, o responsável tem uma data para aprontá-la, mas todos podem contribuir para que ela seja feita da melhor maneira possível, conforme afirmou Marina Almeida.

E, por último, tem-se na instituição materiais didáticos e outros materiais que integram ou já integraram a Ação Educativa do museu. Anteriormente falou-se, entre outros aspectos, na criação de jogos, e a adaptação dos mesmos para o desenvolvimento de atividades em que se possa trabalhar com a percepção dos alunos, fazer com que possam aguçar o olhar, assim como despertar o interesse e a curiosidade. Estes jogos fazem parte dos roteiros e dos programas oferecidos pela instituição nas visitas.

Os materiais educativos constituem basicamente quebra cabeças, jogos de memória, caça detalhes¹², contação de histórias, entre outros produzidos pela própria equipe, ou, um material construído ou adquirido quando se obtinha algum tipo de subsídio, um material vindo de fora, como é o caso do jogo de tabuleiro¹³, e que, em certo momento era parte do material distribuído aos alunos dos grupos escolares e atualmente está sendo vendido na lojinha do museu. Todos esses materiais são pensados

¹²Em plaquinhas tem-se detalhes de obras do Lasar Segall, senta-se com as crianças e começa-se uma contação de histórias. O jogo inicia-se com um participante iniciando uma história a partir de um dos objetos, depois, os demais participantes dão continuidade a história a partir dos outros objetos. Depois, eles procuram esses detalhes na exposição.

¹³Segundo Marina Almeida esse foi um “produzido no projeto com parceria da Secretaria da Educação onde pensou-se em produzir um material para o aluno para que ele pudesse usar em casa, na escola. É um jogo de tabuleiro, com as obras sendo as peças, com dado, prancha e um livrinho: um passeio pelas obras de Lasar Segall, semelhante a uma revista e um jogo, onde fala-se do artista de forma mais lúdica, sobre sua formação, sua vida, suas obras, suas técnicas”. (em entrevista, set.2011).

para estabelecer algum tipo de relação com a exposição e, muitos deles, também para contribuir com a mediação de pessoas com necessidades especiais.



(a) Caça Detalhes

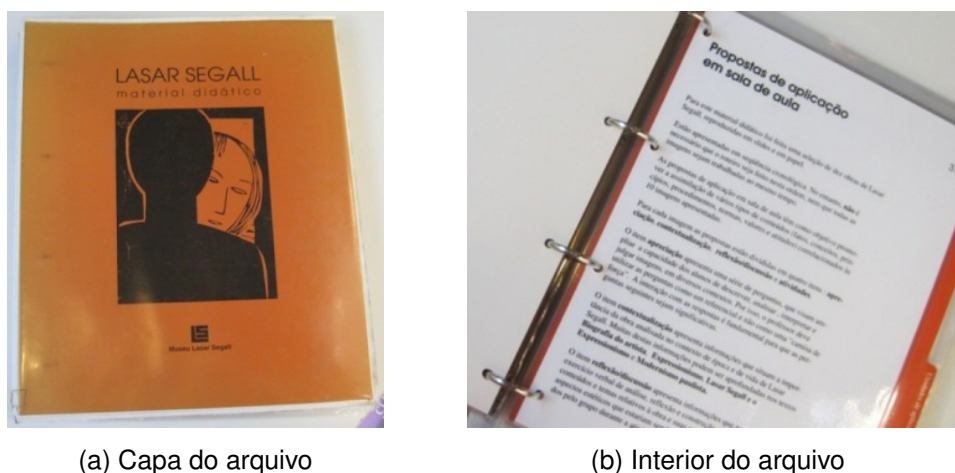


(b) Tabuleiro

Figura 2.14: Jogos

Além desses materiais direcionados aos alunos existe um material direcionado aos professores. Este material foi se modificando com o passar do tempo. Em 1998, o material era constituído por um fichário e o professor tinha a possibilidade de levá-lo para a escola e pensar, através dele, atividades para serem trabalhadas em sala aula antes ou depois da visita. Esse material era devolvido pelo professor no dia da visita. Segundo Marina Almeida

Este material era constituído pela biografia do Lasar Segall, as vanguardas artísticas, os movimentos em que ele participou (modernismo), também continha propostas de sala de aula para aplicação, em formato de unidades didáticas, onde era definida a parte de apreciação, contexto, discussões com os alunos e atividades práticas, totalizando quinze unidades didáticas. Ainda estava constituído de uma parte teórica/ escrita, ilustrada com imagens: imagens em prancha impressa, transparências e slides.



(a) Capa do arquivo

(b) Interior do arquivo

Figura 2.15: Material Didático de 1998

Em 2005, houve uma reimpressão desse material mantendo-se a base, mas com algumas modificações em que obras e textos foram modificados. Isso aconteceu pelo fato de a instituição ter um curso de capacitação para utilização do material educativo, com oferecimento gratuito para professores.



Figura 2.16: Material Didático 2005

No curso para professores fala-se não somente do Lasar Segall, mas sobre o material, em como utilizá-lo em sala de aula, enfatizando que o material não é um roteiro a ser seguido fielmente e sim um mecanismo para que se possa pensar e, a partir disso, conceber novas idéias, atividades e formas de se trabalhar com os seus alunos. O professor que participa do curso recebe esse material. Os demais interessados podem ter acesso a ele na loja do museu ou no site, onde acessam a parte escrita sem as imagens. Essa mudança foi um passo importante para as atividades e a relação da instituição com o seu maior público, as escolas (professores e alunos). Também

passaram a ser oferecidos outros cursos para os professores ao longo do ano. Existe uma programação (anexo 8) com todas as informações, informando como participar, as datas em que ocorrem os cursos e os assuntos que serão.

Além desse material educativo, modificado em 2005, foi feito apenas outro, ampliando o escopo ao conter uma comparação entre Lasar Segall e Otto Dix. Esse material, produzido em 2002, e apresentado em um dos encontros para os professores, contemplou uma exposição que reuniu os dois artistas e teve como eixo principal o período entre guerras, as obras que foram criadas pelos artistas nesse período. Tal como os outros materiais enfocados anteriormente, esse também possuía as imagens e as unidades didáticas como forma de auxiliar o professor em sua atividade em sala de aula.



Figura 2.17: Material Didático de 2002 com Lasar Segall e Otto Dix

Outro material educativo, diferente dos anteriores e também direcionado aos professores, foi elaborado atualmente, mas foi pensado ainda quando Denise Grinspum estava no cargo de diretora da instituição. O material foi esquematizado de forma diferente, onde, ao invés de ser dividido em biografia do artista, imagens, textos e unidades didáticas, pensou-se em um conjunto separando-o em cinco temas, por isso o título do material: Lasar Segall – Processo Criativo em cinco temas. Os cinco temas são os que estão presentes na obra do Lasar Segall: identidade, paternidade, retrato, florestas e registro social. Neste material, a partir dos temas são trazidos outros artistas modernos e também contemporâneos, inclusive através de imagens.

Um aspecto importante a ser ressaltado é que a instituição não possui outros materiais, além do catálogo, direcionado para a Ação Educativa, das exposições de curta duração. Isso acontece em função das exposições geralmente acontecerem em par-

ceria com outras instituições. Diante disso o material fornecido já chega pronto ao museu que abriga a exposição. A Ação Educativa nessas exposições não produz nada específico.

Tentou-se através desse relato exaustivo mostrar a forma como é pensada e concretizada a Ação Educativa do Museu Lasar Segall. Verifica-se que a instituição percorreu um longo caminho até que a ação educativa tomasse o formato atual. Diante da conversa com as responsáveis pelo setor, nota-se o grande empenho para que a Ação Educativa aconteça da melhor forma possível, atendendo as necessidades da comunidade e proporcionando, através das mais diversas atividades, o contato com a obra de arte, a oportunidade de uma experiência em um espaço diferenciado e acolhedor. Evidencia-se também, que por ser uma instituição monográfica, o foco é sempre o artista que dá nome a instituição. Penso que não poderia ser diferente, mas ao mesmo tempo existem outras exposições acontecendo no mesmo local e poderiam ser mais exploradas, assim como a exposição de Lasar Segall.

Confirma-se que as atividades são sempre pensadas pela equipe que tem dedicação no seu trabalho. E, para mim, foi essencial ter visitado o local e poder vivenciar o espaço fisicamente, e, também através da entrevista poder imaginar como as coisas acontecem naqueles espaços. O fato de existir uma preocupação com a pesquisa, com o atendimento, com os roteiros e com a acessibilidade às necessidades especiais, apesar de o museu ainda não ter esse acesso, é muito importante, e tem uma contribuição ímpar para a arte-educação. Percebi com minha visita ao museu que com poucos recursos pode-se fazer muito, além de poder ir conquistando um espaço, e através dessa conquista conseguir contribuições e parcerias que podem então desenvolver a Ação Educativa.

2.2 Fundação Iberê Camargo

Missão: preservar o acervo, promover o estudo e a divulgação da obra de Iberê Camargo, e estimular a interação dos públicos da Fundação com a arte, cultura e educação, a partir de programas interdisciplinares¹⁴.

Iberê Camargo nasceu em novembro de 1914 na cidade de Restinga Seca, interior do Rio Grande do Sul, Brasil. Passou parte de sua vida no Rio de Janeiro. Foi um artista decidido e com uma personalidade forte, que nunca se apegou a conceitos.

¹⁴Fundação Iberê Camargo: <http://www.iberecamargo.org.br/site/a-fundacao/fundacao-conheca.aspx>

Estudou muito, tanto no Brasil como na Europa, onde teve grandes nomes ao seu lado. Artista gaúcho de grande importância no século XX, reconhecido no mundo inteiro e com um extenso número de obras – pinturas, gravuras, guaches e desenhos.

Foi em 1928 que iniciou a sua formação em pintura na Escola de Artes e Ofícios da Viação Férrea de Santa Maria, tendo como um de seus professores Frederico Lobe. Foi no Primeiro Batalhão Ferroviário, que Iberê Camargo inicia seu trabalho profissional como desenhista técnico. Com sua vinda para Porto Alegre, trabalha na Secretaria Estadual de Obras Públicas do Rio Grande do Sul como desenhista técnico. É também na cidade de Porto Alegre que o artista vem a conhecer a sua futura esposa, Maria Coussirat, pessoa que foi fundamental na sua vida.

Ainda em Porto Alegre, Iberê passa a estudar na Academia de Belas Artes, atual Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua primeira exposição acontece pouco tempo depois, com venda do seu primeiro quadro. Nesse mesmo ano, 1942, Iberê segue com a agora sua esposa para o Rio de Janeiro, com o auxílio de uma bolsa oferecida pelo governo. É lá que o artista amplia seus contatos e passa a conviver com vários artistas modernistas. No Rio de Janeiro, ele abandona a academia por discordar entre muitos aspectos, do modo como é conduzido o curso. Nesse mesmo ano ele começa um curso com o artista Guignard, fazendo parte do seu grupo, do ateliê e de exposições.

Anos mais tarde, depois de realizar exposições em vários lugares do Brasil e do exterior, Iberê viaja com Maria para a Europa tendo a oportunidade de estudar com grandes artistas da época - gravura com Carlo Alberto Petrucci, pintura com Giorgio De Chirico, materiais com Leoni Augusto Rosa e afresco com Achille, pintura com André Lhote¹⁵. Quando o artista retorna ao Brasil, começa a dar aulas de desenho e pintura no seu próprio ateliê. Em 1960 dá início ao Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, que é voltado para a formação de artistas e é um importante local voltado para o Ensino da Arte ainda hoje.

Iberê começa a construção do seu ateliê no bairro Nonoai, em Porto Alegre em 1986. Ele é inaugurado dois anos depois e foi o local onde aconteceu o primeiro Programa Educativo, denominado na época de Programa Escola.

Em relação a sua obra, Iberê passa a década de 1980, a retomar a figuração. Ao longo de sua produção, nunca se filiou a correntes ou movimentos. Em 1982, retornou a cidade de Porto Alegre, onde produziu duas de suas séries mais conhecidas:

¹⁵Fundação Iberê Camargo: <http://www.iberecamargo.org.br/>

a *Ciclistas*¹⁶ e a *Idiotas*¹⁷. Além dessas duas produções, o artista trabalhou incansavelmente no *Carretéis*¹⁸. Teve sua obra exposta em diversos lugares do mundo, como dito acima, entre as exposições estão a Bienal de São Paulo, Bienal de Veneza, Bienal de Tóquio, entre outras.

Iberê Camargo faleceu em agosto de 1994, deixando cerca de sete mil obras. Grande parte deste acervo pertence a viúva do artista, Maria Coussirat, que deu início a atual Fundação Iberê Camargo.

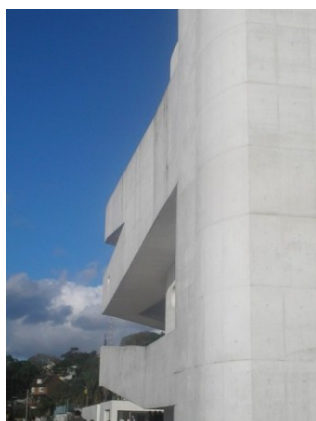
A fundação Iberê Camargo foi fundada em 1995, um ano após a morte do artista. No início a fundação funcionava na residência-ateliê de Iberê Camargo, no bairro No-noai. A instituição permaneceu neste local durante seus treze primeiros anos. Era um desejo do artista e de sua companheira iniciar esse projeto. Os dois tinham o objetivo, além de preservar as obras, divulgá-las a um público maior. Inicialmente, a fundação esteve instalada na casa do artista, e somente após um tempo iniciou-se um projeto para uma nova instalação. Entretanto, foi neste mesmo local quando se iniciou o programa educativo da instituição. O programa educativo teve início em 1999, sendo chamado de Programa Escola e funcionava com uma dimensão muito reduzida em relação com o que está se fazendo hoje.

Em maio de 2008 foi inaugurada, em Porto Alegre, a nova sede da Fundação Iberê Camargo, a qual foi concebida pelo arquiteto português Álvaro Siza. Essa nova sede tornou-se um referencial arquitetônico para Porto Alegre, sendo uma obra que se destaca na paisagem da capital junto ao Lago Guaíba.

¹⁶Acredito que é o marco do retorno de Iberê para Porto Alegre. Quando voltou foi morar perto da redenção e foi lá que passou a observar as pessoas ao seu redor e se interessou, principalmente, pelos ciclistas. Notoriamente, em todas as suas telas eles são pintados indo para um mesmo lado, a esquerda – como uma busca por algo.

¹⁷Diferentemente dos ciclistas, representados pelo seu movimento, a meu ver, em busca de algo, as idiotas esperam a vida passar diante de seus olhos, paradas, sentadas observando a sua volta, o que está acontecendo.

¹⁸De infância muito pobre, Iberê não tinha muitos brinquedos. Sua mãe era costureira e era com os carretéis que ele brincava, fazendo deles diversos outros brinquedos. Após muitos anos por causa de uma hérnia de disco que não lhe deixou mais sair as ruas pra pintar as suas paisagens, o artista resgatou a sua brincadeira de infância e passou a representar os carretéis em suas obras. Ao longo desse tempo Iberê foi dando várias formas, colocando e tirando suportes, abstraindo e voltando a forma, trocando as cores – no início, mais escuras, já no fim, um maior colorido - enfim, resgatou de forma magnífica o que estava guardado em sua memória.



(a) Vista lateral



(b) Vista frontal

Figura 2.18: Fundação Iberê Camargo



Figura 2.19: Entrada da Fundação Iberê Camargo

A Fundação Iberê Camargo elaborou um programa de exposições em que a arte moderna e a contemporânea se articulam, trazendo artistas do Brasil e também do exterior, mas as obras de Iberê Camargo têm exposições permanentes. Com inúmeras salas de exposições a instituição abriga exposições de pintura, gravura, escultura, desenho, vídeos, entre outras obras. Além dos espaços destinados a exposições, a fundação abriga outros espaços, muito bem estruturados para abrigar o acervo, também contem uma sala de palestras, biblioteca e dois ateliês: o de gravura e o pertencente ao Programa Educativo.



Figura 2.20: Espaço expositivo da Fundação Iberê Camargo

O acervo da instituição é dividido em dois focos: as obras pertencentes à viúva de Iberê Camargo, Maria Coussirat e um acervo de documentos. Em relação às obras, elas estão todas armazenadas em local apropriado e controlado para evitar qualquer tipo de dano¹⁹.

O Acervo Documental de Iberê Camargo reúne uma infinidade de documentos que vão desde cadernos (já mostrados em exposição) do artista e fotografias a recortes de jornais e revistas. É um espaço muito bem organizado, com controle de temperatura e uma pessoa responsável pela organização e manutenção dos documentos. Para todos os documentos é pesquisada a melhor forma de armazenamento para que ele não sofra danos e nem se deteriore.

Existe na fundação um auditório direcionado a abrigar palestras e encontros que fazem parte da programação da instituição. Um dos momentos que acontece nesse espaço é o encontro de capacitação de professores.

A Fundação Iberê Camargo está muito bem estruturada e possui equipes definidas que são responsáveis por funções determinadas. Da mesma forma, ocorre uma interligação entre as funções, fazendo-as conversar entre si para que as ações não fiquem isoladas. Além disso, o setor responsável pelo Programa Educativo está sempre em contato com a equipe responsável pelo gerenciamento das exposições, trabalhando em conjunto para que as ações sejam bem planejadas e estruturadas.

¹⁹Desconhece-se os detalhes do armazenamento de obras, mas pelo rápido contato em que se teve a oportunidade de ver a forma de armazenamento da parte documental pode-se ter uma ideia de como é realizado o cuidado com as obras.

2.2.1 Programa Educativo da Fundação Iberê Camargo

Inicialmente, no período em que a Fundação esteve localizada na antiga residência e ateliê do artista Iberê Camargo, o Programa Escola, como era chamado, empenhava-se em desenvolver atividades educativas voltadas à formação do público no que se refere à arte e, em particular, à obra do artista. Eram distribuídos materiais didáticos aos professores e grupos escolares, que também eram recebidos no local.

Ao inaugurar a nova sede, o Projeto Escola passa a ser chamado de Programa Educativo e pode finalmente ser ampliado, contando com a participação de um curador pedagógico, Luis Camnitzer²⁰. Foi lançada uma nova metodologia baseada na importância do envolvimento do professor no projeto, e na experiência prática pela qual o aluno sempre deveria passar, com o objetivo de confrontar ideias, conceitos e matérias.

Atualmente, todo o material é concebido a partir de uma curadoria pedagógica. E, uma das ideias do conselho curatorial da instituição é reforçar ainda mais o processo educativo que iniciou com Camnitzer. Pelo fato do curador pedagógico morar em Nova Iorque, esse contato foi se tornando cada vez mais escasso e, diante disso, já se pensa em alternativas para efetivamente ter um contato com uma coordenação pedagógica permanente, buscando uma pessoa que esteja por perto, acompanhando a dinâmica do cotidiano do Programa, o que facilitaria, e muito, o seu desenvolvimento.

O Programa Educativo tem passado por reformulações ao longo desses anos, de acordo com a instituição nova, o espaço diferenciado, mas com uma localização que não facilita muito o acesso à maioria das pessoas.

Acredita-se que a possibilidade de constantes reformulações e adequações seja um dos pontos positivos da instituição no que diz respeito ao educativo. A manutenção de um Programa Educativo proporcionado às escolas, aos professores e alunos, construindo o acesso a um espaço cultural que abriga a obra de um dos artistas mais importantes da região sul.

A Fundação, além de abrigar e difundir o acervo de obras do artista e incentivar a pesquisa busca proporcionar a um público jovem toda essa produção. Também apresenta e constitui através das mais diversas exposições o contato com obras de arte contemporâneas de artistas nacionais e internacionais

²⁰Artista contemporâneo, historiador, arte educador e professor da Universidade do Estado de Nova York.

O Projeto Educativo da Fundação Iberê Camargo é estruturado com ações bem definidas. As ações do Projeto abrangem a formação de mediadores, o desenvolvimento do material didático e a capacitação de professores, além do atendimento através de visitas mediadas e oficinas a diversos grupos mediante o agendamento.

Em entrevista com a atual coordenadora do Projeto Educativo da Fundação Iberê Camargo, Laura Dalla Zen, foi possível saber mais detalhes sobre o funcionamento do educativo da instituição. Estar presente em várias ações oferecidas pelo programa: participar das orientações de professores, visitar as exposições, palestras, entre outras, é diferente de adentrar ao local, já conhecido, com outro propósito, pois se passa a prestar atenção em outros aspectos que antes não eram percebidos em uma simples visita.

Conforme as informações de Laura Dalla Zen, atualmente a Fundação tem 14 mediadores, todos estagiários, fazendo sua formação superior em diferentes áreas do conhecimento (artes visuais, letras, filosofia, comunicação, entre outras). Esta pluralidade nas formações dos estagiários é um aspecto que a instituição acredita ser importante, pois todos contribuem nas atividades desenvolvidas, trazendo da sua área de conhecimento algo mais específico que contribua no desenvolvimento do Programa Educativo, além de possibilitar diálogos específicos com professores e turmas também das diversas áreas curriculares que compõem a Escola Básica.

Antes de cada exposição é proporcionado aos mediadores encontros com o curador, com o artista, quando possível, e conversas sobre a exposição, a montagem, entre outros aspectos que permeiam esse tempo antes da abertura da nova exposição. É um momento importante para os mediadores tirarem dúvidas e esclarecer questões sobre a exposição e as obras que serão apresentadas. Além disso, os mediadores realizam pesquisas, estudos de textos, e, em grupo, trocam experiências e idéias sobre tudo o que foi explorado e produzido.

Os mediadores são formados para trabalhar com o atendimento ao público escolar, especializado, e público em geral, através de visitas mediadas e oficinas. Além dessas funções, eles auxiliam o restante da equipe do educativo na elaboração do material didático, e na concepção das oficinas desenvolvendo trabalhos específicos, como, por exemplo, uma oficina que é desenvolvida junto a Associação de Moradores da Vila Tronco Neves.

Algo importante a ser observado é que nas segundas feiras a fundação está fechada para o público. É justamente nesse dia que a equipe do educativo se reúne

para falar sobre as questões do Programa. Laura Dalla Zen se encarrega da escrita de todo o material didático, da formação dos mediadores, além dos assuntos institucionais. Cristina Aricawa auxilia na criação do material e nos contatos com os fornecedores, mas a sua principal função é ser um elo entre a fundação e outras instituições, como as escolas e os demais grupos que desejam agendar uma visita. Aricawa cuida do agendamento e também da realização de estatísticas, avaliando constantemente o funcionamento do educativo.

Na abertura de cada exposição, seja de acervo ou não, a fundação oferece para os professores uma orientação. Os encontros acontecem na própria sede, sempre aos sábados pela tarde, facilitando o horário para os participantes. Este encontro conta com uma palestra realizada pela equipe do Programa Educativo e pelo curador da exposição. No espaço destinado aos professores é apresentado o Projeto Educativo (como ele funciona), e é oferecida uma visita guiada pelos mediadores (direcionando o olhar do professor para as possibilidades de abordagem pedagógica do trabalho que está sendo apresentado) e uma oficina prática, que pode ajudar o professor através de sua experiência para que possa criar novas atividades para desenvolver com os seus alunos em sala de aula.



Figura 2.21: Capacitação de Professores (Foto: Luciano Laner)

Os professores participantes da capacitação tem prioridade no agendamento de visitas à exposição por um determinado período. Além das palestras, da mediação e da oficina, o professor também recebe o material pedagógico referente à exposição.

O desenvolvimento do material didático é realizado para dois núcleos distintos, focaliza o professor que trabalhará em sala de aula e também se direciona ao aluno. Para o professor existem dois materiais. Um é referente unicamente à obra do artista

Iberê Camargo. Esse material é formado por um folheto introdutório (com textos, exercícios, glossário, artistas referentes, referências bibliográficas e sites relacionados), fichas em tamanho A4 com reproduções coloridas de algumas obras da exposição e fichas em tamanho A5 que permite com que o professor realize atividades com seus alunos utilizando diretamente o material.



Figura 2.22: Material Didático Iberê Camargo de 2008

O outro material é produzido para cada exposição. Esse possui o mesmo formato do anterior. O que muda são as fichas em tamanho A5, pois ao invés delas são produzidos outros dispositivos (transparências, moldes, objetos, etc.) que podem ajudar o professor na atividade ou simplesmente contribuir, sendo um início para novas idéias. Todo o conjunto é feito com a qualidade do material e produção gráfica semelhante à produção do catálogo das exposições, pois se constitui como parte integrante da exposição.



Figura 2.23: Material Didático específico da exposição temporária

Todo o material é pensado para que o professor possa utilizá-lo antes ou depois da visita, possibilitando que ele estabeleça relações com a mostra em sala de aula. Atualmente, todos os materiais também estão disponíveis para *download* no site da instituição.

O material pensado para o aluno é chamado de Diário de Bordo. Esse material é direcionado aos alunos e possui jogos em que se pode brincar com a própria arquitetura. É um material de apoio para as visitas, que pode ou não ser utilizado. Além desses três materiais, na inauguração da nova sede da instituição, foi distribuído diretamente nas escolas, um material semelhante ao do artista Iberê Camargo, entretanto em grande formato. Este material seria para ficar na biblioteca para o uso de todos. Esse material em grande formato ainda não voltou a ser reproduzido.

O Programa Educativo oferece visitas mediadas com agendamento prévio. O educador que participou da Orientação de Professores tem prioridade para o agendamento. Cada grupo pode ter no máximo cinquenta participantes, caso necessitem de transporte gratuito oferecido pela fundação o grupo não pode exceder o número de quarenta e quatro participantes. Para a educação infantil, o grupo poderá ter no máximo trinta alunos, com idade a partir de cinco anos e a presença de um responsável para cada quinze alunos.

As visitas mediadas com grupos escolares de professores que participaram da capacitação são entendidas como uma etapa encadeada que será concluída em sala de aula com o desenvolvimento do projeto concebido pelo professor desde a sua aproximação com o Programa Educativo.

As visitas, não mencionando o público espontâneo, são realizadas apenas por agendamento prévio. No ato do agendamento os professores preenchem uma ficha com informações referentes ao grupo(anexo9). São agendadas, geralmente, de quatro a cinco visitas por dia, que são atendidas por dois mediadores. O agendamento é passado aos mediadores no início de cada semana para que as visitas sejam planejadas de acordo com o perfil do público. Pensa-se no público e no espaço como uma ampliação de repertório, para que esse público não saia entendendo tudo sobre o que foi visto e que gostem, não confundindo o espaço com a sala de aula, tendo a consciência de estarem em um espaço cultural que é repleto de possibilidades (com isso não se quer afirmar que a sala de aula não seja também um espaço repleto de possibilidades). Dependendo do horário solicitado, a visita poderá ser complementada com uma oficina.



Figura 2.24: Espaço Educativo para as oficinas

Para o público as visitas são pensadas em três diferentes roteiros com focos distintos. Um dos focos é a arquitetura. Outro possível roteiro é a visita à exposição do acervo. Nessa visita, o grupo é levado à exposição que reúne parte do acervo de Iberê Camargo. Para essa exposição sempre é convidado um curador diferente que elabora um novo recorte, possibilitando novas leituras da obra do artista. O terceiro roteiro é a visita às exposições temporárias. Essas exposições são planejadas com antecedência, de tal forma que no site já se encontram as próximas exposições que serão realizadas na fundação. O grupo, ao agendar uma visita, escolhe um dos três roteiros, aquele que mais se encaixa em seu perfil, ou o que é pertinente ao conteúdo que o professor quer trabalhar com sua turma. Algumas escolas, muitas vezes, querem agendar as visitas para as duas exposições, o que não é indicado pelo educativo, por não permitir que a exposição seja vista com calma pelo grupo. A Fundação possui um ônibus próprio que é disponibilizado às escolas públicas da região metropolitana de Porto Alegre.

Atualmente o maior público da Fundação Iberê Camargo são as escolas. Esse público é fiel e constituem uma presença constante, diariamente na instituição. Além das escolas, a instituição recebe os mais diversos grupos.

A Fundação também recebe grupos de pessoas com necessidades especiais. A arquitetura é toda estruturada, tornando o local acessível para quem tem mobilidade reduzida. Possui rampas, elevadores e espaços que possibilitam o acesso das pessoas. A instituição atende também a grupos de surdos. Para essa visita sempre é contratada uma pessoa que já tem um vínculo com a instituição para realizar a mediação em libras. Essa contratação sempre acontece quando é agendado um grupo

que possua uma única pessoa surda. O público surdo recebe a mediação também por meio de algumas maquetes.

Outros grupos de inclusão social também formam o público da instituição, os mediadores já são preparados para isso e o número de visitas é considerável.

Um trabalho importante de ser relatado é o trabalho realizado com a Associação de Moradores da Vila Tronco²¹ - AMAVTRON já mencionado anteriormente. Este trabalho já dura três anos e o planejamento é anual, sendo que todas as quartas feiras uma equipe do educativo fica responsável pelo atendimento do grupo, realizando atividades com objetivos determinados, podendo ter oficinas com maior tempo de duração. Por vezes a equipe de mediadores vai até a vila, e também os grupos visitam a fundação. No período de férias as atividades não param. São pensadas atividades e planejadas visitas para que nesse período em que não se tem aulas, todos possam ter algo diferente para fazer durante as férias.

A equipe do Programa Educativo está sempre buscando aprimorar suas ações na instituição visando os diferentes públicos que a visitam. Atualmente, uma das ações permite que o público espontâneo tenha a oportunidade de fazer uma visita mediada. Todos os sábados e domingos das 14h30min às 17h30min um mediador está disponível no espaço expositivo para guiar as pessoas que desejarem a visita guiada e tiverem disponibilidade no momento.

Conforme o que foi colocado, o Programa Educativo da Fundação Iberê Camargo é bem estruturado e está sempre em busca de aperfeiçoamento. Com suas ações, o programa já atingiu várias instituições e está sempre com novas pesquisas para aprimorar suas ações com o público. Cada vez mais novas questões estão sendo pensadas visando aprimorar o educativo, como a informatização do agendamento que passará a ser realizado diretamente pelo site da fundação. O Programa Educativo também possui um *blog* em que atividades do dia a dia da equipe e do trabalho que é realizado são postadas de uma forma diferenciada das informações que estão no site.

É muito importante ver em uma instituição cultural essa preocupação com o seu público. Diferentemente do Museu Lasar Segall, percebe-se que a Fundação Iberê Camargo tem inúmeras possibilidades e recursos disponíveis, e que são bem utilizados

²¹“A associação está situada em uma área de formação irregular, na zona urbana de Porto Alegre, constitui-se em uma das vilas da Grande Cruzeiro. Atende aproximadamente 350 adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 0 e 18 anos nos programas conveniados e de 18 a 30 nas oficinas culturais e projetos não conveniados. Surgiu em razão do processo de invasão, que é caracterizado pela predominância irregular residencial, baixo nível de renda, carências de infra-estrutura e serviços públicos deficientes ou inexistentes.” (AMAVTRON: <http://www.amavtron.com.br/trab.educativo.htm>)

por todos os setores, inclusive pelo educativo. Mesmo que o acesso da maior parte do público seja dificultado pela localização geográfica da Fundação, essas ações conseguem trazer um grande público até a instituição para ter esse contato com a arte, utilizando formas alternativas como o transporte disponibilizado gratuitamente.

2.3 Fundação Vera Chaves Barcellos

Tem como missão a preservação, pesquisa e difusão da obra da artista Vera Chaves Barcellos, assim como o incentivo à criação artística e à investigação da arte contemporânea. Entre as metas da instituição estão a realização de uma programação regular de exposições, o estímulo à pesquisa, debates, seminários e projetos editoriais²².

Vera Chaves Barcellos nasceu na cidade de Porto Alegre, em 1938. Com poucos meses de vida mudou-se para Carazinho com sua família, cidade do interior do Rio Grande Sul, Brasil. Retornou a cidade de Porto Alegre nove anos mais tarde, quando se interessou por música e passou a estudar piano. Foi o único curso que a artista terminou e em que também lecionou. Ainda lecionando música, teve aulas de desenho com Carlos Petrucci²³.

Em 1959 iniciou sua formação no Instituto de Belas Artes, hoje Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nos anos 60 dedicou-se à gravura. Partiu para Europa, em viagem de estudos passando por Londres, Paris e Roterdã. De volta da Europa, em 1962 dedica-se a pinturas e litografias. Utilizou-se do desenho como esboço para fazer as gravuras e, após um tempo, passou a fazer somente pinturas sobre papel, abandonando a pintura a óleo. Ainda em 1962 foi fazer gravura no Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre, iniciando a prática da xilogravura onde os pontos de referência na época ainda eram os do expressionismo alemão.

Em 1973, Vera Chaves Barcellos encerra com as gravuras e começa a utilizar a fotografia. Com uma bolsa do British Council, aprofundou seus conhecimentos em fotografia e técnicas gráficas no Croydon College, em Londres. A fotografia, que até então havia usado somente para registrar momentos, viagens, etc. começou, aos poucos, a se incorporar ao seu trabalho. Em 1976, a artista representou o Brasil na Bienal de Veneza com o trabalho *Testartes*. Participou de quatro Bienais de São

²²Fundação Vera Chaves Barcellos: http://fvcb.com.br/?page_id=15

²³Nasceu em Pelotas, RS. Artista plástico, vendeu o seu primeiro quadro aos 15 anos. Em 1938 chega a Porto Alegre e pinta painéis e letreiros, depois retratos, fez muitos auto retratos, entre outros. (MARGS: http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_carlospetru.php)

Paulo e exposições coletivas na América Latina, Alemanha, Bélgica, Coréia, França, Holanda, Inglaterra, Japão, Estados Unidos e Austrália.

Vera Chaves Barcellos participou do grupo Nervo Óptico²⁴ (1976-78) e é uma das fundadoras do Espaço N.O (1979-82) em Porto Alegre, coletivo que divulgou manifestações artísticas em novas mídias. O Espaço N.O tornou-se uma referência para a produção artística contemporânea. Funcionou com intensa programação interdisciplinar (performances, exposições de arte, atividades musicais e cênicas) até 1982 no terceiro andar da Galeria Chaves, em Porto Alegre. Chaves Barcellos também fundou a Galeria Obra Aberta em 1999, espaço dedicado à arte contemporânea, junto com os artistas Carlos Pasquetti e Patricio Farías. A Obra Aberta abrigou mais de 20 exposições até 2002, quando foi fechada.

Em 2004 funda no sul do Brasil, uma instituição cultural que leva seu nome, dedicada à difusão da arte contemporânea. Tendo começado o funcionamento da instituição em 2004, já em 2003 a escritura pública e o Estatuto foram aprovados pelo Ministério Público da União no dia 02 de dezembro.

A Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB) surge como uma entidade cultural sem fins lucrativos que tem como missão a preservação e a pesquisa da obra da artista, assim como o incentivo à produção contemporânea.

Atualmente a FVCB está localizada em dois locais distintos. Em Porto Alegre, RS, em que se localiza o Centro de Documentação e Pesquisa, a Coordenação de Projetos e a Administração e na cidade de Viamão, cidade vizinha que faz parte da grande Porto Alegre, localizam-se a Sala dos Pomares e a Reserva Técnica da Instituição.

O Centro de Documentação e Pesquisa é responsável pela organização do Acervo Documental da Fundação Vera Chaves Barcellos, e está constituído de importantes documentos relacionados à arte contemporânea, divididos em fundos documentais do grupo Nervo Óptico (1976-1978), do Centro Alternativo de Cultura Espaço N.O (1979-1999), da Galeria Obra Aberta (1999-2002), documentação da própria artista, da fundação e também a Coleção Espaço N.O Arquivo. Os documentos constituem-se de livros, revistas, catálogos e convites, bem como de recortes de jornal e demais documentos relacionados à arte contemporânea. O acervo está sempre sendo atualizado através de intercâmbios com outras instituições, tanto do Brasil quanto do exterior, além de se ampliar a partir de novas aquisições. Muitos documentos contam parte importante da história recente da arte e todos estão disponíveis para pesquisa

²⁴Coletivo de artistas que atuou em Porto Alegre nas décadas de 1970 e 1980

no local.



(a) CDP



(b) arquivos do CDP

Figura 2.25: Centro de Documentação e Pesquisa

A Reserva Técnica abriga o Acervo de obras da FVCB, e está constituída por duas coleções, Coleção Vera Chaves Barcellos, que se refere exclusivamente a produção da artista, e Coleção Artistas Contemporâneos, que abriga obras de arte contemporâneas de artistas consagrados e jovens artistas que estão emergindo no cenário da arte. O acervo teve seu início com as obras da própria artista e uma pequena coleção de obras de artistas contemporâneos de propriedade da artista. Sendo uma das únicas instituições no Estado a abrigar, exclusivamente, arte contemporânea, a equipe busca através da catalogação e pesquisa das duas coleções divulgá-las no país.



(a) Vista 1



(b) Vista 2

Figura 2.26: Acervo e Reserva Técnica

Em 2010 foi inaugurada na Fundação a Sala dos Pomares, localizada ao lado da sala do acervo. Atualmente é nesta sala onde acontecem as exposições organizadas pela instituição. São exposições de duração média em que as obras do acervo são

expostas através de um recorte feito pelo curador da exposição. Além das exposições são realizados seminários, palestras e debates que ocorrem em parceria com outras instituições culturais, como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul e o Instituto Santander Cultural.



Figura 2.27: Entrada da Fundação em Viamão



Figura 2.28: Sala dos Pomares

Até o momento foram realizadas três exposições no local: *Silêncios e Sussurros* (2010), *Pintura: da matéria à representação* (2010 – 2011) e *Um Ponto de Ironia* (2011), sendo que na segunda deu-se início ao Projeto Educativo da FVCB. De todas as exposições foram produzidos catálogos que são lançados sempre na exposição seguinte. A Fundação Vera Chaves Barcellos busca, através de suas ações, a pesquisa, conservação e divulgação da arte contemporânea. É uma instituição que vem se tornando cada vez mais importante no cenário nacional de arte. Uma instituição localizada em um local afastado do grande movimento da cidade em meio ao silêncio.

Um lugar que é necessário programar-se para ir, um lugar que não se entra por acaso, ao se passar pela frente. Segundo Neiva Bohns²⁵, em um texto presente na Revista Pomares²⁶, ela descreve esse novo lugar como

Um lugar para ser visitado com tranquilidade, longe das grandes avenidas e das ruas poluídas. Um lugar distante dos focos mais dinâmicos de produção da alta cultura, mas inteiramente afinado com as tendências atuais de descentralização das instituições artísticas brasileiras (BOHNS, 2011, p.36)

2.3.1 Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos

Neiva Bohns no texto sobre a Fundação questiona-se como a FVCB poderia alcançar a comunidade da qual ela faz parte, que tipo de público estaria presente na instituição, além de críticos, artistas, estudantes de arte ou pessoas interessadas na área? Em relação ao público, a Fundação está inserida em uma comunidade que poderia ser trabalhada culturalmente e vir a se tornar público da instituição. Referente a isso, Neiva Bohns diz que:

Há que se pensar no impacto social que pode provocar, junto à comunidade onde está inserida, uma instituição que dedicada a apoiar e a divulgar a produção artística contemporânea. Algum impacto social haverá. Mas que espécie de transformação individual ou coletiva, em longo prazo, se pode esperar – ou desejar – para os moradores da região? (BOHNS, 2011, p.36).

No texto de Bohns reflete uma preocupação com o entorno da Fundação e, ainda levanta a possibilidade de transformar a relação dos jovens com o local. A partir dessas afirmações pensa-se nas escolas e nas possibilidades de cruzamento da arte com a educação.

Diante disso, e, também do reconhecimento que a instituição está inserida em uma comunidade que não possui instituições direcionadas a arte na cidade, nem o fácil acesso a instituições que ficam mais longe, a Fundação buscou contribuir com a comunidade, e foi através da arte contemporânea, e de um Projeto Educativo voltado para os professores da cidade que isso começou a ser feito. Junto com a primeira

²⁵Professora de Arte Contemporânea da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e Doutora na área da História, Teoria e Crítica das Artes do PPGAV da UFRGS.

²⁶A revista tem o objetivo de as atividades e a programação da instituição. (Fundação Vera Chaves Barcellos: <http://fvcb.com.br>)

exposição e com as que seguiram, foram realizados ciclos de palestras que reuniram artistas e pessoas especializadas em arte, com o objetivo de falar, discutir e trocar experiências sobre arte contemporânea. Esses encontros já eram considerados, de certa forma, uma ação educativa, pois a instituição estava promovendo a discussão sobre arte contemporânea com o público, especializado ou não.

O Projeto Educativo da FVCB iniciou em março de 2011 com a segunda exposição da instituição, *Pintura: da matéria à representação*. Anteriormente a fundação participou de vários editais para conseguir subsídios para iniciar o educativo. Foram realizados vários projetos, em que contribuíram pessoas com experiência na área, mas, infelizmente, a Fundação não foi contemplada em nenhum edital.

Diante dessa situação foi decidido iniciar, segundo Vera Chaves Barcellos, diretora da instituição, um Projeto Educativo com recursos próprios, e um educativo voltado apenas para a comunidade de Viamão.

O projeto viabilizado contempla, desde seu início, professores de escolas municipais e estaduais da região. O projeto iniciado em 2011 proporcionou aos professores que participaram um primeiro contato com a instituição, um encontro com artistas e a oportunidade de os professores mostrarem seus trabalhos realizados em sala de aula.

Com início em março de 2011, o Projeto Educativo da FVCB em parceria com Secretaria de Educação de Viamão, abriu as portas da Sala dos Pomares para receber os professores em uma visita mediada pela coordenadora do educativo da instituição, Mauren de Leon, proporcionando aos professores a possibilidade de conhecer o espaço e pensar em conjunto novas possibilidades de trabalhar a arte em sala de aula com seus alunos.

Esse primeiro contato da comunidade de Viamão com a Fundação foi muito importante e confirmou o que Neiva Bohns escreveu sobre a necessidade de atingir essa comunidade, pois, a maior parte dos professores, ainda não sabia da existência da Fundação em Viamão. Outra questão importante de ser mencionada é que menos da metade dos professores participantes tem a formação em arte.



Figura 2.29: 1º encontro com os professores na Sala dos Pomares

Após esse primeiro encontro foi realizada uma série de três conferências com três artistas que estavam expondo. Os encontros foram todos realizados aos sábados em um espaço fornecido pela Secretaria. Nesses encontros os artistas falavam sobre os seus trabalhos e professores tinham a oportunidade de conhecê-los melhor, tirar dúvidas e fazer colocações diante do seu trabalho.



Figura 2.30: Um dos encontros com artistas do Projeto Educativo

Em um último encontro os professores tiveram a oportunidade de mostrar os trabalhos que foram realizados em sala de aula com seus alunos.

Todo esse processo teve resultados muito satisfatórios, pois se percebeu que os professores estavam realmente empolgados em realizar atividades diferentes nas escolas, assim como aproveitar esse novo espaço cultural localizado perto deles.

Nessa primeira etapa do Projeto Educativo da FVCB, a Fundação não recebeu

nenhuma visita das turmas dos professores que participaram dos encontros. Mas nos trabalhos apresentados notou-se uma dedicação e interesse em inserir seus alunos nesse projeto.



Figura 2.31: Encerramento do educativo com apresentação dos trabalhos dos professores

No segundo semestre desse mesmo ano, já na terceira exposição, intitulada *Um Ponto de Ironia*, a parceria com a Secretaria de Educação continuou. Com isso foram realizados novos encontros e os professores tiveram a oportunidade de apresentar seus trabalhos novamente. Além disso, houve um avanço, pois alguns professores começaram a levar seus alunos para visitarem a instituição.

Em relação à recepção do público, inclusive de grupos escolares é importante ressaltar que a Fundação recebe visitas apenas a partir de agendamento. Qualquer visita na Sala dos Pomares tem que ser marcada com antecedência, pois as pessoas que são responsáveis pelo acervo são as mesmas que recebem as visitas. O Projeto Educativo ainda é muito recente e não possui uma equipe definida. Os responsáveis, até o momento, são uma coordenadora pedagógica, Mauren de Leon, responsável pelo acompanhamento dos professores desde a sua primeira visita até o encontro final com as apresentações dos trabalhos, e Claudia Rüdiger, responsável pela comunicação e pelas relações institucionais na FVCB, que cuidou da parte da comunicação, inclusive sendo a ligação entre a Fundação e a Secretaria de Educação, além das pessoas responsáveis pelo acervo que também cuidaram dos agendamentos.

Como o Projeto Educativo está iniciando, foi pensado com ações simples, mas que podem atender as necessidades do público que a Fundação pretende atingir. O Projeto está crescendo junto aos professores de artes da cidade de Viamão. Foi criada uma relação importante entre a instituição e os participantes, acrescentando

de maneira positiva ao ensino de arte em muitas escolas da região (localizadas tanto na área rural quanto na área urbana).

Nessa etapa do Projeto, os professores não receberam um material específico da exposição, como acontece nas outras instituições, mas sim um conjunto diferente contendo materiais referentes à instituição e à artista. Isso para que eles pudessem se interar sobre a FVCB, sua missão, suas ações, projetos, espaços e até mesmo as exposições.



Figura 2.32: Material entregue aos professores

A FVCB vai continuar trabalhando para que o educativo tenha uma continuidade ainda com os professores da cidade de Viamão. A instituição acredita, segundo Vera Chaves Barcellos, que esse contato e os resultados pontuaram ganhos para os dois lados. Por um lado, os professores tiveram oportunidades diferentes para ver a arte contemporânea e até mesmo descobri-la, e, em muitos casos, os professores sem formação em arte. Por outro lado, a instituição se insere na comunidade da qual faz parte da melhor maneira possível, através da educação e de ações simples, mas que funcionam bem. Dessa forma, aumenta-se o público interessado em arte, ao mesmo tempo em que se buscam novos olhares.

Para a avaliação dessa primeira etapa do Projeto Educativo da FVCB foi elaborado um questionário aos professores (anexo 10). Esse questionário aliado à observação dos encontros possibilita a constatação de inúmeros detalhes sobre esse Projeto que serão tratados detalhadamente mais adiante. Ao pensar e analisar outras ações educativas em instituições culturais que guardam certa semelhança a Fundação, podem-se estabelecer algumas ações que poderiam vir a acrescentar no desenvolvimento do Projeto Educativo da FVCB. Esse contexto, aliado à importância de se ter ações

educativas definidas dentro das instituições culturais, proporcionam o estreitamento da relação entre as instituições de ensino formal com as instituições culturais, que passam a ser caracterizadas como instituições em que ocorre o ensino não formal.

2.4 Quadro comparativo entre as três instituições abordando os principais aspectos das suas ações educativas

Até o momento apresentou-se um breve relato sobre as instituições e a pesquisa realizada nos respectivos locais sobre as ações educativas que são desenvolvidas por cada uma delas. Com o quadro comparativo abaixo se pretende mostrar esquematicamente essas ações, evidenciando fortalezas e fraquezas, e, apesar de partir da semelhança entre elas, mostrar também as diferentes alternativas e estratégias de se estabelecer relações com os mais diversos públicos que freqüentam esses espaços.

Como pode ser constatado através dos relatos acima, as instituições tem um perfil comum, são instituições monográficas e seus principais objetivos são a preservação, pesquisa e difusão das obras dos artistas que as nomeiam: Lasar Segall, Iberê Camargo e Vera Chaves Barcellos. Para conseguir alcançar esses objetivos as instituições se utilizam de estratégias que atendem as necessidades do seu público, buscando sempre a troca e as mais diversas vivências.

Através das entrevistas, das visitas aos locais, das observações das dinâmicas de trabalho e, principalmente, das ações educativas, percebeu-se grandes particularidades em cada uma das instituições, aspectos que as fortalece e outros que, talvez, funcionassem melhor de outra forma. Entretanto, isso não anula a contribuição de cada ação para a comunidade da qual ela faz parte.

Para compor o quadro foram escolhidos vários aspectos relevantes e que apareceram nos relatos. As questões a seguir observadas serão expostas em forma de relato para ter, além do quadro comparativo, uma reflexão diante do que foi constatado nas ações educativas das instituições.

Instituição	Museu Lasar Segall	Fundação Iberê Camargo	Fundação Vera Chaves Barcellos
Localização	São Paulo – SP Brasil	Porto Alegre – RS Brasil	Viamão – RS Brasil
Contexto do local	Bairro residencial	Junto a uma via expressa, próximo ao centro da cidade	Junto a uma via expressa na área urbana
Ano de início	1985	1999	2011
Acesso	- transporte público (metro e ônibus) - carro - a pé para quem mora por perto	- transporte público (ônibus) - carro	- transporte público (ônibus) - carro
Acessibilidade	Não é acessível para pessoas com necessidades físicas. Mas possui recursos para atender aos outros tipos de necessidades.	É completamente acessível.	Não é acessível para pessoas com necessidades físicas. Mas tem a possibilidade de receber grupos com outros tipos de necessidades.
Equipe	- 3 estagiários - 1 educadora concursada	- 14 mediadores - 1 uma coordenadora	- 1 coordenadora - 1 pessoa responsável pela

	- 3 educadoras contratadas	- 1 pessoa responsável pelas questões do agendamento	ligação entre a Fundação e a Secretaria de Educação de Viamão
Público	Convenio com a Secretaria de Educação (em relação à disponibilização de transporte para as escolas públicas)	Convenio com a Secretaria de Educação e com a Universidade	Convenio com a Secretaria de Educação (contato direto com os professores que participam do Projeto Educativo)
Relação com o entorno	Sem nenhuma parceria específica com escolas ou outras instituições no momento.	Atualmente a Fundação tem uma parceria com a Associação de Moradores da Vila Tronco, inclusive no período das férias.	Sem nenhuma parceria no momento. Ao lado existe apenas uma escola em a professora de arte participou do Projeto Educativo e levou seus alunos até a instituição.
Material	Impresso: - para os professores (distribuição em alguns encontros de capacitação) - para os alunos (para aquisição) - catálogos de todas as exposições (para	Impresso: - para os professores (distribuição nos encontros de orientação) - para os alunos (distribuição nas visitas) - catálogos de todas as	Impresso: - para os professores (distribuição no primeiro encontro) - catálogos de todas as exposições (para aquisição)

	aquisição) <i>Online</i> (para <i>download</i>): - para os professores	exposições (para aquisição) <i>Online</i> (para <i>download</i>): - para os professores	
Espaços da instituição	- espaços expositivos - ateliê de gravura - ateliê de fotografia - espaço educativo - laboratório de redação - biblioteca - centro de documentação e pesquisa - cinema - reserva técnica - loja - café	- espaços expositivos - ateliê de gravura - espaço para oficinas - espaço educativo - biblioteca - centro de documentação e pesquisa - reserva técnica - auditório - loja - café	- espaços expositivos - reserva técnica - centro de documentação e pesquisa
Comunicação com o público	- <i>site</i> - <i>mailing</i>	- <i>site</i> - <i>facebook</i> - <i>twitter</i> - <i>blog</i> - <i>mailing</i>	- <i>site</i> - <i>facebook</i> - <i>mailing</i>
Programação	- visitas mediadas - oficinas	- visitas mediadas - oficinas	- visitas mediadas - encontros com os

	<ul style="list-style-type: none"> - encontros de capacitação de professores - cursos 	<ul style="list-style-type: none"> - encontros de orientação para educadores - palestras 	<p>professores</p> <ul style="list-style-type: none"> - ciclos de palestras
Acervo de obras	<p>Obras do artista Lasar Segall:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pinturas - esculturas - desenhos 	<p>Obras do artista Iberê Camargo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pinturas - gravuras - desenhos 	<p>Obras da artista Vera Chaves Barcellos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - gravuras - fotografias - desenhos <p>E artistas contemporâneos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pinturas - gravuras - esculturas - fotografias - instalações - vídeos
Acervo de documentos	<p>Documentos referentes à vida do artista:</p> <ul style="list-style-type: none"> - fotografias - correspondências -livros e catálogos -artigos de jornais e revistas - convites - cartazes 	<p>Documentos referentes à vida do artista:</p> <ul style="list-style-type: none"> - fotografias - correspondências - livros e catálogos referente a sua produção - recortes de jornais e revistas - slides - cadernos de infância - cadernos de notas 	<p>Referentes à artista:</p> <ul style="list-style-type: none"> - algumas correspondências - fotografias - diversos materiais referentes à sua produção - recortes de jornais e revistas - cartazes <p>Documentos referentes à arte contemporânea:</p> <ul style="list-style-type: none"> - livros

			<ul style="list-style-type: none"> - catálogos - revistas - recortes de jornal - convites - folders - cartazes - textos - CDs e DVDs
Seção responsável pela arte-educação	Ação Educativa	Programa Educativo	Projeto Educativo
Profissional que atua com o público	Mediador (que atua em várias atividades da Ação Educativa)	Mediador (que atua em várias atividades do Programa Educativo)	Mediador (que atua em várias atividades do Projeto Educativo e do acervo)

Quadro 2.1: Comparação das Ações Educativas das Instituições Culturais

3 *Primeiro semestre do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos*

Como já foi visto anteriormente, em um dos tópicos tratados, é muito recente a preocupação com a formação do professor de arte. A formação desse profissional inicia-se, na história, com cursos de curta duração, exigindo desse professor que ele seja polivalente, que ele de conta de outras áreas pertencentes às artes, em pouco tempo disponível em sala de aula e com os alunos. Também é importante mencionar a cobrança que é feita aos professores de artes em relação às datas comemorativas, e em que são solicitados a utilizar os períodos de sua disciplina como reforço para as demais áreas do conhecimento.

Felizmente têm acontecido muitas mudanças no ensino da arte e muito tem se conseguido modificar. Apesar disso, ainda hoje, o número de professores especializados na área é pequeno. Fato que favorece o que se tem visto nas escolas: professores de outras áreas (português, matemática, história) se responsabilizando pelo ensino de arte.

Os cursos para a formação do professor de arte vêm melhorando e tendo condições de contribuir de outra forma na formação desse profissional para atuar nas escolas. Mas isso é um processo lento e que leva tempo. Percebe-se ainda dentro das escolas professores desinteressados e tratando o tempo que se tem para ensinar arte como período livre ou o momento de recreação para fazer enfeites, decorações e cartões das mais diversas datas comemorativas do ano. Ao mesmo tempo em que se percebe professores interessados e com vontade de mudar tanto a sua prática como a forma de ser tratada dentro da escola.

Por outro lado, também se tem notado a procura desses mesmos professores por aperfeiçoamento, busca por uma ampliação dos seus conhecimentos, em um movimento que converge com a ênfase que se tem dado na formação continuada. Milene Chiovatto reflete sobre isso em seu texto, *O Professor Mediador*, quando fala na ne-

cessidade do professor de arte se mobilizar em busca de novas experiências.

A falta de preparo resultante da trajetória de educação formal tende a criar professores desmotivados, acomodados a uma prática convencional, autônoma, na qual perdem o prazer de ensinar, tanto quanto os alunos perdem de aprender. Temos constatado, porém, que os professores de arte sentem a necessidade de aperfeiçoamento ao se depararem com a sua própria insegurança. Isso os mobiliza a procurar alternativas de formação para ampliar seus conhecimentos – e desenvolver a si próprios – transformando, assim, a prática docente (CHIOVATTO, 2000).

Percebe-se que, na atualidade, com a emergência das instituições culturais, e a implementação de ações educativas nestas instituições, a consolidação de um Projeto Educativo Institucional leva em conta a defasagem da formação do profissional da área de artes, assim como a sua procura por aprimoramento e enriquecimento dos seus saberes aliado a necessidade de complementação de seus conhecimentos para a ampliação de suas atividades em sala de aula.

O Projeto Educativo da FVCB iniciou em março de 2011, simultaneamente a segunda exposição realizada na instituição, *Pintura: da matéria à representação*, tendo pensado inicialmente em uma primeira aproximação com a comunidade educacional da cidade em que se localiza.

A instituição tendo buscado participar de vários editais, entretanto não tendo sido contemplada em nenhum, optou por iniciar um Projeto Educativo com recursos próprios e, de uma forma simples, tratou de trazer a comunidade da qual ela faz parte para dentro da instituição cultural.



Figura 3.1: Exposição Pintura

Sendo assim, foi feita uma parceria com a Secretaria de Educação da cidade de Viamão para que o Projeto Educativo iniciasse com os professores da rede municipal e estadual de educação. Formou-se um grupo de 28 professores, dos quais alguns não permaneceram até o fim.



Figura 3.2: Espaço Expositivo (Foto: Juliana Lima)

Ao longo da primeira fase do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos foi constatado que, no grupo participante, a maioria dos professores de artes não tinha a sua formação na área, são chamados professores “leigos”, que são advindos de outras áreas de conhecimento. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais

Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente a outras disciplinas do currículo. [ressaltando também que] Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático (BRASIL, PNC, 1997).

Esse aspecto levou a pensar sobre a possibilidade de estes professores virem a trabalhar interdisciplinarmente em projetos na sua escola.

O Projeto Educativo da FVCB teve início definitivamente em 19 de março, com um encontro que reuniu os professores, a artista Vera Chaves Barcellos, representantes da Secretaria de Educação, a coordenadora do projeto, Mauren de Leon, e o restante da equipe da FVCB. Esse encontro promoveu o contato com a instituição e com as obras para todos que estavam presentes, sendo que para alguns professores aquela seria a primeira vez que tinham contato com uma instituição de arte.

Esse primeiro contato foi importante tanto para os professores quanto para a instituição que teve essa oportunidade de receber o público que talvez fosse, apesar

de ser o mais próximo, o mais difícil de ser atingido (BONHS, 2011). Um momento de simplesmente ficar sabendo da existência de ambos os lados e de perceber que trocas e vivências poderiam vir a ser compartilhadas.

Nesse primeiro encontro, os professores juntamente com a coordenadora, Mauren de Leon, andaram pela exposição, conversaram sobre as obras, e levantaram possibilidades de trabalho, levantando questões sobre o que eles podiam realmente perceber diante delas.



Figura 3.3: Primeiro encontro do Projeto Educativo (com as obras, levantando questões)

Em um último momento deste primeiro encontro, reuniram-se para conversar sobre os próximos encontros e sobre o que tinham achado do lugar, da exposição, conversando abertamente sobre a visão de quem já conhecia e a de quem nunca tinha ido a nenhuma exposição de arte e até mesmo de quem já havia participado de outras capacitações ou orientações para professores em outras instituições.



Figura 3.4: Primeiro encontro do Projeto Educativo (reflexões finais)

No contato dos professores com a Fundação Vera Chaves Barcellos foi proposta a realização de algum tipo de projeto em sala de aula partindo do que lhes foi proporcionado nos encontros. A partir disso, esperava-se que eles, de certa forma, pudessem, pouco a pouco, vir a entender algumas questões básicas essenciais a todo o professor de arte: a importância da escolha das imagens que são levadas para a sala de aula, da pesquisa e do comprometimento do professor com o tema proposto, e, em como tudo isso repercute positivamente em seus alunos, interferindo e impulsionando o seu desenvolvimento ao aparecer em seus trabalhos de uma maneira satisfatória e com mais significado.

O segundo encontro ficou marcado para o dia 2 de abril com a presença do artista Alfredo Nicolaiewski¹. Em um espaço organizado pela Secretaria de Educação no centro de Viamão, os professores foram recebidos e tiveram a oportunidade de conhecer um dos artistas participante da mostra e ouvi-lo falar sobre sua trajetória no meio artístico, seu trabalho, seus processos de trabalho e, principalmente da participação na exposição e a obra que apresenta.

Sempre em forma de uma conversa informal com uma participação aberta de todos os presentes, foi uma conversa instigante, onde os professores podiam fazer perguntas e questionamentos diante de tudo que estava sendo tratado durante a apresentação.

Esse segundo momento foi essencial, e tanto quanto os momentos que se seguiram, foram todos extremamente importantes para desmistificar a figura do artista, visto por muitos, como gênio.

¹ Formado em Arquitetura e Urbanismo pela UFRGS, em 1976. Mestre em Poéticas Visuais e Doutor em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS. Atualmente é diretor do Instituto de Artes e reside em Porto Alegre.



(a) Artista Alfredo Nicolaiewski



(b) Momento da conversa com o artista

Figura 3.5: 2º encontro do projeto educativo

Foram organizados encontros com três artistas. O terceiro encontro foi com a artista Marilene Burtet Pietá², no dia 9 de abril, e o quarto encontro foi com a artista Lenir de Miranda³, no dia 16 de abril.



Figura 3.6: 3º Encontro: com a artista Marilene Burtet Pietá

Os dois encontros com as artistas que seguiram ao segundo encontro realizado com o artista Alfredo Nicolaiewski, foram igualmente enriquecedores.

²Bacharel em Artes Visuais e Pós Graduação em pintura na UFRGS. Foi professora titular de História da Arte e Estética no Instituto de Artes da UFRGS, da FEEVALE (em Novo Hamburgo, RS) e do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. É pesquisadora e curadora independente. Reside e trabalha em Porto Alegre.

³Graduada em pintura pela Escola de Belas Artes de Pelotas, RS. Mestre em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS. Trabalha com pintura desenho, vídeo, livros de artista, entre outros. Reside trabalha em Pelotas, RS.



(a) Artista Lenir de Miranda



(b) Professora com a artista

Figura 3.7: 4º encontro do projeto educativo

Houve troca de experiências, relatos dos artistas e de alguns professores e, principalmente, reforçou-se a importância de se promover atividades como essa que propiciem a reflexão, o debate e a troca através do contato dos artistas com os professores, instrumentalizando e potencializando quem mais pode difundir a sua obra, construindo através do ensino futuros apreciadores.

O último encontro foi programado para o dia 02 de junho. E então a partir da proposta feita aos professores de eles tentarem realizar algum trabalho com seus alunos a partir da exposição, com algum tema que tivesse surgido durante os encontros, ou com algum artista ou obra em sala de aula, foi solicitado que compartilhassem de suas experiências. Esse encontro foi realizado novamente na Sala dos Pomares.

Nesse momento alguns professores já não participavam mais e outros que estavam presentes optaram por não apresentar. O restante tentou, em sala de aula com seus alunos, trabalhar com a exposição e preparou algo para o dia. O engraçado dessa situação é que alguns dos professores que não quiseram apresentar foram justamente os que tinham formação em arte.



Figura 3.8: 5º Encontro: apresentação dos trabalhos realizados em sala de aula

Os professores vindos de outras áreas acabaram permitindo-se mais e obtiveram ótimos resultados com seus alunos.



Figura 3.9: 5º Encontro: apresentação dos trabalhos dos professores

Quando lhes foi lançada a proposta para trabalharem com a exposição, eles ficaram receosos, mas mesmo assim se dispuseram a realizar o trabalho. Todos planejaram, organizaram suas aulas e viram que ensinar arte é muito mais do que estar preso a datas comemorativas, períodos de recreação, mostrar obras de um ou outro artista apresentando-o apenas historicamente ou passar algumas atividades práticas sem ter a reflexão do que se está fazendo.

Os professores desenvolveram trabalhos diante de algumas obras, de alguns artistas, do tema (pintura) e até mesmo do trabalho da artista Vera Chaves Barcellos.

O trabalho realizado a partir da obra de Vera Chaves Barcellos foi feito com alunos

do 6º e 7º ano do ensino fundamental e partiu da ideia de os alunos olharem um vídeo documentário da artista, *Imagens em Migração*, e a partir da obra *Epidermic Scapes*, de 1977 foi que eles realizaram as atividades. Diferente da obra da artista que trabalha com impressões da pele, os alunos trabalhavam com materiais tirados da natureza como as folhas secas que caem das árvores. Após verem o vídeo, algumas obras da artista, discutirem sobre elas e terem a sua própria produção, os trabalhos foram expostos para todos os colegas. Os alunos, dessa forma, tiveram contato com arte contemporânea, pensaram sobre ela, conheceram a artista, produziram e tiveram a oportunidade de expor seus trabalhos para os colegas, refletir e discutir sobre o que haviam realizado.

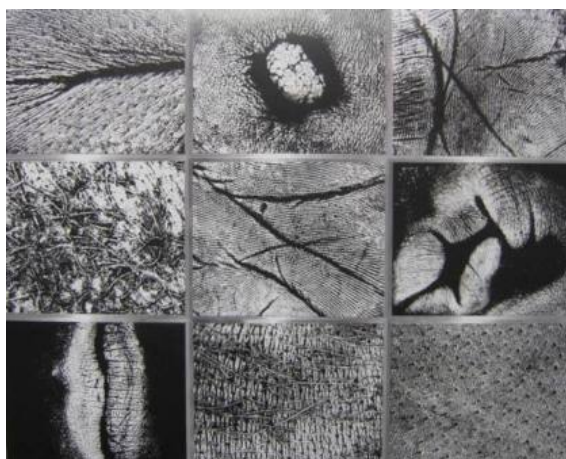


Figura 3.10: *Epidermic Scapes*, 1977 Impressões da pele ampliadas fotograficamente Vera Chaves Barcellos, Viamão – RS



Figura 3.11: Apresentado no 5º encontro: trabalhos dos alunos baseado na obra da artista Vera Chaves Barcellos

Outra professora, formada em letras, fez um pequeno projeto que envolvia arte e

literatura baseado na obra da artista Lenir de Miranda, que trabalha com a apropriação de mitos, verificando que com a literatura também é possível a articulação de artes visuais e a realização de um trabalho interdisciplinar em sala de aula. Se apropriando também de mitos, a professora percebeu que toda a sua bagagem de conhecimento que foi sendo construída e ampliada durante a graduação e de toda a sua vida de leitora, poderia ser utilizado também nas aulas de artes.



Figura 3.12: *Relicário de cera e melancolia*, da série *Meu Nome é Ninguém - Odisséia / Homero*, 2009. Acrílico emborrachado, cera de abelha, carvão, bastidor de MDF e peças de transformados, 138 x 197cm, Lenir de Miranda, Pelotas - RS

O projeto foi pensado para uma turma de 6º ano. A turma não era numerosa e possuía uma menina cadeirante que depende de um notebook para acompanhar as aulas. A professora optou trabalhar com o mito de Ícaro e Dédalo. Os alunos buscaram a história, pesquisaram sobre ela e partir disso fizeram uma roda de contação histórias. Nessa roda, cada grupo formado representou o mito. Após representarem eles foram incentivados pela professora a fazer uma ilustração. Em cada folha estava escrito uma frase do mito. Os alunos tinham que representar esse trecho depois procurar com os colegas e suas frases, a ordem dessa história. Tinha-se assim a ilustração de todo o mito. A professora afirma ter sido muito gratificante ter conseguido realmente planejar uma aula de arte para seus alunos e ficou muito feliz com os resultados.



(a) Parte 1

(b) Parte 2

Figura 3.13: Trabalho de um dos alunos



Figura 3.14: Trabalho dos alunos a partir dos mitos apresentados pela professora.

É significativo ver que os professores conseguiram se apropriar de todas as vivências durante os encontros e conseguiram desenvolver trabalhos em sala de aula. Com essa primeira etapa do Projeto Educativo percebeu-se a defasagem no ensino de arte em algumas escolas de Viamão. Mas percebeu-se também que oportunidades como essa podem aproximar não só os professores, mas também toda a comunidade escolar através do incentivo e da valorização da profissão do professor de arte e da própria arte.

Abordando o Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos, percebe-se a importância dessas ações para os professores que participaram e para a comunidade em que eles atuam, onde eles passam a se refletir repercutindo os resultados dos debates, das conversas e dos encontros. E é importante lembrar que para muitos desses professores, foram os seus primeiros contatos com obras de arte originais e até mesmo com a própria arte.

No segundo semestre de 2011, já na terceira exposição da Sala dos Pomares, Um Ponto de Ironia, e na segunda etapa do Projeto Educativo, alguns professores já levaram seus alunos para ver a exposição e visitar a Fundação.



(a) Com a prof^a na entrada da exposição



(b) Durante a exposição

Figura 3.15: Visita dos alunos da EMEF Paulo Freire EMEF Paulo Freire de Viamão

Eles preparam seus alunos e realizaram trabalhos em sala de aula. Uma das professoras de uma das escolas participantes realizou seu trabalho em sala de aula através da elaboração de um projeto e entrou em contato, convidando a Fundação para ver uma exposição realizada por seus alunos a partir da visita realizada a instituição. O trabalho se baseou na figura de linguagem, ironia, onde os alunos a partir da definição da palavra, de outras obras que já estavam sendo trabalhadas anteriormente (*A Fonte e A Roda* de Marcel Duchamp e a obra *Procuro-me* da artista Lenora de Barros) e da visita a exposição, produziram seus trabalhos e realizaram uma exposição com desenhos, vídeos e fotografias em sua sala de aula. O trabalho realizado pela professora mostra o empenho dela em querer trabalhar arte com seus alunos e de conseguir de uma forma tão significativa fazer com que cresça em seus alunos o interesse pela arte percebendo o que tem ali na instituição tão acessível e próximo, fazendo-os valorizar a cultura e a sua própria comunidade. Além de ser visível nos trabalhos apresentados, a interação do que foi trabalhado e discutido com o seu dia a dia e as suas próprias opiniões sobre arte.



Figura 3.16: Cartaz com o nome da exposição escolhido pelos alunos.

3.1 Reflexões sobre a participação dos professores na implementação do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos.

Viamão é uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, RS. É o maior município em extensão e possui cerca de 226670 habitantes, sendo aproximadamente 15796 residentes na zona rural da cidade⁴. A cidade possui muitas escolas, tanto na zona rural quanto na urbana. São 74 escolas municipais e 32 estaduais⁵. Desse total, 26 escolas municipais e 8 estaduais foram inscritas para participar do primeiro semestre do Projeto Educativo da FVCB, tendo 28 professores participando dos encontros.

Dos 28 professores que estiveram presentes nos encontros apenas 12 responderam ao questionário que lhes foi entregue para fazer uma avaliação mais detalhada do que foi realizado nessa primeira fase do Projeto Educativo. Através desse questionário foi analisado um pouco do que significou esse Projeto para os professores e o que pode ter mudado em sua prática em sala de aula. Além disso, também lhes foi perguntado o que eles sugeririam para uma possível continuação e aperfeiçoamento do Projeto. E é através desse mecanismo de pesquisa que pode ser traçado um perfil desse novo público da Fundação.

Dos professores que responderam, apenas um tem formação em arte. Uma das participantes é supervisora escolar e trabalha diretamente com os professores. O

⁴Prefeitura de Viamão: <http://www.viamao.net/cidade.php>

⁵Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/educa.jsp> (acesso em: 28.11.2011)

restante são nove professoras e um professor todos formados em outras áreas do conhecimento, como, principalmente, pedagogia, letras e história. Os professores de pedagogia, além de trabalhar com séries iniciais, trabalham com ensino fundamental.

Diante desses dados é importante observar as diferenças nas respostas do professor que já possui a formação em arte das dos professores que tem formação em outras áreas, assim como a supervisora que não trabalha diretamente com os alunos. As diferenças vão desde a sua percepção do que é o ensino de arte até a forma de trabalhar os conteúdos em sala de aula. Porém, em muitos aspectos os professores foram muito semelhantes em suas respostas.

Através da parceria da FVCB com a Secretaria de Educação de Viamão, buscou-se desenvolver um Projeto Educativo para os professores da comunidade, mas diversos foram os motivos que levaram os professores a participar do Projeto Educativo. Primeiro, pelo fato já mencionado anteriormente, de muitos professores não serem formados em artes e mesmo assim atuarem como professores de artes nas escolas, e um dos motivos pelo qual eles decidiram participar foi justamente a possibilidade de se aproximar mais da área para poder modificar a sua prática em sala aula. Outros foram movidos pela curiosidade e pela vontade de conhecer mais intimamente o trabalho realizado pela Fundação Vera Chaves Barcellos.

Todos os professores, atuantes na rede municipal e alguns na estadual da cidade de Viamão, trabalham em escolas simples que, segundo eles, têm as condições mínimas exigidas: sala com mesas e cadeiras, quadro negro para giz e uma boa iluminação. Quando a questão é trabalhar com materiais diferentes e depender de tempo para a limpeza, organização, além de pias e torneiras, mesas grandes, entre outros recursos, são poucos os professores que recebem apoio para isso. Alguns podem contar com a direção da escola para conseguir algum tipo de material, mas um local próprio para se trabalhar com arte é realmente impossível.

Infelizmente, a maior parte de nossas escolas da rede pública ainda não possui espaços adequados para determinadas atividades ou disciplinas, tais como laboratórios de ciências, química ou biologia, salas com pias e torneiras, mesas grandes e espaço para serem colocados os trabalhos dos alunos, assim como seus materiais. Esse aspecto é a realidade de grande parte das escolas, mas felizmente, existem algumas que, apesar de ser um espaço pequeno em relação à quantidade de alunos, possui um espaço exclusivo para poder trabalhar com materiais diferentes, fazer experimentos e poder deixar trabalhos para secar sem que corra o risco de ser danificado

ou sumir. Mas os professores afirmam que mesmo em sala de aula comum eles se permitiram e fizeram o que foi possível para trabalhar com outros materiais, explorar e fazer experimentos com seus alunos. Segundo eles, algumas salas são grandes, iluminadas e arejadas, o que facilita o trabalho. Mas afirmam que o tempo continua sendo pouco para trabalhar com arte, assim como apenas um professor de arte na escola é pouco para a quantidade de alunos.

Como foi relatado no ponto 1.1, o estágio supervisionado foi realizado em uma escola estadual que possuía uma sala para artes. Mesmo essa sala sendo dividida com outros professores e não tendo espaço para os trabalhos de todos os alunos que a utilizam, é um espaço mais adequado para se trabalhar com arte do que as salas de aula comuns.

Voltando as questões do Projeto Educativo, os encontros e, principalmente, o primeiro encontro, foram momentos para se conhecer um novo lugar, uma nova possibilidade de trabalhar a arte. Uma das professoras afirmou que a comunidade precisava de um lugar como a Fundação para inserir de forma mais significativa os alunos, os professores e quem mais se interessar por arte. E a mesma professora faz uma reflexão sobre a participação dos professores no Projeto Educativo, dizendo que a maioria deveria se envolver mais com a ação e, principalmente, levar o ensino de arte mais a sério.

Diante da reflexão dessa professora e também na leitura dos outros questionários, já se pode observar mudanças. Poder sair do ambiente da escola e conhecer outro espaço que também pode estar voltado para a educação sem a formalidade da escola foi importante para os professores.

Através do Projeto eles tiveram o contato direto com a arte e com artistas, o que oportunizou a ampliação dos seus conhecimentos em relação à arte. Em muitos casos, esses encontros os ajudaram a organizar melhor o que trabalhar em sala de aula.

Com os professores formados na área esse contato ocorreu de forma diferente, pois eles já sabiam como funciona o ensino da arte, mesmo estando presos a velhos vícios e tradicionais maneiras de trabalhar. Apesar disso, eles também estavam em busca de aprimoramento para conseguir modificar a sua prática em sala de aula, além de estar em busca de informações e de um novo espaço que pudesse proporcionar vivências para seus alunos.

Os professores se sentiam inseguros e alguns afirmaram buscar atividades em

projetos na internet, em materiais didáticos na rede e informações em literatura específica, mas sem saber muito bem como organizar toda essa informação, com dificuldade de articular os conteúdos de maneira que o aluno pudesse vir a compreender, e muitos ainda afirmaram estar presos ao ensino unicamente de técnicas variadas nas aulas de artes.

Ficou muito claro que costumavam levar para seus alunos atividades sem contextualização e sem reflexão. E, agora eles se declaram mais seguros para dar aula de artes, mais confiantes em trabalhar e propor atividades mais ousadas, e, o mais importante, observam com outros olhos as produções dos seus alunos.

Além de todos esses aspectos, na maioria das respostas encontram-se informações que permitem concluir que houve uma mudança no olhar desses professores para arte, passando a valorizar mais, a procurar entender e a buscar novas possibilidades de trabalhar não só com arte, mas com as outras disciplinas que lecionam.

Eles encontraram novas formas de se ensinar arte na escola, além de poder mostrar para seus alunos algo que está acontecendo perto deles, na sua cidade. O professor passou a perceber a arte na realidade de seus alunos, na vida deles. Desmancharam a imagem que tinham da arte como algo complexo e difícil, passando a percebê-la como algo que tem seus conteúdos e que eles precisam ser observados, estudados para poderem ser compreendidos.

A supervisora que também participou e respondeu ao questionário revelou que passou a valorizar mais a arte no currículo escolar e a prestar mais atenção na atuação dos professores, querendo oportunizar cada vez mais esse contato com a arte e a reflexão.

Professores de séries iniciais também estiveram presentes aos encontros. Segundo seus relatos, o Projeto foi importante também para a sua atuação com alunos menores. Segundo eles, as atividades eram lúdicas e geralmente ligadas a música e ao teatro. Eles ainda não tinham percebido que atividades e propostas de artes visuais poderiam vir a funcionar tão bem com seus alunos quanto com as outras áreas do conhecimento.

Todos os encontros se mostraram importantes para os professores que participaram. Cada encontro com suas particularidades acabou tendo finalidades diferentes. No primeiro, foi a oportunidade de se conhecer um novo espaço, uma nova possibilidade de proporcionar experiências de aprendizado. Os três encontros que seguiram

com os três artistas foram os mais citados pelos professores. Com eles, os professores tiveram a oportunidade de conhecer os artistas, ouvi-los falar sobre o seu trabalho, compartilhar experiências e estar abertos para possíveis questionamentos.

Esses três encontros foram importantes, foi uma experiência que possibilitou o maior contato entre os dois lados, artistas e professores, e ajudou a desmistificar a figura do artista, mostrando-o como uma pessoa normal e que ser artista também é uma profissão. Outro aspecto importante é perceber que esses artistas também são ou já foram professores, fato que os aproximou ainda mais.

E por último, o encontro final em que os professores tiveram a oportunidade de falar sobre a sua experiência no projeto e o reflexo que teve em sua prática em sala aula. Nesse encontro, a apresentação de trabalhos, desenvolvidos em sala de aula com seus alunos, foi mencionado em quase todos os questionários como sendo algo importante para a reflexão sobre o que se está fazendo em sala de aula. Além disso, foi um reconhecimento do trabalho deles pela instituição, e uma valorização tanto dos professores quanto do que foi produzido pelos alunos que acabaram compartilhando dessa nova oportunidade. Os alunos também se sentiram valorizados mesmo sem ter ido visitar a exposição, apenas trabalhando em sala de aula e sabendo que seus trabalhos iriam ser mostrados e apresentados a outros professores e as demais pessoas de outra instituição.

Em todo o processo notou-se a satisfação dos professores com o Projeto e com as atividades. Além da preocupação dos mesmos com a continuidade do Projeto. Foi importante para eles essa abertura de espaço, esse reconhecimento pela profissão e, principalmente, a preocupação em como está se encaminhando o ensino de arte na escola. Foram encontros produtivos e o resultado se refletiu em sua prática em sala de aula. Dessa forma, eles realmente tinham a preocupação em relação a continuidade do Projeto Educativo, dos encontros e das trocas. Além de pensar na possibilidade e na importância de outros professores terem a mesma oportunidade.

Em uma das últimas questões do questionário os professores tiveram a oportunidade de propor questões para a ampliação e desenvolvimento posterior do Projeto Educativo da FVCB. Pode-se constatar através de algumas delas que os professores sentiram falta de atividades mais dinâmicas, oficinas com materiais que possam ser utilizados em sala de aula partindo do que foi exposto na mostra, *Pintura: da matéria à representação*. Sobre o restante do que foi abordado durante os encontros, segundo eles, foram proveitosos e em nada eles modificariam a estrutura, apenas aumentariam

o número de encontros com debates e oportunidades de troca.

Para muitos, ensinar arte era um desafio. Era difícil trabalhar com os alunos que já traziam consigo padrões de beleza, concepções de arte e, também, de certo e errado. Era um desafio desconstruir isso nos alunos, qualquer proposta mais inovadora causava estranhamento e dificuldade por parte do professor em lidar com esse estranhamento.

Essa aproximação mais íntima com a arte foi acontecendo aos poucos tanto para os professores quanto para seus alunos. Isso foi acontecendo lentamente para quem não tem a formação em arte e ampliando mais os conhecimentos dos professores que já possuíam essa formação. Com o Projeto Educativo eles ganharam mais força e ficaram mais empolgados para ver os trabalhos desenvolvidos por seus colegas com seus alunos.

Percebe-se nos relatos algo muito importante e que realmente tornou significativo esse início do Projeto da FVCB. O fato de os professores repensarem a sua prática, ter um novo olhar sobre a produção dos seus alunos e até mesmo sobre a própria arte.

Algo que pode ser concluído e que foi realmente gratificante saber foi o fato de eles perceberem que esse retorno a Fundação para apresentar os trabalhos desenvolvidos com seus alunos para seus colegas gerou uma segurança e um poder, que os levou a verificar a importância de estar sempre se renovando como professor de arte, na sua atuação e no seu ambiente de trabalho.

3.2 Quadro de resultados do questionário avaliativo da repercussão do Projeto

Diante de tudo o que pode ser observado, vivenciado nos encontros e obtido com as respostas do questionário, propõe-se a montagem de um quadro com as constatações e avaliações do que realmente foi o educativo proposto, e qual a percepção dos professores em relação às atividades e os desejos dos mesmos em relação às ações futuras.

O quadro aborda a ênfase que apareceu nas respostas dos questionários dos professores que efetivamente retornaram com o preenchimento do mesmo. Infelizmente muitos deixaram de responder e de contribuir para que o Projeto Educativo da FVCB

seja melhorado e tenha continuidade.

O questionário foi direcionado a todos os participantes do projeto com o objetivo de traçar um perfil desse público e obter informações a respeito da maneira como é abordada a arte em sala de aula com seus alunos. Além de possibilitar a constatação ou não se ocorreram mudanças significativas na sua prática em sala de aula e na sua visão sobre a arte.

Questões	Respostas
Formação	<ul style="list-style-type: none"> - Magistério - Pedagogia - Letras - História - Especialista em Psicopedagogia - Pós em Ensino Religioso
Área de atuação	<ul style="list-style-type: none"> - Professor(a) de Artes - Professor(a) de Ensino Religioso - Professor(a) de Matemática - Professor(a) de Geografia - Professor(a) de História - Professor(a) de Língua Inglesa - Professor(a) de Português - Professor(a) de Literatura - Professor(a) de Educação Física - Supervisão Escolar
Faixa etária dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> - Educação Infantil - Ensino Fundamental - Ensino Médio
10 itens do que pode ser considerado arte	<ul style="list-style-type: none"> - Música - Dança

	<ul style="list-style-type: none"> - Teatro - Pintura - Escultura - Desenho - Expressão - Criatividade - Interpretação - Literatura - Forma de representar a vida e o mundo que nos cerca
O que é arte? ⁴	<ul style="list-style-type: none"> - “Tentativa de criação de formas agradáveis.” - “Colocar toda a emoção do artista no momento dele criar.” - “Conjunto de habilidades, experiências, emoções, etc., desenvolvidas pelo ser humano a partir da necessidade de expressar-se das mais diferentes maneiras.” - “Expressão onde o aluno pode mostrar o que existe dentro de si tornando visual.” - “Forma de expressão e comunicação de ideias, pensamentos, sentimentos e cultura.” - “Arte é tudo que nos rodeia.” - “É romper barreiras em busca de novas possibilidades.” - “Pode ser qualquer tipo de emoção que o homem pode expressar.”
Como se aprende arte na escola? ⁵	<ul style="list-style-type: none"> - “Desenvolvendo o olhar artístico em meus alunos, fazer a arte parte da realidade (vida) deles.” - “Ensinar arte é mostrar o mundo com o olhar de cada um.”

⁴ Frases de alguns professores.

⁵ Frases de alguns professores.

	<ul style="list-style-type: none"> - “É falar sobre trabalhos e teóricos, induzir o uso intelectual e manual dos alunos, fazendo o mesmo conhecer e trabalhar suas habilidades.” - “Desmontar alguns antigos conceitos que os alunos ainda carregam e fazê-los compreender que a arte está ao nosso redor diariamente. É despertar a sensibilidade de cada um deles através da teoria e, principalmente, colocando-os na prática, fazendo-os entender e sentir o que produzem, vendo que qualquer que seja o objeto final, este trará uma marca pessoal!” - “A partir de técnicas de desenho, pintura e reciclagem.” - “A partir da realidade dos nossos alunos, observando a série, idade, meio social.”
Que matérias (conteúdos) fazem parte da matéria arte?	<ul style="list-style-type: none"> - Visitas a exposições - História da arte - Artistas (obras e biografia) - Exploração de materiais - Releituras - Todas as disciplinas e conteúdos podem abordar a arte.
O que os motivou a participar do Projeto	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de trabalhar com arte na escola. - Oportunidade da ampliação de conhecimentos. - Incentivo da direção da escola, - Vontade de conhecer o trabalho da instituição. - Curiosidade. - O tema. - Aprendizagem.
Momento mais significativo do projeto	<ul style="list-style-type: none"> - Contato com os artistas. - Conversa com a artista Lenir de Miranda.
Mudanças na visão de arte	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da percepção. - Ver a arte com outros olhos. - Novas formas de trabalhar com arte. - Perceber a importância do ensino da arte desde

	<p>as séries iniciais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aumento da curiosidade sobre os assuntos relacionados à arte.
Mudanças em sala de aula	<ul style="list-style-type: none"> - Mais segurança em trabalhar arte em sala de aula. - Maior respeito em relação a produção dos alunos. - Valorização da disciplina no currículo escolar. - Crescente o numero de alunos interessados em se aproximar da arte.
Sugestões para ações futuras	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades mais dinâmicas. - Oficinas que trabalhem diferentes formas de se trabalhar arte em sala de aula. - Trabalhar com outras áreas como o teatro, a música e a dança. - Trabalhos com diferentes técnicas.
Quantidade de professores no final do Projeto	28
Quantidade de professores no início do Projeto	24
Questionários respondidos	12
Professores de artes	01
Professores de outras áreas do conhecimento	11

Quadro 3.1: Questionário e avaliativo da repercussão do Projeto.

A partir do quadro acima, contata-se novamente a importância de uma ação educativa organizada por uma instituição cultural dentro de uma comunidade que não possui acesso a instituições culturais direcionadas para a arte. Com isso pensa-se também em alternativas para que o educativo cresça e se desenvolva juntamente com a comunidade da qual ela faz parte, introduzindo nela um espaço aberto e acessível a todos. É importante levar em consideração todas as respostas fornecidas por esses professores, pois são eles que estão passando adiante várias informações sobre arte para uma grande parcela da comunidade. É através da escola que se pode construir um público futuro que pode ou não vir a se tornar um espectador assíduo e participante das ações organizadas pela instituição.

Outro fator importante é a parceria que foi criada com os professores. Eles receberam a instituição e se deixaram desestabilizar com as novas informações, vivências e experiências. Eles se permitiram acima de tudo. E estão em sala de aula colocando em prática muito do que viveram.

Houve realmente um crescimento, um aprendizado e, principalmente, a troca de vivências. O fato de os professores terem a oportunidade de dar um retorno à instituição mostra o empenho e a vontade de fazer mais. Não foram apenas alguns encontros proporcionados, foram experiências levadas de um meio para o outro tendo como resultado a ampliação do conhecimento de ambas as partes. De um lado, conhecer uma instituição que está emergindo no cenário da arte e que faz parte da comunidade e está ali para ser usufruída por ela. De outro, a instituição que conhece de forma significativa a comunidade da qual ela faz parte e tem a oportunidade de fazer parcerias para cada vez mais se mostrar presente e participante nesse espaço.

3.3 Conjunto propositivo de ações para o desenvolvimento do Projeto da Fundação Vera Chaves Barcellos

Depois de algum tempo acompanhando o início do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos, acompanhando os professores, compartilhando dúvidas e certezas, vendo os resultados desse projeto surgir ao longo desse ano e buscando na semelhança com mais duas instituições culturais as diferenças, potencialidades e deficiências de cada ação educativa, tem-se a partir desse momento a possibilidade de elencar algumas questões que emergiram diante de todos esses momentos vivi-

dos. Essas questões se colocam como convergentes ao desenvolvimento, ampliação e aperfeiçoamento do Projeto, mas principalmente buscam contribuir para a continuidade do Projeto Educativo da FVCB.

As questões que são elencadas a partir de agora foram também abordadas ao longo do texto e selecionadas para esse último tópico como forma de proposições que poderão vir a servir para uma possível ampliação do Projeto Educativo da FVCB. Todas elas foram pensadas a partir das respostas do questionário direcionado aos professores, nas visitas e nas pesquisas realizadas com as ações educativas de mais duas instituições culturais: Museu Lasar Segall e Fundação Iberê Camargo, ambas com tempo de existência diferente, mas com ações solidificadas nas comunidades em que estão inseridas e que atuam.

O Projeto Educativo, como já foi dito, iniciou na instituição com recursos próprios. Diante disso, pensou-se em algo simplificado, mas que atingisse prioritariamente a comunidade de Viamão. A partir da experiência construída no início do projeto os professores foram convidados a dar a sua opinião e expor sugestões. Todas as contribuições foram importantes para pensar o Projeto partindo de quem teve a maior participação. Eles observaram diversos aspectos que realmente podem ser pensados para ações futuras na instituição. Dentre esses aspectos, os que mais se destacaram foram: a solicitação de atividades mais dinâmicas, oficinas com apresentação de propostas e materiais para serem trabalhados em sala de aula e abrir a possibilidade de outros professores terem a mesma oportunidade que eles tiveram de participar do Projeto Educativo.

Depois de acompanhar a primeira etapa do Projeto, foi-se buscar nas ações educativas de outras duas instituições semelhantes, algumas propostas que fazem a sua ação educativa forte e fazem com que ela tenha tanta aderência das comunidades que atingem. Foram observados muitos aspectos e descobertas várias atividades que poderiam funcionar também no Projeto Educativo da FVCB.

Dentre tantos pontos observados os que mais chamam a atenção, e que podem servir para serem implementados na instituição são: a contratação de uma equipe envolvida apenas com o educativo, a ampliação do público, e as avaliações das ações e possíveis parcerias com o entorno.

Em relação ao que foi proposto pelos professores acredita-se que as suas sugestões sejam importantes. Principalmente a que diz respeito a outros professores de arte terem a mesma oportunidade de participar de um Projeto Educativo que, mesmo

pequeno, seja bem estruturado e que leve em consideração o trabalho do profissional em sala de aula. Isso se torna possível a partir da continuação da parceria entre a instituição e a Secretaria de Educação. Dessa forma, podem-se alcançar mais escolas, até mesmo as escolas particulares.

Diante do que foi visto nessa primeira etapa, a maior parte dos professores não tem a formação em arte, o que mostra que, provavelmente, nas escolas que não estiveram presentes ocorra a mesma situação, pois se sabe que o contingente de professores leigos é grande na área de artes. Por isso, pensa-se ser fundamental a continuação dessa parceria para que mais professores possam ter a mesma oportunidade.

A partir dessa observação em relação à abertura para mais professores, tem-se também a abertura para um novo público. Atingir os alunos desses professores também seria algo fundamental. Em relação a isso, no segundo semestre alguns grupos das escolas já visitaram a Fundação. Mas foi um número relativamente pequeno em relação à quantidade de professores que participaram e se mostraram interessados em proporcionar essas experiências aos seus alunos. Dessa forma, um contato mais próximo com as escolas talvez tornasse mais fácil esse contato dos alunos com o novo espaço de aprendizagem.

As atividades do Projeto Educativo foram realizadas em espaços disponíveis tanto na instituição quanto em um local organizado pela própria Secretaria de Educação de Viamão. Tendo em vista esse aspecto, atividades com experiências mais dinâmicas e oficinas teriam que ser adaptadas a esses espaços que são os que o Projeto Educativo possui a princípio para trabalhar. Mas é interessante notar o interesse crescente dos professores, ainda mais os que não têm a formação em arte. Nota-se com isso, a preocupação deles em relação ao que levar para seus alunos e de que forma fazer isso.

Uma das instituições que fez parte dessa pesquisa, a Fundação Iberê Camargo, realiza com os professores, no dia da orientação na abertura da exposição temporária, ao final da palestra, uma oficina em seu espaço educativo explorando algumas formas de se trabalhar em sala aula com materiais alternativos. Todas as oficinas que são oferecidas são pensadas e aplicadas pensando diretamente as questões da exposição. Não são oficinas em que se trabalham determinados aspectos ou técnicas de qualquer um dos conteúdos da arte, mas são oficinas pensadas e elaboradas pensando naquele momento, naquele público e a partir dos conteúdos daquela exposição

que é o foco no momento. Além disso, o material distribuído aos professores também se apresenta sempre como uma ferramenta a mais para trabalhar em sala de aula.

Em relação aos aspectos observados também nas instituições, muitas ações contribuíram para uma melhor avaliação do projeto e formação de um perfil do público. Diante disso, pensa-se em formas de conseguir firmar avaliações contínuas do público que visita a Fundação através de fichas preenchidas no ato do agendamento como um meio de conhecer esse público e procurar preparar estratégias para melhor atendê-lo, da mesma maneira como ocorre no Museu Lasar Segall e Fundação Iberê Camargo. Assim como, ao final da visita, o responsável pelo grupo deve dar um retorno à instituição através de uma pequena avaliação da visita, também como acontece no Museu Lasar Segall.

A FVCB não possui uma equipe fixa e que atenda apenas as necessidades do Projeto Educativo. Dessa forma, fica a cargo de algumas pessoas que já realizam outras atividades na instituição o compromisso com os agendamentos, os contatos com as escolas e a Secretaria de Educação, a programação dos encontros e o acompanhamento dos grupos às exposições. Nesse sentido percebe-se que o educativo não recebe total atenção, sendo algumas questões deixadas de lado por falta de tempo. Com frequência, são questões simples e que contribuiriam de forma positiva para a instituição. A partir dessa constatação percebe-se que se o Projeto Educativo tivesse uma equipe responsável unicamente pelo educativo e que dialogasse com todos os outros setores da instituição, as ações realizadas e o público, que é crescente na instituição, teriam mais atenção.

Outra questão importante é perceber que perto da instituição existem locais significativos incluindo escolas municipais, estaduais e também particulares, em que poderia se pensar em parcerias ou em apenas um contato para uma aproximação. Receber quem se tem por perto é uma forma de ampliar os contatos e inserir cada vez mais a instituição na cidade.

Foi através desse início que novas possibilidades podem vir a ser pensadas e desenvolvidas como propostas para a ampliação do Projeto Educativo. Ficou muito claro a importância da instituição para a cidade e para quem teve a oportunidade de conhecê-la. Dessa forma, retoma-se o que muito já foi explicitado acima através de relatos, vivências e experiências: a importância de o ensino formal e o não formal contribuírem um com o outro para que haja a inserção cultural de todos os que vivem perto de instituições culturais. Além de abrir possibilidades de aprendizagem fora da

sala de aula, proporcionando ao aluno o contato com a arte local, com obras originais e a descoberta de um novo território que também pode passar a ser dele.

Pensa-se também no professor que tem a possibilidade de discutir, refletir e debater sobre a sua área de conhecimento com outros professores que passam pelas mesmas situações diariamente. O coletivo e as redes se mostram fortes em um cenário como o do ensino atual e faz com que nós, educadores, saibamos que ainda temos chance pensar sobre a nossa prática em sala de aula, e sobre o que estamos levando para ser experienciado em sala de aula.

3.3.1 Quadro com os principais pontos abordados para o desenvolvimento e ampliação do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos

A seguir, elaborou-se um quadro em que todas as relações acima estão presentes de forma simples e objetiva. O que permite ver o que se sugere para um possível desenvolvimento e ampliação do Projeto Educativo da FVCB. As ações pensadas são simples, mas que, com certeza, podem contribuir com o projeto.

O que?	De que forma?	Resultado esperado
Oficinas e atividades mais dinâmicas:	- Propor atividades criadas a partir da exposição em que se possa trabalhar com materiais alternativos.	- Que essa atividade realmente seja proveitosa e que os professores tenham mais mecanismos para trabalhar em sala de aula.
Conhecendo mais o público (pensando nas visitas de grupos acima de 5 pessoas):	- Fichas preenchidas no momento do agendamento.	- Analisar que grupo é esse que está visitando a instituição e pensar estratégias para melhor atendê-lo.

		- Formular os perfis de público visitante.
Avaliação continua do Projeto Educativo:	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação do responsável pelo grupo da visita realizada. - A cada etapa do Projeto Educativo fazer uma reflexão com os professores participantes a partir de um questionário menos denso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Poder sempre estar pensando em novas possibilidades para melhorar e ampliar o Projeto Educativo.
Ampliação do público:	<ul style="list-style-type: none"> - Continuação da parceria com a Secretaria de Educação de Viamão. - Atingir mais professores de arte de outras escolas municipais e estaduais. - Buscar atingir os professores da rede particular de ensino. - Pensar nos alunos dos professores que já participaram. - Possíveis parcerias com o entorno. Existem várias fabricas perto da Fundação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que os demais professores sejam atingidos da mesma forma. - Conhecer mais a comunidade que a instituição está inserida. - Ampliação da oportunidade de trocas entre os próprios professores de arte que atuam em realidades diferentes.
Ampliação da equipe	<ul style="list-style-type: none"> - Ter pessoas envolvidas somente com as atividades do Projeto Educativo que está crescendo na instituição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilidade de que todas as atividades sejam realizadas e pensadas de forma mais significativa tanto para a instituição quanto para o público que vem crescendo.

Quadro 3.2: Principais pontos abordados para o desenvolvimento e ampliação do Projeto Educativo da FVCB

Considerações Finais

Diante de tudo o que foi visto, observado, vivenciado e experienciado, descrito através das inúmeras reflexões ao longo do texto, é importante constatar que foram tratadas áreas de interesses pessoais, principalmente pelo fato de ter, ao longo dos anos da formação em Licenciatura, a possibilidade de estar presente e em contato com diferentes instituições de ensino formal, como as escolas e as emergentes instituições culturais, responsáveis por um ensino não formal, com a participação tanto ativa (em uma atuação como mediadora ou professora), quanto de uma forma mais passiva, como observadora ou pesquisadora.

Estando constantemente presente em instituições culturais através de cursos e orientações para professores (mesmo sem estar ainda dentro de uma sala de aula), e atuando em um dos setores de uma delas, Fundação Vera Chaves Barcellos, surgiu o acentuado interesse pelas ações educativas em museus e instituições culturais.

A partir disso, com Alice Bemvenuti como principal referencial teórico buscou-se na história o início dessas ações em museus e quando elas começam a ser pensadas como espaços em expansão para atingir um público cada vez maior.

Estando presente em uma instituição cultural que começou muito recentemente a pensar a construção de uma ação educativa efetiva, para que pudesse atingir a comunidade na qual ela está inserida, acabou por definir uma linha para a pesquisa motivada pelo interesse por buscar saber mais sobre os caminhos que são percorridos para que uma ação aconteça e se solidifique como um espaço educativo institucional. Aliando a esse interesse a vontade de ser uma professora que tenha acesso a esses locais, e que através desse acesso poderá vir a proporcionar essa experiência aos seus alunos, é que foram formulados todos os pensamentos e reflexões que se desenvolveram no texto elaborado até o momento.

Verifica-se que é somente quando se entra em sala de aula como professora de arte (experiência que vivi durante este semestre no estágio obrigatório supervisionado) que se começa a deparar com as reais condições do ensino dessa área de conhecimento. Poucos recursos, preconceito por parte dos colegas, dos alunos e da

comunidade escolar em geral é até agora uma regra nas escolas. E são essas as primeiras impressões que se tem quando se entra na escola.

Felizmente, todos os maus aspectos conseguem ser modificados ao longo da atuação e aparece a surpresa, o interesse, a curiosidade de todos já citados acima. Concorde com Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque quando afirmam a necessidade do professor estar muito bem preparado, pois foi somente entrando em sala de aula que percebi que, para se ensinar arte na escola, precisa-se estar muito bem preparada, e ser uma professora pesquisadora, estar atendo ao que acontece na sua cidade, prestar atenção nos alunos, no que eles podem trazer para sala de aula, e a partir deles, de suas experiências anteriores, relacionar os mais diversos conteúdos que fazem parte dessa área de conhecimento.

Como há muito tempo já estava em contato com instituições culturais e observando também as suas ações educativas, percebi nessas ações outra possibilidade de proporcionar o aprendizado aos alunos.

Para corroborar a minha percepção, durante o estágio e a pesquisa desta monografia, estava acontecendo na cidade de Porto Alegre a 8ª Bienal do Mercosul. E esta foi a oportunidade de tentar comprovar o que em tese eu já havia intuído, da importância de relacionar o ensino formal e o ensino não formal através de propostas e experiências construídas em sala de aula relacionadas ao pensamento contemporâneo. E foi dessa maneira que pude estabelecer conexões com o conhecimento dos alunos (mesmo sendo há pouco tempo, mas com a utilização de questionários que me forneciam informações básicas), da prática em sala de aula com eles e o de poder proporcionar aos mesmos a visita a um local diferente do que estão acostumados.

Foram trabalhadas questões em sala de aula, apresentando e levantando questionamentos através também de imagens e foram abordados e levantados pontos durante a visita à Bienal. O fato de tudo se relacionar com a atualidade trazendo inclusive a vivência cotidiana dos alunos fortaleceu a relação dos alunos com a arte através da reflexão, do contato com obras originais, da saída para um novo espaço e da prática em sala de aula alinhavando as questões percebidas por eles durante todo o processo. Diante de todos esses aspectos que foram abordados durante a pesquisa, em momento algum se quis sobrepor um tipo de ensino ao outro. O que realmente se propôs foi fazer uma reflexão sobre as condições dadas ao professor de arte na escola, tentar levantar aspectos que possibilitem ver quem é esse profissional, além de confirmar através de diferentes vivências no contato com diferentes instituições, que

a relação com instituições culturais só tende a ser positiva, pois auxilia o educador a buscar sempre se aprimorar impulsionando-o a uma formação continuada, aprofundando sua busca em novas pesquisas, bem como é certo que proporciona tanto para o professor como para os alunos uma maior inserção nas atividades desses locais, possibilitando o acesso a novas formas de ver o mundo que nos cerca.

Durante a pesquisa e visita a instituições culturais, percebeu-se o quanto as ações educativas são valorizadas tanto pela equipe que a organiza quanto pelo público que já aderiu e participa de suas atividades. Entretanto verificou-se que as instituições são incansáveis e estão sempre buscando crescer, desenvolver e ampliar sua relação com o público através de mais ações que permitam a participação e o acesso do mesmo em sua programação.

Ainda durante este ano, em um trabalho efetivo em uma ação educativa como mediadora da 8ª Bienal do Mercosul percebi o quanto os grupos escolares que são atendidos pela ação precisam de oportunidades como essa. Em muitos casos, a realidade daqueles grupos, seja mais modesta ou de extremo luxo, pode ser contestada, questionada e repensada através de uma ação que tem por princípio provocar a reflexão do grupo diante do que estão vendo, e do que aquilo que vêem pode significar para eles. Com certeza nem todos são tocados, mas se apenas um sair do espaço, da atividade, da visita, pensando sobre o que viu e em como aquilo o transforma, já é algo realmente positivo e digno de ser valorizado pelas ações educativas.

Dessa forma volta-se ao professor de arte, profissional que atua dentro das escolas, que já tem a sua formação (nem sempre sendo em arte), tem o seu modo de dar aula e que mesmo assim não se acomoda e vai à busca de novos aprendizados e experiências. Esse também é o professor que se focalizou neste trabalho e que chegou até a Fundação Vera Chaves Barcellos. Esse é o professor que buscou conhecer um novo espaço para proporcionar aos seus alunos outra forma de aprender.

Vê-se nas ações educativas algo importante, tanto para o professor que está dentro de sala de aula todos os dias enfrentando as mais diversas situações e tendo que lidar com diferentes realidades, quanto para a instituição que oportuniza essas vivências e que tem a possibilidade de abrir suas portas para que algo possa acontecer ali dentro. Vê-se como ocorre a troca. A troca de experiências, novas vivências e debates que oportunizam ainda mais o crescimento pessoal e a ampliação de conhecimentos. E tudo passa a ser refletido em sua prática em sala de aula.

Volta-se ao início da pesquisa em que já se afirmava a importância dessa ponte

estabelecida entre as instituições culturais e as instituições de ensino formal. Nesse momento já se tinha a percepção dos bons resultados que geralmente são apresentados a partir dessa relação estabelecida. E desse modo constata-se ao finalizar a pesquisa revendo os questionários direcionados aos professores que participaram da primeira etapa do Programa Educativo da FVCB o que realmente significou para eles essa participação, esse reconhecimento pela profissão e, principalmente, a oportunidade de ter um espaço cultural exclusivamente de artes visuais na cidade, em sua própria cidade (,muito perto), que eles podem frequentar organizando experiências concretas para seus alunos e que está aberto para recebê-los e os ajudando a acessar a arte e o pensamento contemporâneo.

Percebe-se a importância do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos para o público crescente que participa e para a comunidade em que esse público atua. Provoca-se a ampliação do ensino da arte e faz-se com que escola tenha acesso a arte contemporânea e enriqueça a interlocução com a cultura atual.

Afirma-se que a união entre o ensino formal e o ensino não formal é eficiente, sendo importante tanto para os alunos que passam a poder ter o contato com obras de arte originais quanto para os professores que tem uma nova opção de proporcionar a construção do conhecimento, o aprendizado, aproximando-os da arte local, de exposições e até mesmo de artistas, desmistificando tanto o objeto artístico quanto a figura do artista.

E espera-se, ao concluir essa etapa, que o Projeto Educativo da FVCB continue e que cresça dentro de suas possibilidades, contribuindo cada vez mais para a inserção cultural da comunidade a qual pertence. Assim como se espera ter contribuído para a reflexão diante de tudo que foi experienciado durante esse último ano de graduação.

Acredita-se ter aprendido, crescido e ampliado os conhecimentos de forma significativa, pois se tem a certeza de que todas essas reflexões são importantes tanto para o crescimento pessoal quanto para a formação, como para a instituição que tem sido o foco da pesquisa, pois têm sido tratadas questões importantes diante de um retorno dado pelos professores para Fundação Vera Chaves Barcellos, que certamente serão consideradas, e contribuirão também através dessa pesquisa que as elencou focalizando-as para um possível desenvolvimento do educativo da instituição.

Finalmente, pretende-se a partir de agora, continuar a percorrer esses caminhos que firmam relações cada mais estreitas entre o ensino formal e o ensino não formal. Dessa forma, trabalhar com os dois lados se mostra fundamental para futuras pes-

quisas e envolvimento com ações educativas e também com a prática em sala de aula.

Referências

AMAVTRON. Site desenvolvido pela associação. Apresenta informações sobre a instituição. Disponível em: <http://www.amavtron.com.br>. Último acesso em: 09 de nov. de 2011.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1978.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós modernismo*. Revista Digital Art &, nº 0, out. de 2003. Disponível em <http://www.revista.art.br/site-numero-00/artigos.htm>. Último acesso em: 15 de out. de 2011.

BEMVENUTI, Alice. *Museus e Educação em Museus - História, Metodologias e Projetos, com análises de caso: Museus de Arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul*. 2004. 385 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

BEMVENUTI, Alice. *Museu para todos: o papel da ação educativa como mediadora cultural*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 16., 2007, Florianópolis, SC. Anais. Florianópolis: ANPAP, UDESC, 2007.

BEMVENUTI, Alice. *As ações educativas em museus e o ensino da arte em um percurso histórico brasileiro de 1816 a 1950*. Disponível em: <http://www.gedest.une-sc.net/seilacs/1816_alicebemvenuti.pdf>. Último acesso em: 02 de dez. de 2011.

BIENAL DE CURITIBA. Desenvolvido pela Bienal de Curitiba. Apresenta informações gerais sobre o evento. Disponível em: <<http://www.bienaldecuitiba.com.br>>. Último acesso em: 04 de dez. de 2011.

BOHNS, Neiva. *Os Frutos da Arte*. Pomares. Fundação Vera Chaves Barcellos, n. 1, jan.2011. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL (Ministério da Educação e do Desporto). *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte*. Brasília, MEC, 1997.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

BRASIL (Ministério da Educação e do Desporto). *Plano Nacional da Educação*. Brasília, MEC, 2010.

CHIOVATTO, Milene. *O Professor Mediador*. [SI]: Artigo extraído do BOLETIM Nº 24 de Outubro/Novembro 2000. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=13>. Último acesso em: 03 de jul. de 2011.

COCCHIARALE, Fernando. *Arte moderna x arte contemporânea*. 2006.

FUNDAÇÃO BIENAL DO MERCOSUL. Desenvolvido pela Fundação Bienal do MERCOSUL. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <www.bienalMercosul.art.br/>. Último acesso em: 04 de dez de 2011.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Desenvolvido pela Fundação Bienal de São Paulo. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <<http://www.fbsp.org.br/>>. Último acesso em: 04 de dez. de 2011.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. Desenvolvido pela Fundação Iberê Camargo. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <<http://www.iberecamargo.org.br/>>. Último acesso em: 04 de dez. de 2011.

FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS. Desenvolvido pela Fundação Vera Chaves Barcellos. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: < <http://www.fvcb.com/>>. Último acesso em: 04 de dez. de 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005.

FRONZA-MARTINS, Aglay. *DA MAGIA A SEDUÇÃO: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte*. Revista de Educação, Brasil, v. 9, n. 9, p. 71-76, 2006. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/view/198/195>. Último acesso em: 02 dez. 2011.

GEARTE. Site desenvolvido pelo grupo. Apresenta informações diversas sobre a equipe, suas publicações, seus trabalhos, entre outros. Disponível em: <<http://www.gearte.ufrgs.br>>. Último acesso em: 20 de out. de 2011.

HAMZE, Amélia. *Escola Nova e o movimento de renovação do ensino*. 2011. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/escola-nova.htm>>. Último acesso em: 15 de out. de 2011

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

ITAÚ CULTURAL. Desenvolvido pelo Itaú Cultural. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: < <http://www.itaucultural.org.br>>. Último acesso em: 04 de dez. de 2011.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcellos. *Ensino de arte: perspectivas com base na prática de ensino*. In.: BARBOSA, Ana Mae (org). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). *Mediação: provocações estéticas*. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, SP, v. 1, n. 1, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. Rio de Janeiro, RJ: RBB Ltda, 2008.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo, SP: EPU, 1986. Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Site desenvolvido pela instituição. Apresenta informações sobre vários artistas. Disponível em: <http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_carlospetru.php>. Último acesso em: 22 de nov. de 2011.

MUSEU LASAR SEGALL. Desenvolvido pelo Museu Lasar Segall. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <<http://www.museusegall.org.br/>>. Último acesso em: 04 de dez. de 2011.

PINTO, Júlia Rocha; COUTINHO, Rejane Galvão. Arte-educação em instituições culturais – O ensino não formal em museus de arte. Disponível em: <http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/10eraea/relatos_pesquisa/arte_educacao_em_instituicoes_culturais.pdf>. Último acesso em: 15 de out. de 2011.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. *Aspectos históricos das propostas pedagógicas de Ensino de Arte*. In: _____. et al (Orgs.). *Livro Didático 1: o ensino de artes e educação física na infância*. Natal, RN: Paidéia, 2005. v. 0001. Disponível em: http://www.gearte.ufrgs.br/producoes_didat_pedag.html. Último acesso em: 15 de out. de 2011.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. *Diretrizes contemporâneas para o Ensino de Arte*. In: _____. et al. (Orgs.). *O ensino de Arte do 6º ao 9º ano*. Natal, RN: UFRN/PAIDEIA/ MEC, 2007. v.3. (Coleção Cotidiano Escolar). Disponível em: http://www.gearte.ufrgs.br/producoes_didat_pedag.html. Último acesso em: 15 de out. de 2011.

PREFEITURA DE VIAMÃO. Desenvolvido pela Prefeitura da cidade de Viamão. Apresenta informações referente a cidade. Disponível em: <<http://www.viamao.net/cidade.php>>. Último acesso em: 25 de nov. de 2011.

RICHTER, Ivone Mendes. *Histórico da Faeb – uma experiência pessoal*. In: BARBOSA, Ana Mae. *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008.

SANTANDER CULTURAL. Desenvolvido pelo Santander Cultural. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <<http://www.santandercultural.com.br>>. Último acesso em: 04 de dez. de 2011.

SCHWARTZ, Jorge (org.), MONZANI, Marcelo (org.), D'HORTA, Vera (texto). *Museu Lasar Segall. 50 obras do acervo*. São Paulo, SP: Museu Lasar Segall, 2010.

SOULAGES, François. *Vera Chaves Barcellos: obras incompletas*. Porto Alegre, RS: ZOUK, 2009.

STORI, Norberto e FILHO, Antonio da Costa. *O Ensino de Arte no Império e na República do Brasil*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/eachcadpos.html?&L=5%2Fproduto.php>>. Último acesso em: 02 de dez. de 2011.

Anexos

Anexo 1 – Questionário realizado com os alunos do estágio

Nome:

Idade:

Onde mora (bairro/cidade):

1. Há quanto tempo conhece a maioria de seus colegas?
2. O que você geralmente assiste na televisão?
3. Que música (estilo/artistas/etc.) você costuma ouvir?
4. Quem são seus ídolos?
5. Quais são seus artistas preferidos?
6. Que lugares você geralmente frequenta quando não está na escola?
7. O que você gosta de fazer?
8. Já foi a alguma exposição de arte? Qual?
9. Que artistas você conhece? O que eles fazem?
10. Você tem acesso à internet?
11. Possui email?
12. Participa de redes sociais? Quais?

Anexo 2 – Projeto de estágio

Dados da Escola

Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha / Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha
Endereço: Avenida Osvaldo Aranha, 527 / Bairro Bom Fim - Porto Alegre – RS
(51)33110956 / (51)33114968

Professora regente: Prof.^a MS. Elis Dockorn

Estagiária: Ana Paula Meura

Área: Artes Visuais

Disciplina: Artes

Série: 5^a

Turma: 55

Número de alunos: em torno de 22.

Período

Metade do segundo trimestre de 2011 (02/08/2011 a 04/10/2011)

8 semanas totalizando 16h/aula.

Aulas as terças feiras das 16h45 as 18h15.

Título

“Proкуро-me”¹

Turma 55

A turma 55 possui em torno de 22 alunos, sendo que pequena parte desse total são alunos repetentes. É uma turma agitada, mas que trabalha bem diante das propostas da professora regente.

O celular é companhia constante já na quinta série. Mas é utilizado com menos freqüência pelos alunos, apenas alguns insistem em ouvir música ou telefonar “para mãe” no meio de uma atividade.

¹ Título da obra da artista Lenora de Barros.

É uma turma em que alguns alunos estão passando ou passaram por problemas em casa: pais homossexuais se separando, e perda de irmãos menores que foram mortos pelo pai (dois dos casos que tenho conhecimento).

Do grupo noto dois alunos (um menino e uma menina) que são deixados de lado pelos colegas. Quando o trabalho é em grupo eles sobram e ninguém os quer por perto, assim como são alvos de chacota, piadinhas e acusados de coisas que não fizeram ou por algo que deu errado no andamento da atividade. A menina é sempre prestativa com a professora e comigo em minha primeira aula. Também observei uma outra menina que está sempre implicando com a outra citada anteriormente. Em todas as aulas observadas sempre teve algum tipo atitude como mexer na mesa da colega quando esta desenhava ou algumas palavras mencionadas que eram ofensivas (“teu trabalho ta feio”, “tu não sabe nada”, “sua gorda”, etc.). Evidencio mais uma aluna, agora repetente, que está realmente interessada. Ela toma frente, faz o que tem que ser feito. Mesmo que em alguns momentos ela se deixe levar pelos colegas, logo ela os repreende e os incentiva a realiza o trabalho.

Durante esse tempo em que estive presente chegaram mais três alunas vindas de outras escolas e que se adaptaram bem ao restante do grupo.

Conversas, bagunças e brincadeiras acontecem todo o tempo o que atrapalha o andamento da aula prejudicando os poucos que estão interessados em aprender e participar. Eles são receptivos e se instigados realizam os trabalhos, percebendo que as suas atitudes prejudicam somente a eles.

Em minha primeira aula com eles, que aconteceu no dia 21 de junho tive algumas dificuldades com a turma. Eles conversaram demais e as atividades foram explicadas diversas vezes para que fossem realizadas. Em relação ao trabalho ser feito em grupos: não funcionou por algumas razões ditas acima. Alguns alunos não se encaixaram nos grupos, muita conversa e falta de vontade em realizar a tarefa proposta. Diferente de quando é com a professora regente em que eles pedem para o trabalho ser realizado em duplas ou grupos. Em certo momento passei de grupo em grupo para poder explicar e dar continuidade com a aula. Diante disso alguns grupos trabalharam e outros não. Mas acredito que eles tenham percebido que a aula não será apenas “o fazer por fazer”, que eles terão que participar e, principalmente, que a sua opinião também é importante para que a aula aconteça e seja algo bom para todos.

Súmula

Pretende-se trabalhar em torno da 8ª Bienal do Mercosul. Será elaborada uma proposta que parta da reflexão sobre o “eu no mundo”, em como cada um se vê e se percebe na sociedade da qual faz parte.

Justificativa

Percebendo a dificuldade dos alunos trabalharem em grupos, surgiu à idéia de trabalhar o individuo. Partindo da idéia de território extraída da 8ª Bienal do Mercosul, pretende-se com que os alunos reflitam sobre o que os identifica e os faz donos dos lugares que ocupam, desses lugares que fazem parte da sua vida.

Objetivos

- * Fazer com que os alunos reflitam sobre si mesmos.
- * Assim como o título (“Procuro-me”), pensar no encontrar a si mesmo na sociedade, que lugar ocupa entre tantos outros indivíduos.
- * Redescobrir “o eu” através do auto-retrato.
- * Através do auto-retrato, trabalhar com as suas características, suas vontades, seus gostos e preferências.

Metodologia

Os temas serão tratados através dos seguintes procedimentos:

- * Contato com reproduções das obras do artista participante da mostra (Eugenio Dittborn).
- * Contato com reproduções de obras, auto-retratos presentes na história da arte.
- * Desenvolvimento de dois materiais didáticos
 1. Caixa com um espelho dentro para o primeiro dia de aula.
 2. Jogo da memória onde os pares são a fotografia do artista e de seu auto-retrato.
- * Exposições e investigações do professor juntamente com os alunos através de estudos sobre as proporções do desenho da cabeça.
- * Atividades práticas de criação, pelos alunos, de seus auto-retratos de diversas formas:
 1. Com a ajuda de um espelho.
 2. Pensando em objetos, hábitos, gestos, etc., que os identificam.

3. Através da caricatura.
4. Criação de um personagem.

Cronograma das aulas

Dia	Aula
02/08	A caixa
09/08	Auto-retrato
16/08	Jogo da memória
23/08	Paralisação
30/08	Caricatura e Redes Sociais
06/09	Apresentação da proposta de criação de um personagem
13/09	Turma dispensada (a professora regente e eu não fomos comunicadas)
20/09	Feriado
27/09	Criação do personagem
04/10	Visita à Bienal do Mercosul / Conversa sobre a Bienal / Continuação dos personagens
11/10	Apresentação dos personagens / Fechamento

Avaliação

A avaliação irá ocorrer ao longo das aulas a partir dos seguintes aspectos:

- * Entrega das atividades feitas em sala de aula e/ou em casa.
- * Apresentação dos trabalhos.
- * Participação em aula.
- * Comprometimento em trazer os materiais.

Todos os aspectos relacionados acima foram observados durante as aulas. Foi a forma encontrada para poder ter uma avaliação dos alunos, mesmo que em muitos aspectos atribuir números seja difícil.

Turma 55 durante o estágio

Durante o estágio a turma 55 não foi diferente do que foi relatado no mapeamento. Continuaram agitadas. E assim permaneceram até o último dia. Nesse

período em que estive com eles passei por diversas situações em que não sabia como agir nem o que fazer para que eles me ouvissem em silêncio por alguns minutos. Em compensação tive aulas em que, apesar da bagunça, o trabalho fluiu, muitos participaram e o resultado do trabalho foi realmente bom.

Era uma turma bem heterogênea: três repetentes, alunos que ainda mal saíam de casa e outros que já saíam para festas à noite. Realidades bem contrastantes, comportamentos diferentes e, a maioria deles, navegando entre extremos: entre um comportamento responsável, participativo, colaborador e outro completamente descompromissado, desatento e desinteressado. Isso era o que mais prejudicava o andamento das aulas.

O momento em que mais me surpreendi foi quando estive presente em um conselho participativo. Nesse conselho, todos os professores e todos os alunos estavam presentes. Os professores falavam da turma em geral, um deles falou sobre cada aluno e cada aluno falou de si. No momento em que cada um dos alunos teve a oportunidade de falar, foi surpreendente a consciência que eles têm sobre os seus atos, seu comportamento, suas fortalezas e suas fraquezas. Os que mais conversavam, os não traziam o material, os que tinham problema com celular, os que gritavam em sala de aula, os que faziam bagunça, os que realizavam as atividades tanto em casa quanto em sala de aula, assim por diante. Segundo a maioria dos professores, a turma se desenvolveu e cresceu de um semestre para o outro, mostrando maturidade e comprometimento. Porém, mesmo com essa constatação eles relataram situações em que eles ainda precisam se melhorar.

Foi importante também, saber-se colocar no lugar dos alunos. Eles são crianças e alguns já estão na adolescência. Estão aprendendo, crescendo, passando por diversas situações pessoais (algumas que tive conhecimento) e, acima de tudo, tem seus medos e suas inseguranças. Muitas vezes, tive que pensar se aquilo que eu estava levando para sala de aula faria realmente sentido para eles. As semanas mudavam, eles mudavam, queriam estar ali, outras vezes não. Infelizmente não tinha como saber o que realmente se passava. Eu estava com eles apenas dois períodos em uma semana inteira. Mas eu estava e tinha que dar conta daquelas 22 pessoas que estavam ali, obrigados ou não, sem querer ou não, mas estavam.

Nesse período pensei em estabelecer algumas relações, por menores que fossem com o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Diante disso, um dos pontos

em que aparece na minha pesquisa é a questão de relacionar o ensino formal com o ensino não formal em artes. Para mim, é uma questão relevante por eu estar ligada a uma instituição cultural que acaba de iniciar um Projeto Educativo, em que já ocorreram algumas visitas de alguns alunos de professores que participaram do Projeto. Dessa forma, optei por trabalhar em meu projeto com a Bienal do Mercosul e, dessa forma, realizar com os alunos uma visita a um dos espaços da Bienal. E esse foi outro ponto que me surpreendeu muito: os alunos na visita. Apesar dos transtornos que sempre ocorrem em uma saída da escola (são muitos alunos, movimento nas ruas, horários, etc.), durante a visita eles foram excelentes. A mediadora que nos acompanhou conseguiu em apenas uma obra tirar deles muito do que já tínhamos visto em aula mesmo sem eles perceberem ou darem a devida importância no momento.

Enfim, muito conversamos nas aulas durante as observações. Falamos sobre a prática, sobre como agir em muitas situações, em como se posicionar diante deles e, principalmente, como conseguir passar o que preparamos com tanto empenho para aqueles que seriam, por um pequeno período, nossos primeiros alunos (para a maioria dos colegas).

Trabalhar com um projeto foi realmente bom. Foi a partir dele que tive que fazer várias escolhas, lidar com imprevistos, trocas de datas, faltas dos alunos, não entrega de trabalhos, tempo de atividades em sala de aula. O projeto final em relação ao projeto inicial da turma 55 ficou diferente em muitos aspectos. Mas a experiência com eles foi bacana, houve uma construção e uma troca. Não foi fácil, mas foi bom perceber e poder conhecer cada um deles.

Dados da Escola:

Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha / Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha

Endereço: Avenida Osvaldo Aranha, 527 / Bairro Bom Fim - Porto Alegre – RS

(51)33110956 / (51)33114968

Professora regente: Prof.^o Geraldo Bueno Fischer

Estagiário: Ana Paula Meura

Área: Artes Visuais

Disciplina: Artes

Série: 1º ano do ensino médio

Turma: 113

Número de alunos: em torno de 24.

Título

Redescobrimo o “meu” próprio território

Turma 113

A turma 113 possui em torno de 24 alunos. É uma turma tranqüila e que trabalha muito bem diante das propostas do professor. Isso não significa que as aulas fluam e que as tarefas sejam feitas no tempo estimado. Os alunos conversam bastante e nas aulas de artes se ocupam com tarefas das outras disciplinas. A questão dos atrasos também é algo que preocupa e que acaba atrasando alguns trabalhos.

Os alunos realizam as pesquisas solicitadas pelo professor, e a maior parte da turma traz o material para realizar o trabalho prático. Essas duas tarefas solicitadas pelo professor nem sempre são cumpridas por todos os alunos. Alguns fazem a pesquisa e outros fazem uma cópia ou copiam a mão trocando algumas palavras, colocam o nome e entregam. O mesmo acontece com os grupos nos trabalhos práticos em que apenas alguns trazem o material solicitado e o restante do grupo acaba sendo beneficiado sem a averiguação do professor.

Essa é uma turma que possui um espaço para trabalhar com arte. Acredito que falta um pouco mais de atenção do professor em relação aos atrasos e a realização, pelos alunos, de tarefas de outras disciplinas. Como conversamos em aula, se a turma demora em formar os grupos e para finalizar os trabalhos, o professor tem que estipular prazos, tempo para realização das tarefas em sala aula assim como cobrar o que foi pedido para ser feito em casa. Caso não seja dessa maneira os trabalhos se estendem e passam de um semestre para o outro sem necessidade.

Não é uma turma grande. A sala, por ser menor, acredito que irá facilitar a comunicação com o grupo. Eles são receptivos, muitos já tive a oportunidade de conversar um pouco.

Período:

Metade do segundo trimestre de 2011 (04/08/2011 a 13/10/2011)

9 semanas totalizando 18h/aula.

Aulas as quintas feiras das 07h40 as 09h.

Súmula

Território, espaço, cidade. O lugar de cada um e de todos será o foco do projeto que terá a 8ª Bienal do Mercosul como ponto de partida. O tema central do projeto está focado no “território” de cada aluno e na construção de um novo lugar criado por eles em grupos. Serão trabalhadas anteriormente questões que abordam o território de cada um, a sua cidade, o seu bairro, chegando às redes sociais e a maneira como cada uma se apresenta diante da sociedade.

Justificativa

Como a 8ª Bienal começa em setembro, pensa-se em trabalhar com os alunos uma das mostras da grande exposição. As aulas do estágio iniciam-se em agosto, o que pode ser uma preparação para uma possível visita a Bienal.

Tendo como tema “o território e sua redefinição crítica a partir de uma perspectiva artística”, acredita-se ser interessante trabalhar com os alunos questões que rodeiam o espaço em que eles vivem e convivem com outras pessoas. Conhecer a sua própria cidade e dividir com seus colegas as suas novas descobertas e seu novo olhar sobre o lugar em que eles habitam através da criação de um novo lugar.

Objetivos

* Trabalhar o conceito de território como termo definido, voltando a questões que estão presentes na construção da sociedade pelo homem, partindo, brevemente, da pré história chegando aos dias de hoje.

* Possibilitar que os alunos redescubram o lugar onde vivem, por onde andam, o que realmente conhecem do espaço que circulam todos os dias. Fazer uma reflexão sobre quais são os seus territórios, o que os identifica dentro da sua cidade.

* Pensar com o educando e através da visita a Bienal do Mercosul, novas formas de ver o lugar onde estamos, (re)criar a partir do que já se possui, um lugar onde seus desejos, vontades e medos estejam presentes: um novo território.

Metodologia

Os temas serão tratados através dos seguintes procedimentos:

- * Contato com imagens das obras de artistas participantes ou não da 8ª Bienal.
- * Visita a Bienal do Mercosul.
- * Exposições e investigações do professor juntamente com os alunos sobre questões do território, do espaço que se percorre todos os dias, do conhecer realmente onde se estão.
- * Trabalhos práticos realizados pelos alunos partindo de uma proposta dada pelo professor.

Cronograma das aulas

- * Em função dos atrasos dos alunos, a sala será dividida em três territórios: o território dos pontuais, o território dos atrasados e o território dos que chegam no segundo período.
- * Cada aluno terá uma ficha com o seu nome na entrada da sala e se dirigirá para o seu território.
- * Também na entrada estará uma ficha explicativa sobre o que são os territórios. Isso irá ajudar os alunos a irem para os seus lugares.
- * Os territórios permanecerão divididos até o momento da última atividade programada em que eles poderão refazer seus grupos.
- * Todo o cronograma das atividades feitas em aula estará exposto no quadro. Dessa forma todos os alunos que chegarem após o horário saberão como proceder em sala de aula e nos seus grupos.

Dia	Aula
11/08	Divisão territorial
18/08	Que bandeiras eu levanto? Quem sou eu?
25/08	Gincana
01/09	Redes Sociais como território

08/09	Apresentação da proposta de criação de um território
15/09	Turma dispensada (eu não fui comunicada).
22/09	Visita a Bienal do Mercosul. Último dia para a entrega dos trabalhos que faltam.
29/09	Conversa sobre a Bienal.
06/10	Espaço para que os grupos trabalhem em seus territórios e para que tirem dúvidas.
13/10	Apresentação dos trabalhos Encerramento

Avaliação

A avaliação irá ocorrer ao longo das aulas a partir dos seguintes aspectos:

- * Entrega das atividades feitas em sala de aula e/ou em casa.
- * Apresentação dos trabalhos.
- * Participação em aula.
- * Comprometimento em trazer os materiais.

Todos os aspectos relacionados acima foram observados durante as aulas. Foi a forma encontrada para poder ter uma avaliação dos alunos, mesmo que em muitos aspectos atribuir números seja difícil.

Turma 113 durante o estágio

A turma 113 foi uma ótima surpresa em muitos aspectos. Durante as observações tive a impressão que a turma seria indiferente e não teria o envolvimento que teve diante do que foi preparado para eles. Realmente foi um engano. A cada aula, a maior parte deles se mostrou interessado (quando não era um determinado grupo era o outro). Interessante mesmo foi vê-los, aos poucos, se envolvendo com a disciplina. O que não acontecia nas observações, onde eles apenas realizavam atividades sem apresentar seus trabalhos, sem ver o dos colegas.

Os meus maiores problemas sempre foram os atrasos (as aulas eram nos dois primeiros períodos da manhã), os celulares e as tarefas de outras disciplinas que os alunos insistiam em realizar durante a aula de artes. Quanto a isso, foram

feitas combinações e montados esquemas para driblar esses obstáculos. Em relação aos atrasos a solução foi dividi-los em territórios (explicado detalhadamente na descrição das aulas) e isso ser colocado na chamada. Quanto aos celulares, um aviso já na porta para eles serem colocados nas bolsas, mochilas, etc. Em relação às tarefas de outras disciplinas foi combinado já na primeira aula que os últimos 10min de aula seriam para eles olharem e fazerem essas tarefas desde que a sala já estivesse organizada. Todas essas questões foram aceitas pelos alunos e deram resultados, mesmo que, em algumas aulas, eles eram descumpridos.

Fora isso, as aulas foram tranquilas. Conseguimos conversar, trocar ideias e realizar os trabalhos. As primeiras propostas não foram bem aceitas por alguns alunos. Eles não traziam o material, não realizavam o que era para ser feito em casa (tiveram trabalhos que não foram entregues nem com o término do estágio). Em compensação, o último trabalho eles realmente se empenharam em realizar. Durante as aulas eles foram trazendo os materiais, realizando o que era necessário. O resultado foi muito bacana (detalhes mais adiante).

Para a turma 113 também foi feito um projeto relacionado com a Bienal do Mercosul. Ao longo das aulas muitas questões que envolviam assuntos que estavam presentes na mostra e na vida deles foram tratados, mostrando que a arte está mais perto deles do que eles possam imaginar. Dessa forma houve uma maior aproximação com a arte, com a disciplina e com o professor.

Na última atividade realizada, foi o momento que mais me surpreendi com a fala dos alunos e com a relação que eles criaram com a arte (sendo ela boa ou ruim, no meu ponto de vista). Conversamos abertamente, falei sobre o meu propósito com eles e sobre a experiência que foi vivida. Um crescimento tanto percebido neles quanto em mim.

Era uma turma bem homogenia, todos tinham praticamente a mesma idade. Mas as diferenças entre eles eram gritantes, o que contribuiu na elaboração dos trabalhos que não saíram nem parecidos.

Foi importante ter uma proximidade com eles, principalmente recordando de como eu era quando tinha a idade deles (muitos aspectos são diferentes). O mais interessante foi trabalhar com várias ideias que partiam do grupo e na hora dos trabalhos práticos não impor a minha vontade e o que eu imaginava ver. Mas deixar com que eles se expressassem e realizassem a atividade da forma deles e a partir

do resultado poder abrir para diversas discussões e fazê-los pensar sobre as suas escolhas.

Foi realmente importante e gratificante essa experiência com a turma 113. Aprendi muito com eles, com a convivência, as conversas, as trocas. Eles eram maduros e compartilhavam a maioria das propostas, muitos as realizando.

Uma experiência proporcionada a ambos que resultou em bons trabalhos e uma visita à Bienal do Mercosul que contribuiu para a ampliação do conhecimento dos alunos, proporcionando a eles o contato com obras de arte originais, com artistas jovens e questões que estão presentes no nosso dia a dia, aproximando-os mais da arte.

Anexo 3 – Informações aos responsáveis pela visita

INFORMAÇÕES GERAIS AOS RESPONSÁVEIS QUE AGENDARAM VISITAS EDUCATIVAS AO MUSEU LASAR SEGALL Área de Ação Educativa

Desde 1985 a Área de Ação Educativa desenvolve programas educativos. O objetivo principal é permitir que o visitante desenvolva uma percepção visual por meio da contextualização, análise e interpretação da obra de Lasar Segall e outros artistas.

Públicos para atendimento

Salientamos que os limites de quantidades de pessoas por grupo estão relacionados ao melhor aproveitamento da visita e ao limite do espaço físico para a realização da atividade no ateliê.

- Grupos heterogêneos (faixas etárias variadas) de 10 a 35 pessoas por visita.
- Ensinos Fundamental I e II, Médio, EJA e Superior: de 15 a 35 pessoas por visita.
- Educação Infantil (3 a 6 anos): de 10 a 20 crianças por visita.
- Deficientes Auditivos: de 10 a 20 pessoas por visita.
- Deficientes Físicos: de 5 a 15 pessoas, sendo, no máximo, 6 cadeirantes.

O Museu Lasar Segall dispõe de duas cadeiras de roda, sendo uma mecânica e a outra

automática para uso dos visitantes. No caso de necessidade dos equipamentos, o responsável deve comunicar ao Museu Lasar Segall com um dia de antecedência.

- Deficientes Intelectuais: de 10 a 20 pessoas por visita.
- Deficientes Visuais: de 5 a 10 pessoas por visita.
- Pacientes Psiquiátricos: de 10 a 20 pessoas por visita.
- Terceira Idade: de 5 a 25 pessoas por visita.

Duração da visita

- As visitas educativas têm a duração entre uma hora e meia e duas horas, de acordo com a entrevista com o responsável.
- Pedese chegar com antecedência de 15 minutos, pois atrasos acarretarão prejuízos a visita, uma vez que o tempo de atraso não será repostos.

Preparação da visita

O responsável pelo grupo deve ser entrevistado por um educador do Museu até o prazo máximo de 10 dias antes da data da visita.

O objetivo da entrevista é a escolha e discussão dos roteiros de visita e, se desejado, o empréstimo ou aquisição do material didático para preparação na instituição. A entrevista pode ser feita por telefone ou pessoalmente (mediante agendamento).

Conduta no Museu

O responsável pelo grupo deve orientar os participantes quanto às regras básicas de comportamento em museus, tais como: não tocar nas obras de arte, não comer ou beber nas salas de exposição, não utilizar máquina fotográfica ou filmadora durante a visita, não correr, não fumar, todos devem desligar o celular.

A visita educativa

- A turma é recebida pelos educadores;
- O responsável e os acompanhantes devem permanecer junto ao grupo ao longo de toda a visita, inclusive na atividade de ateliê;
- O responsável deve estar atento aos participantes para garantir uma disciplina adequada;
- Bolsas, materiais e mochilas devem ficar no ônibus para maior conforto e segurança para todos;
- Sugerimos que os participantes estejam identificados com etiquetas ou crachás.

Taxa

As visitas são gratuitas.

Instalações do Museu

- Não possuímos estacionamento para ônibus e a permanência destes na entrada do Museu só será permitida no embarque e desembarque do grupo, pois não é permitido que ônibus estacionem na Rua Berta.
- O Museu não possui instalações para o consumo de lanches em grupo;
- As salas de exposição são climatizadas. Portanto, mesmo no verão, recomenda-se o uso de um agasalho leve.

- O Museu possui banheiro adaptado para cadeirantes.

Informações gerais

- Estas recomendações devem ser transmitidas ao grupo e a todos os responsáveis e acompanhantes.
- Caso haja necessidade de mapa com a localização do Museu, entre em contato com a Área de Ação Educativa.
- Qualquer informação ou dúvida a respeito da sua visita educativa entre em contato com nossos educadores de terça a sexta das 09h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00, exceto feriados.
- Informe-se sobre os cursos para professores e outros eventos que o Museu oferece mensalmente.

Museu Lasar Segall – IBRAM/MinC

R. Berta, 111 . São Paulo . SP .

Cep 04120-040

Tel. 11 5574.7322 Fax: 11 5572.3586

Site: www.museusegall.org.br

E-mail: educa@mls.gov.br

Anexo 4 – Roteiros das visitas montadas pelo Museu Lasar Segall.

Caro professor,

Para um maior aproveitamento das visitas feitas ao Museu Lasar Segall propomos alguns roteiros de visita. A intenção é proporcionar um olhar mais focado para as obras, criar relações entre elas e definir um fio condutor que possibilitará maior compreensão dos conteúdos aqui abordados.

Abaixo apresentamos algumas opções de roteiros e, se for de seu interesse, você pode escolher por aquele que melhor dialogue com os assuntos que tem trabalhado ou trabalhará em sala de aula. Outra possibilidade é criar um roteiro junto com um dos nossos educadores.

Após a leitura desta carta, entre em contato por telefone com a Área de Ação Educativa para comunicar a sua escolha, tirar dúvidas ou até mesmo para propor adaptações ou sugestões a fim de tornar a visita o mais agradável possível ao grupo visitante.

Exposição em cartaz: Lasar Segall Processos

Acesse o site www.museusegall.org.br

SUGESTÕES DE ROTEIROS PARA A EXPOSIÇÃO EM CARTAZ:

• AQUARELA E COR

Auditório: biografia do artista adaptada com imagens de obras pertinentes ao assunto de cor e aquarela.

Exposição: Leitura de obras e discussão acerca da linguagem da aquarela, levando em conta as distinções com as pinturas.

Desenho de anotação na exposição, a fim de capturar elementos a serem usados no ateliê.

Ateliê: Demonstração da técnica da aquarela e o uso de materiais específicos.

Os alunos deverão usar o desenho de referência para uma folha de alta gramatura, própria para o uso de aguada e pincéis macios.

Discussão dos trabalhos e impressões da técnica comentada pelos alunos.

Número máximo 35 participantes, com divisão do grupo.

• DE FIO A NAVIO

A estrutura do navio representado na pintura Navio de Emigrantes é o foco desta atividade, que propõe que com fios de barbante o grupo pense como o artista compôs este elemento em especial. A partir deste exercício, produzimos matrizes gráficas utilizando o mesmo material. As impressões dessas matrizes são feitas com tinta guache de diversas cores em papéis coloridos.

Habilidades esperadas: saber dar nó, trabalhar em grupo, sentar-se no chão.

Número máximo 30 participantes.

• DESENHO

Neste roteiro, as linhas e os traços dos desenhos de Lasar Segall viram material para uma percepção focada nessa linguagem artística. Pensar a linha como elemento de construção do desenho e as múltiplas qualidades que ela pode ter são alguns dos assuntos abordados. Como atividade de ateliê, a proposta é experimentar o desenho com materiais não convencionais para essa prática, evidenciando a estrutura linear.

Número máximo 35 participantes.

• JOGO DE PALAVRAS

Neste roteiro, a leitura de uma ou mais obras é o ponto de partida para um jogo de palavras. Através dele, é proposto ao grupo que anotem palavras sínteses relacionadas à obra. No ateliê através de um jogo de desenho e adivinhação elas serão reveladas aos outros grupos e por fim, cada um cria um trabalho plástico individual com materiais diversos considerando os conceitos apresentados.

Número máximo 35 participantes.

• CHARADAS

No jardim, faremos algumas charadas com os alunos, para que eles tenham exemplos de como criar uma charada.

A turma será dividida em pequenos grupos;

Será distribuído, para cada grupo, prancheta, papel e lápis;

Ofereceremos algumas imagens de reproduções de obras do Lasar Segall (que estejam na exposição) para que secretamente cada grupo escolha uma;

A partir da imagem escolhida, eles deverão construir uma charada (elaborar algumas frases que descrevam a imagem de forma subjetiva);

Cada grupo lerá suas charadas para que os outros adivinhem a qual imagem se refere.

Ateliê: Criação de atividade plástica a partir de uma frase determinada pelo educador.

Número máximo 30 participantes.

Indicado para crianças a partir de 12 anos.

• LINGUAGENS

Este roteiro busca abordar as diversas linguagens artísticas presentes nas obras de Lasar Segall (desenho, gravura, escultura, pintura) para discutir suas características e relacioná-las com conteúdos e contextos expressos em seus trabalhos. Também é proposta uma atividade plástica em que a partir de um desenho faz-se um novo trabalho, mas com outra linguagem artística, utilizando materiais diversos.

Número máximo 35 participantes.

• NAVIO EM CENA

Este roteiro propõe ao grupo visitante pensar a obra Navio de Emigrantes através da expressão do corpo e da expressão cênica. Após um exercício de leitura, a turma, dividida em pequenos grupos, escolhe cenas que compõe a pintura para representá-las. Num segundo momento, criam histórias para tais cenas e incluem outros elementos cênicos como roupas, acessórios, instrumentos musicais e objetos diversos para enriquecer a encenação.

Número máximo 35 participantes.

• PROCEDIMENTOS

Este roteiro tem como tema os procedimentos do artista Lasar Segall.

Propõe-se ao grupo visitante um exercício de leitura, discussão de uma pintura e a realização de alguns desenhos de anotação em um pequeno bloco de papel, que se tornam referência para a construção individual de um novo trabalho. Com estas ações o aluno terá condição de realizar uma atividade de ateliê, compondo um trabalho artístico a partir dos fragmentos captados na exposição.

Número máximo 35 participantes

• DESCOBRINDO LASAR SEGALL

Após a apresentação da Biografia do Artista e uma visita geral a exposição, os alunos se organizarão em pequenos grupos para discutir as obras de Lasar Segall descobrindo assim as resoluções plásticas, e as possíveis interpretações desta obra, escolhida por eles. Em seguida o grupo será convidado a compartilhar as discussões em frente a outra obra do artista, escolhida pelo educador a partir da percepção das primeiras discussões. Neste momento apontaremos as semelhanças e diferenças destas soluções plásticas levando em consideração a descoberta dos alunos, a contextualização e suas interpretações. Depois deste exercício será proposto um desenho de anotação em um bloquinho que será a referência para o trabalho final no ateliê que poderá ser uma pintura ou um desenho de acordo com a escolha do aluno.

Número máximo 35 participantes.

Indicado para crianças a partir de 12 anos.

Área de Ação Educativa - Museu Lasar Segall IBRAM/MinC

**Anexo 5 – Ficha preenchida pelos professores no momento do agendamento
(Museu Lasar Segall)**

**Área de Ação Educativa – Museu Lasar Segall
Entrevista com o Professor**

Dia da Visita: __/__/__ M() T() Das __h__ às __h__ _____-feira

Instituição: _____ fone:() _____

e-mail: _____ site: _____

Rede: (M) (E) (F) (P) (O) Cidade:

_____ UF: _____

Responsável pela entrevista/função: _____

Acompanhantes/funções:

CPP Sim/Não Qual módulo?

() subsídios () gravura () tridimensional () temática social () jogos

Informações sobre a visita

Exposição: () Lasar Segall () Exposição temporária: _____

Roteiro: _____

Foco: Obras: _____

Assuntos a serem abordados: () artista/obra () expressionismo () modernismo

() religião () questões sociais () plástica ()

outros: _____

Atividades na exposição: _____

Atividade prática: _____

Foco: Linguagens relacionadas: () desenho () pintura () trid. () corpo () gravura

() monotipia () colagem () materiais diversos () jogos () dinâmicas com
palavras () histórias () outras: _____

Observações _____

Informações sobre o grupo

Ano/faixa etária: _____ Nº de alunos: _____

Características da turma: _____

Há pessoas:

com mobilidade reduzida? () não () sim, especifique _____

com limitações de linguagem? () não () sim, especifique _____

com transtorno psiquiátrico? () não () sim, especifique _____

com deficiência? () não () auditiva () visual () intelectual () física

Outros cuidados com o grupo: _____

Este grupo já participou de visitas monitoradas em museus? () Sim () Não

Já fizeram leitura de obra de arte em sala de aula? () Sim () Não

E atividade plástica? () Sim () Não

Observações

Como ficou sabendo do programa educativo do Museu Lasar Segall?

() pelo Boletim Informativo do Museu () pela escola ou outros professores

() por e-mail () pelo site () por jornal, revista

() Outros: _____

Avisos ao professor: () MD MLS () MEteca () Profº pode fotografar s/ flash

() Trazer agasalho () Visita é gratuita () Trazer ofício () Envio de informações por e-mail () CDMD05

Entrevistado por _____ em ___/___/___

() por telefone

() pessoalmente

Devolver Material Didático em: ___/___/___ Não solicitou empréstimo ()

Anexo 6 – Avaliação do Professor (Museu Lasar Segall)**Museu Escola**

Área de Ação Educativa – Museu Lasar Segall

Avaliação do Professor

Nome: _____ E-mail: _____

Função/disciplina que leciona: _____

N.º de alunos: _____ Série: _____

Data da visita ____/____/____ ()manhã ()tarde

Ofício (sim)(não) Fotos (sim)(não)

O professor da turma preparou este grupo antes da visita? (sim)(não)

Diga sua opinião sobre a visita de hoje:

1) A dinâmica da visita: (A)ótima (B)boa (C) regular (D) ruim

2) Atuação dos Educadores: (A)ótima (B)boa (C) regular (D) ruim

3) Articulação dos conteúdos: (A)ótima (B)boa (C) regular (D) ruim

4) Envolvimento do grupo: (A)ótima (B)boa (C) regular (D) ruim

5) Atividades Práticas no espaço da exposição: (A)ótima (B)boa (C) regular (D) ruim

6) Atividades Práticas no ateliê ou outros espaços: (A)ótima (B)boa (C) regular (D) ruim

A partir de sua avaliação, pedimos a gentileza de compartilhar o seu ponto de vista conosco, comentando a respeito da visita.

Acompanhantes:

Nome/função: _____

email: _____

Nome/função: _____

email: _____

Nome/função: _____

email: _____

Obrigado pela colaboração. Até a próxima visita!

Anexo 7 – Avaliação de quem realizou a visita com a turma (Museu Lasar Segall)

Área de Ação Educativa – Museu Lasar Segall

Comentários do Educador

Educador(es): A _____ / B _____ Assistente: _____

Ac/o de outros profissionais: _____ função _____

Esta visita foi fotografada? () Pela AAE; () Pela instituição

Duração total da visita: _____ Atraso? () Sim ____ min.

Informações sobre a visita:

Atividade	Local	Material	Duração	Educador
			() suficiente () insuficiente () longa min.	
Comente:				
			() suficiente () insuficiente () longa min.	
Comente:				
			() suficiente () insuficiente () longa min.	
Comente:				
			() suficiente () insuficiente () longa min.	
Comente:				

Foco:

Assuntos abordados: () artista/obra () questões plástica () linguagens artísticas

() expressionismo () modernismo () religião () questões sociais

() outros: _____

Linguagens relacionadas: () desenho () pintura () gravura/monotipia () colagem

() tridimensional () corpo () jogos () dinâmicas com palavras () histórias ()

outras: _____

Cite qual foi o fio condutor que relacionou as atividades propostas e comente

Informações sobre o grupo:

Durante a visita, algumas regras foram reforçadas? () Sim () Não.

Quais? _____

Característica da turma: _____

Envolvimento () ótimo () bom () regular () ruim

A estrutura da visita foi adequada para o grupo? () Sim () Não

Comente: _____

Envolvimento do responsável com o grupo () ótimo () bom () regular () ruim

Comente: _____

Observações gerais:

Anexo 8 – Programação dos cursos para professores no Museu Lasar Segall Calendário de cursos 2011 – Área de Ação Educativa

Subsídios para utilização do material didático

Oferece subsídios para o desenvolvimento de estratégias criativas para o uso dos materiais didáticos. Serão desenvolvidas atividades na exposição e no ateliê.

Curso gratuito.

Orientadora: Elaine Carvalho Fontana

Data: 19 de março de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 15 à 17 de março pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

Jogos e brincadeiras a partir da obra de Lasar Segall

Curso que oferece subsídios para o desenvolvimento de jogos e brincadeiras em sala de aula, como alternativa de apreciação da obra do artista. Serão desenvolvidas atividades na exposição e no ateliê.

Curso gratuito.

Orientadora: Elaine Carvalho Fontana

Data: 21 de maio de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 17 à 19 de maio pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

A tridimensionalidade na obra de Lasar Segall

Curso com ênfase nos relevos e esculturas de Lasar Segall e suas possibilidades educativas em sala de aula. Serão desenvolvidas atividades na exposição e no ateliê.

Curso gratuito.

Orientadora: Marina Herling

Data: 18 de junho de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 14 à 26 de junho pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

A gravura de Lasar Segall

Curso temático que oferece subsídios para melhor exploração das técnicas de gravura e suas possibilidades educativas em sala de aula. Serão desenvolvidas atividades na exposição e no ateliê.

Curso gratuito.

Orientadora: Marina Herling

Data: 30 de julho de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 26 à 28 de abril pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

Processo de Criação e Leituras a partir da obra de Lasar Segall para estudantes de graduação

A partir da obra de Lasar Segall será estudado seu processo de criação e realizaremos a leitura de suas obras.

Curso gratuito.

Orientadora: Elaine Fontana

Público: Estudantes de graduação

Data: 20 de agosto de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 16 à 18 de agosto pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

A gravura de Lasar Segall

Curso temático que oferece subsídios para melhor exploração das técnicas de gravura e suas possibilidades educativas em sala de aula. Serão desenvolvidas atividades na exposição e no ateliê.

Curso gratuito.

Orientadora: Marina Herling

Data: 17 de setembro de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 13 à 15 de setembro pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

A tridimensionalidade na obra de Lasar Segall

Curso com ênfase nos relevos e esculturas de Lasar Segall e suas possibilidades educativas em sala de aula. Serão desenvolvidas atividades na exposição e no ateliê.

Curso gratuito.

Orientadora: Marina Herling

Data: 22 de outubro de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 18 à 20 de outubro pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

Moderno e Contemporâneo – diálogos entre Lasar Segall e artistas contemporâneos

Este curso visa proporcionar vivências artísticas através do fazer, apreciar e refletir por meio de trabalhos modernos e contemporâneos.

Curso gratuito.

Orientadora: Elaine Fontana

Data: 26 de novembro de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 22 à 24 de novembro pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

A gravura de Lasar Segall

Curso temático que oferece subsídios para melhor exploração das técnicas de gravura e suas possibilidades educativas em sala de aula. Serão desenvolvidas atividades na exposição e no ateliê.

Curso gratuito.

Orientadora: Marina Herling

Data: 03 de dezembro de 2011

Horário: sábado, das 09h00 às 16h00

Nº de vagas: 25

Inscrições: 29 de novembro à 1 de dezembro pelo telefone (11) 5574-7322, das 9h00 às 18h00

Anexo 9 – Ficha de agendamento Fundação Iberê Camargo

Ficha de confirmação de agendamento

Programa Educativo - Fundação Iberê Camargo

DADOS DA ESCOLA / INSTITUIÇÃO

Nome completo:

Endereço:

Bairro:

CEP:

Cidade:

Fones:

e-mail:

DADOS DE AGENDAMENTO

Data da visita: 08/02	Deseja trabalhar com Diário de Bordo com os seus alunos durante a visita mediada? <input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO O trabalho com Diário de Bordo é realizado no espaço expositivo e exclui a realização de atividade na oficina.
Horário: 14h	
SEM OFICINA	
SEM ÔNIBUS	
Roteiro de visitação: <input checked="" type="checkbox"/> Exposição de Acervo: Iberê Camargo – Os meandros da memória <input checked="" type="checkbox"/> Convivências –10 Anos da Bolsa Iberê Camargo Marque apenas uma opção.	
Dados do grupo: Número de participantes: Faixa etária dos alunos: Máximo 50 alunos com transporte particular e 42 alunos com transporte da Fundação Iberê Camargo	
Particularidades e necessidades especiais: Há alunos com necessidades especiais na sua turma? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO Que tipo? Necessita intérprete de libras? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO Necessita cadeira de rodas? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO A Fundação Iberê Camargo não dispõe de programa de atendimento para deficientes visuais.	

DADOS DOS RESPONSÁVEIS

Professor responsável (nome completo):

Documento de identidade (número e órgão emissor):

Área de atuação/cargo:

e-mail:

Fones:

Professor acompanhante 1 (nome completo):

Documento de identidade (número e órgão emissor):

Área de atuação/cargo:

e-mail:

Fones:

Lista nominal dos participantes

(Máximo 50 alunos com transporte particular e 42 alunos com transporte da Fundação Iberê Camargo)

Informações úteis para a Equipe do Programa Educativo

Caro professor(a), para melhor atendê-lo, necessitamos de algumas informações sobre a sua relação com a Fundação Iberê Camargo e sobre o trabalho que vem realizando com os seus alunos. Estas informações ajudarão os mediadores a planejarem o atendimento a fim de atender os seus objetivos específicos com a visita. Informamos que estes dados são de extrema importância para a realização de oficinas durante as visitas mediadas na Fundação Iberê Camargo.

- Participaste do Encontro de Orientação de Professores sobre a exposição que pretendes visitar?

()SIM ()NÃO

- Desenvolveste algum trabalho prévio com os seus alunos para esta visita? Qual?
- A turma já visitou outras exposições de arte e centros culturais? Quais?

- A mediação será conduzida conforme o seu interesse. Descreva de forma clara, tudo o que achares importante que os mediadores saibam sobre o seu trabalho e as turmas para melhor conduzir a visita na Fundação. A seguir estão algumas questões importantes a serem esclarecidas.
 - Qual o seu objetivo específico para esta visita?
 - O que pretende realizar com os seus alunos após a visita?
 - Qual a relação do trabalho que vens desenvolvendo com os seus alunos e o objetivo da visita?
 - Como achas que a visita pode contribuir com este trabalho?
 - A turma irá visitar outros espaços neste projeto? Quais?
- Caso estejas realizando um projeto de classe relacionado com o Programa Educativo da Fundação Iberê Camargo, favor descrevê-lo.

Orientações aos visitantes

Você é o responsável pela disciplina e conduta do seu grupo durante a visita, bem como por eventuais incidentes, portanto, é importante observar as orientações abaixo e zelar por elas durante a visita:

1. Trabalhe com sua turma antes de vir à exposição. Use o material que você recebeu, lá você encontrará orientações quanto às atividades de preparação das turmas para as visitas à nova sede da Fundação;
2. Recebemos grupos de até 50 alunos/participantes por horário. As turmas serão divididas em dois grupos de no máximo 25 participantes para facilitar o trabalho do mediador e oportunizar uma melhor apreciação das exposições. **Para cada 20-25 participantes é necessário um professor ou responsável. Grupos de crianças com idade entre 4 e 6 anos deverão ter 2 professores ou responsáveis para cada 10-15 alunos,**

estes grupos ficam limitados a 30 participantes por horário. **Não serão aceitos grupos sem responsáveis. É responsabilidade do acompanhante manter o seu grupo agregado e atento ao trabalho.**

3. Organize seu grupo de forma a melhor aproveitar a lotação do ônibus da Fundação (44). Escolas que não utilizarem a lotação do ônibus de forma otimizada, não terão acesso ao transporte em agendamento futuro. Durante a viagem, **os alunos não devem colocar braços e cabeças para fora da janela, DEVEM VIR TODOS SENTADOS, cada um num banco e não devem deixar lixo no ônibus.**
4. **Recomenda-se não trazer mochilas e volumes grandes para a visita à exposição.** Havendo a necessidade de trazê-los, pede-se guardá-los na chapelaria (térreo) antes de iniciar a visitação. Casacos pesados também devem ser guardados. Bolsas devem ser conduzidas na mão, tomando-se o cuidado de não se aproximar das obras. Estas medidas visam ao conforto dos visitantes e a preservação das obras.
5. **Não é permitido no espaço expositivo,** por motivos de conservação e preservação das obras:
 - aproximar-se ou tocar nas obras e nas vitrinas expositivas;
 - apoiar-se ou apoiar objetos nas vitrinas expositivas;
 - Fotografias com ou sem flash são permitidas.
6. Não há espaço para lanches nas dependências da Fundação. **É expressamente proibida a ingestão de quaisquer bebidas ou alimentos nas salas expositivas (inclusive chicletes e balas).**
7. Lembre-se, você está levando a sua turma para um trabalho com objetivos específicos que será realizado por uma equipe competente e bastante solicitada. Oriente a sua turma para que saibam aproveitar esta oportunidade. É importante que todos entendam as especificidades do espaço e saibam portar-se de maneira pertinente a uma atividade voltada à produção de conhecimento e à reflexão. Respeite o ambiente e os

demais visitantes: **não permita que os alunos corram ou façam ruídos em demasia.**

8. Para a segurança do grupo e dos demais visitantes, **não permita que os alunos se debrucem sobre os parapeitos ou apóiem objetos sobre os mesmos; não permita que corram pelas rampas.**
9. **Não permita que os alunos risquem paredes e banheiros.**

A Fundação Iberê Camargo agradece a sua compreensão e deseja a você e ao seu grupo uma boa visita. É muito importante para o Programa Educativo ter um retorno da validade das visitas realizadas, bem como uma avaliação das mesmas. Envie para a Fundação algum registro a respeito, bem como idéias, observações, críticas e sugestões. Se preferir, envie anexos de trabalhos realizados e depoimentos.

Anexo 10 – Questionário avaliativo do Projeto Educativo da FVCB



Instituto de Artes

Departamento de Artes Visuais

Curso de Licenciatura em Artes Visuais

Fundação Vera Chaves Barcellos

Avaliação geral referente à participação dos professores da rede de ensino estadual e municipal da cidade de Viamão no início do projeto educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos.

Olá, Professor!

Estamos realizando um levantamento sobre o seu contato com a Arte e com a Fundação Vera Chaves Barcellos para realização de uma reflexão sobre Projetos Educativos, formação do professor de Arte e Escolarização, com o objetivo de desenvolvimento de um Projeto de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Visuais focalizando esse tema.

Para essa reflexão elaboramos algumas questões que estão descritas abaixo. A partir daqui objetivamos conhecer e refletir sobre as suas necessidades articulando com as possibilidades do atual Projeto Educativo em desenvolvimento na Fundação.

Formação:

Área de atuação (disciplina ou cargo na escola, série em que leciona, etc.):

Escola:

Rede de Ensino:

- **Professor de Arte e Cotidiano em Sala de Aula.**

1. Descreva-nos, brevemente, como é o seu ambiente escolar.

2. Pense em como você percebe e pensa a Arte. Faça uma lista (10 itens) do que pode ser considerado Arte para você.
3. Observando a sua lista, tente refletir, em um parágrafo, sobre o que é Arte?
4. Pensando em suas aulas dessa área de Conhecimento: que matérias (conteúdos) fazem essa matéria chamada Arte? Para você, o que é ensinar arte?
5. Como subsídio para ajudar com futuros projetos da Fundação e de acordo com suas reflexões sobre suas concepções e definições de Arte, pense no que você apresenta para seus alunos. Como você constrói em sala de aula a aproximação com a área de Conhecimento da Arte e com a própria Arte? Como se aprende Arte na escola?

• **O Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos.**

1. O que o motivou a participar do Projeto?
2. Qual a sua opinião sobre:
 - a. As atividades:
 - b. Conteúdos apresentados:
3. Faça uma breve reflexão sobre as mudanças que você percebeu em sua visão de Arte. Caso não tenham ocorrido mudanças nos informe sobre isso.
4. Relembrando os encontros: busque em sua memória e nos relate sobre o que foi mais significativo nos momentos em que você participou. Em que aspectos esse início do Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos pode contribuir para a sua formação pessoal e em especial, para a sua docência?
5. Agora, faça um “balanço” sobre o que já foi possível modificar em sala de aula e também na relação com seus alunos.

• **Retornando a Fundação para continuação e aperfeiçoamento do Projeto.**

1. Ajude-nos a tornar mais significativos e produtivos os encontros educativos na Fundação. Diga-nos que outros assuntos e atividades, relacionados a Arte você gostaria que fossem abordados?
- 2.

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
*Horário proposto:				

*Carga horária:				
Atividades propostas:				
Conteúdos trabalhados:				

*se o horário e a carga horária não forem satisfatórios, informar se foi excessivo ou insuficiente.